RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS

Xavier de Mattos, João

RIMAS

DE

JOÃO XAVIER DE MATOS

ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE

ALBANO ERITHREO

DEDICADAS Á MEMORIA
DO GRANDE

LUIZ DE CAMÕES

PRINCIPE
DOS POETAS PORTUGUEZES
DADAS Á LUZ
POR
CAETANO DE LIMA E MELLO.

TOMO PRIMEIRO.

Terceira Impressão.

LISBOA

NA REGIA *OFFICINA* TYPOGRAFICA. 1782.

Com licença da Real Meza Censoria.

Vende-se na loja da Impressão Regia á Real Praça do Commercio

Nem eu delicadezas vou cantando,
Co' gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mi passadas,
Oxalá forão fabulas sonhadas.

CAMÕES. *Canç.* X.

PROLOGO

JUDICIOSO Leitor, as Poeſias de JOÃO XAVIER DE MATOS tão conhecidas, e eſtimadas dos noſſos Portuguezes, são as que offereço neſte pequeno volume á tua curioſidade: Elle poderia ſer maior, ſe fora vencivel o pouco apreço, que faz o A. das ſuas admiraveis compoſições, tanto em prejuizo dos que amão a bella ſimplicidade, e prézão mais os veſtidos proprios da natureza, do que os adornos empreſtados da Arte: Tu, que devo ſuppôr deſte número, não deſapprovarás o trabalho, que tomei, para dar-te a ler em hum ſó Livro os Teocritos, os Lobos, e os Bernardes.

Vale.

SO-

SONETO

AFOITO córte o mar o navegante,
Por engroſſar nos lucros a fazenda:
Feche o ſoldado os olhos na contenda,
Por deixar do valor próva baſtante:

Palacios mil o cortezáo levante,
Porque a cega liſonja mais o attenda:
O Rei grandes exercitos eſtenda,
Por conquiſtar a terra mais diſtante:

Trabalhe em fim por terra, e mar profundo
A louca, immoderada gente humana,
Que eu na minha pobreza he que me fundo:

Já huma alta ventura náo me engana:
Seja a todos pequeno embora o Mundo,
Que eu caibo *muito bem* neſta choupana.

SO-

SONETO

MArino pescador no Téjo andava,
Deitando a rede hum dia, e outro dia;
Mas por mais que a deitava, e recolhia;
Não recolhia mais que o que deitava,

Outra vida buscar determinava,
Vendo tão contra si a pescaria:
Do lanço, e do batel se despedia,
E nas humidas praias o encalhava.

Na pobre vida de pastor succede;
Mas faltão-lhe os cabritos na espessura,
Como algum dia os camarões na rede;

Por quanto he natureza a desventura;
Em vão he trabalhar; que não procede
Da mundança do estado a da ventura.

SONETO.

NEsta Aldea, onde estou, meu bom Fileno,
Graças a Deos, alegremente passo:
Pesco humas vezes, outras vezes caço:
O ar he são, he fertil o terreno.

Não bebo aqui de amor cruel veneno,
Nem ouço as vis escusas de hum escaço;
Não ando ás cortezias; e se as faço,
He a quem me não tem por mais pequeno.

Os homens são fieis; ha temperança
No vestir, e comer; paz, e alegria
Vivêrão sempre nesta vizinhança,

A idade de Ouro pouco mais sería;
Só me falta huma Bemaventurança,
Que era o ter-vos na minha companhia.

SONETO

LA' vem apparecendo a minha Aldea
Junto daquella ſerra deſabrida,
Que por entre arvoredos eſcondida
Confuſamente a viſta me recrea.

Mas a qual creatura ſerá fea
A habitação, aonde foi naſcida!
Por mais grandeza, em que ſe paſſe a vida,
Sempre em fim he madraſta a terra alhea:

Alli, fugindo ás mãos de quem me engana,
Soubera-me livrar das falſidades,
Que o Mundo tece á ſimples gente humana;

Quem de todo abraçára eſtas verdades;
E lá da minha ruſtica choupana
Diſſeſſe, para ſempre: A Deos Cidades!

SONETO

NAõ chóro como aquelle, que em perigo
Naufragou entre as ondas soçobrado:
Nem clamo, como o misero soldado,
Que foi cahir nas lanças do inimigo:

Náo gemo como aquelle, que em castigo
Tocou duros grilhões encarcerado:
Nem pasmo como algum, que desterrado
Perdeo da amada Patria o doce abrigo:

Sinto mais forte mal, pena mais dura;
Pois sem nunca sahir da minha Aldea,
Inda a vida anda em mim menos segura:

E se náo, vejáo se ha cousa mais fea,
Que vir a precisar (triste Ventura!)
Na propria terra de cabana alhea!

SONETO

Vaõ os annos fugindo, e vai a idade
Correndo apôs dos meus: Vão as tardanças
Entre consumidoras esperanças
Gastando inutilmente a mocidade:

Huma vez desengana-se a vontade
No contínuo exercicio das mudanças;
Outra vez já tentada das lembranças,
Se torna a confiar da variedade:

Assim se passa o tempo mal seguro,
Continuamente fabricando enganos,
Com que a todos promette hum bem futuro;

Mas eu, que estou exprimentando os danos
De tão incerta vida, que procuro?
Se não me aproveitar dos desenganos?

SONETO

JA', Fortuna cruel, tenho aſſentado,
Por mais eſtaveis bens, que me offereças,
Que de balde no engano me intereſſas,
Pois já vivo incapaz de ſer tentado.

Se tenho ha tanto tempo exprimentado,
Que ſó para os roubar, he que os começas;
Agora guarda as tuas vans promeſſas,
Que eu te perdoo haveres-me enganado.

Dos teus dons apparentes deſconfio;
Sómente da razão não deſeſpero,
Com que a viver ſeguro principio:

Já nem me tardas, nem tambem te eſpero;
E ſe quanto me offreces renuncio,
Tudo me ſobra, porque nada quero.

SONETO

SAlve, Templo ſeguro, onde a vontade,
Os naufragios de Amor já não recea,
Beijando aquelle Altar, que ſe alumea
Da inextinguivel tocha da verdade:

Aqui deixo á razão, e á liberdade
Deſpedaçada a miſera cadea;
Agora iſenta a alma, e livre a idea
Ouvirei cá de longe a tempeſtade:

Gemendo eſtão os miſeros humanos;
E a mim já não me altera aquelle eſtrondo,
Que inſurdeceo eſta alma tantos annos:

De lá me chama Amor, e eu não reſpondo;
Que para não me urdir novos enganos,
Nunca mais ſaberá, que aqui me eſcondo.

SONETO.

SE acaſo deito a viſta da lembrança
Pelos longos deſertos do paſſado,
Não encontra o ſolícito cuidado,
Mais que apenas os ſitios da mudança:

Se a memoria outra vez, que não deſcança,
Se volta para o tempo não chegado,
Nas contingencias de hum futuro eſtado
Tropeça com mil riſcos a eſperança:

Em fim, ſe na preſente adverſidade
Recordo eſtas razões, baſta hũ ſó dia,
Para fazer-me triſte em toda a idade:

Pobre idéa, cançada fantezia?
Que não deſcobre em tanta variedade
O mais pequeno inſtante de alegria!

SONETO

MIl tempos resisti á força dura
Do fero Amor; mas elle acautelado
Tinha a ultima industria escogitado
Em se valer da vossa formosura:

Assim o fez: Mostrou-me a face pura;
Quiz fugir-vos, não pude; enamorado
Perdi o esforço de que andava armado,
Que de vós nenhuma alma está segura:

De meu amor cruel executora,
He toda vossa a gloria da conquista,
Recolhei os triunfos vencedora:

Quem no Mundo haverá q̃ vos resista?
Se o mesmo Amor, para render-me agora,
Foi pedir o soccorro á vossa vista?

SONETO

QUando nas mãos de Amor me vi sujeito,
A razão em mil erros consentindo,
Jurei de nunca mais, em lhe fugindo,
Sujeitar-me a seu barbaro preceito.

Ora pude escapar-lhe, e ver desfeito
O duro laço, que me andára urdindo,
Até que pouco a pouco fui sentindo
De novas chammas inflammar-se o peito.

Olhando então por mim, achei quebrada
A ligeira promessa, a hum brando rogo,
Por minha propria mão sacrificada;

Que juras contra Amor, por desafogo,
São votos de tormenta já passada,
Que depois que serena esquecem logo.

SONETO

Vem, ó Ninfa gentil, que não merece
O meu antigo amor, que assim te escondas:
Vem, doura as aguas desse mar, que sondas,
Bem como o faz o Sol, quando amanhece.

Se a conversação minha te aborrece,
Já não digo, cruel, que me respondas;
Mas se quer, lá de longe sobre as ondas,
A meus saudosos olhos apparece.

Como se me figura, ó Ninfa amada,
Que já o crystallino corpo erguendo,
Vens sobre as crespas ondas levantada;

Mas só vem meu engano apparecendo;
Era huma onda, ergueo-se encapellada,
Lá se vai entre as outras desfazendo.

SONETO

TRaz-me aos males de Amor tão costumado
O meu forçoso, o meu cruel Destino,
Que em ser alegre já, não imagino,
Pois vivo de viver desesperado.

Deo-me a beber, por cópo tão dourado,
O veneno de Amor desde menino,
Que as mesmas qualidades de malino
Me tem naturalmente sustentado.

O proprio mal, que a todos mais consume,
Porque nasce de Amor, he o meu sustento;
Que a quem he fógo, não offende o lume.

Já matar-me não póde o meu tormento;
Pois creado com elle por costume,
Fez em mim natureza o sentimento.

SONETO

FUgindo fui de Amor, que me ſeguia
Com arco, aljava, e ſettas indignado,
De ver que tantos tiros tinha errado,
Sem lhe deixar fazer a pontaria.

Voltando o roſto ás vezes lhe dizia,
Como quem hia de correr cançado:
Que me queres, cruel? Deſenganado
Já puderas eſtar da vá porfia.

Eis-que ſubitamente me apparece
Defronte a iniqua Mái, que em mím pegav.
Porque fugir ao Filho não pudeſſe;

Mas como eu, della, já ferido andava;
Amor, que o golpe vio, deſapparece,
Mettendo as ſettas outra vez na aljava.

SONETO

QUe me quereis, memorias de algum dia?
Trazer-me nova mágoa á conjectura?
Onde he táo diligente a desventura,
Escusa mensageiros a agonia.

Se vindes por fazer-me companhia,
Eu cedo desse obsequio; que he loucura,
Náo podendo eu comvosco ter ventura,
Quererdes vós comigo ter valia.

Deixai-me descançar, triste memoria!
Que além de sem razáo, será fraqueza
Conseguir de quem foge huma victoria.

Deixai-me; e se nasceis da ligeireza,
Com que voou a minha instavel gloria,
Segui-lhe agora a mesma natureza.

SONETO

SO' com o Grande, e immortal Camões
Me ponho a conversar noites, e dias:
Ora nas lacrimosas Elegias,
Ora nas magoadissimas Canções:

Aqui me conta mil perseguições
De Fortuna, e de Amor por tantas vias;
Que olhando para as minhas agonias,
Tirando sempre vou sabias lições.

Sobre elle os olhos outras vezes paro
Já meios de agua; e digo então comigo:
Oh alma grande, espirito preclaro!

Que em vão me queixo ao Ceo do meu castigo!
Pois como não será comigo avaro,
Quem foi tão pouco liberal comtigo?

SONETO

DO gosto, que já tive n'outra idade,
Que faço em recordar a longa historia?
Senão serve de mais esta memoria,
Que para mantimento da saudade?

Só póde da apprehensão a actividade
Fingir presente a cousa transitoria:
Que lucro pois, de andar fingindo a gloria,
Senão fazer invejas á vontade?

Ora eu hei de vencer esta porfia,
Por ver se hum pouco o coração descança,
Indo pôr n'outra parte a fantezia.

Mas oh desejo vão, louca esperança!
Como posso esquecer-me da alegria,
Se consiste o meu mal nesta lembrança?

SONETO

NEste, que julga o Mundo abatimento,
Em vez de me alterar, vou conformado:
Se em qualquer tempo, ſe em qualquer eſtado
He certa a quéda, de que ſerve o augmento?

Se hum longo, e perennal contentamento
Entre os humanos a ninguem foi dado;
Embora gyre o meu voluvel Fado,
Com tanto que me deixe o ſoffrimento.

Eu parto, fim, com animo diſpoſto;
E quanto mais o meu pezar profundo,
Tanto a razão o vai trocando em goſto.

Indá o deſterro me ſerá jucundo;
Porque tendo á deſgraça alegre o roſto,
He Patria para o ſabio todo o Mundo.

SONETO

ga, Lucrecia, no punhal violento,
ndo exemplo de constancia ao Mundo,
uta no peito hum sem segundo
ieroica acção honrado atrevimento.

rece que bastava o seu tormento
zer-lhe inda hũ golpe mais profundo;
não póde com animo iracundo
rar que a matasse o sentimento:

re a fatal ferida, o sangue corre
mir tanta injúria; e antes que clame
Esposo a offensa, honradamente morre.

uel parece, mas ninguem lho chame,
isera Lucrecia; pois discorre
ha morte honrada, quando ha vida infame.

SO-

SONETO

QUantas vezes pacifico, e contente
Debaixo daquella arvore sombria,
Deitado sobre a relva adormecia,
Ouvindo murmurar esta corrente?

Quantas tocando a flauta alegremente,
(Porque inda então d'amores não sabía)
O pequeno rebanho que trazia,
Era todo o meu trafego innocente?

Perdi a quietação desta bonança;
E só n'um voltar de olhos, sem cautela,
Perdi tudo o que tinha na esperança:

Ninguem se fie em si, e menos nella:
Em fim, porque não tenha igual mudança,
Se acaso vir Lorinda, fuja della.

SONETO

PEga, Lucrecia, no punhal violento;
E dando exemplo de constancia ao Mundo,
Executa no peito hum sem segundo
De heroica acção honrado atrevimento.

Parece que bastava o seu tormento
A fazer-lhe inda hũ golpe mais profundo;
Mas não póde com animo iracundo
Esperar que a matasse o sentimento;

Abre a fatal ferida, o sangue corre
A remir tanta injúria; e antes que clame
Do Esposo a offensa, honradamente morre.

Cruel parece, mas ninguem lho chame,
A misera Lucrecia; pois discorre
Que ha morte honrada, quando ha vida infame.

SONETO

FIlho, por mais que a Praça combatida
Vejas, ou por valor, ou por destreza,
Não recees morrer; porque a vileza
Só consiste na entrega, ou na fugida:

Ainda que ceda a espada enfraquecida,
Corra por conta da alma a fortaleza:
Não está na tua mão ganhar a empreza,
No teu valor está perder a vida.

Eu tambem aqui morro; mas o honrado
Constante amor da Patria está primeiro:
Bem to deixo na acção recommendado;

Que se á Praça não sirvo já guerreiro,
Ao menos no conselho, que te hei dado,
A soccorro depois de prizioneiro.

SONETO

NAõ foi divida só, mas natural
Em vós, do sal a nova promoção;
Que ministrado por tão sabia mão
Ninguem se deve desgostar do sal.

Será o bem commum, será igual
No gyro da fiel distribuição;
Que o mesmo sal, que impede a corrupção,
Tambem corrompe, se se applica mal.

Dando á terra de novo outro esplendor,
Fareis em minas de ouro converter
As marinhas do sal, que daqui for.

Os nacionaes, e estranhos o hão de ver;
E huns, e outros vos darão louvor,
Em quanto o Sado para o mar correr.

SONETO

Meu Pai, o nupcial ajuntamento
Foi sempre todo o objecto ao meu cuidado;
Achei Consorte em discrição, e agrado
De nobre, e singular merecimento.

Ella tem das virtudes o ornamento:
Não ha dote mais rico; e o nosso estado
Para ser tão feliz, como sagrado,
Só lhe faltava o seu consentimento.

Bem que delle abusei, ao que parece,
Os meus designios regulei de sorte,
Que queixar-se a razão nunca pudesse:

Nem ha para o perdão outra mais forte,
Que ser tal a Consorte que elegesse,
Qual buscando-ma Tu, fosse a Consorte.

SONETO

OUvio Amor teu canto, e ſurpendido
Da magica harmonia, que eſcutava,
O arco, e as duras ſettas, que empunhava,
Deixou cahir das mãos, como eſquecido.

Depois tornando em ſi mais advertido,
A teus mimoſos pés depoz a aljava;
E aquelle, que vencendo almas andava,
De teu celeſte canto foi vencido.

Cada vez cheio de mais novo eſpanto
Amor confeſſa, que da humana gente
Os corações não ſabe mover tanto.

Rendeo-te as armas: Como andou prudente!
Pois de que ſervem ellas, ſe o teu canto
Fere inda às almas mais ſuavemente?

SONETO

A Caso fui senhor, rico, estimado,
Que perdesse depois honra, e dinheiro?
Depois de General, fui prizioneiro?
Desci do aureo Sceptro ao vil cajado?

Fui guardador de numeroso gado;
A quem depois ficasse hum só cordeiro?
Fiz serviços á Patria aventureiro,
Que me visse depois mal premiado?

Se nada disto fui, onde me querem
Levar idéas vans, que o Fado ordena,
Só porque mais o meu socego alterem?

Seja qualquer que fôr a minha pena:
Oh bemaventurados os que derem
Ao cahir huma quéda tão pequena!

SONETO

Que será isto? As Ninfas enfeitadas?
O Téjo a longa barba penteando?
Os Pastores as frautas temperando?
Sem comer as pacificas manadas?

Todas as portas dos casaes juncadas?
Fóra do ninho os passaros cantando?
E nos troncos das arvores gravando
Letreiros as Serranas apressadas?

Hei de chegar-me a ler, porque o que vejo,
E traz a todos geralmente ufanos,
Denota algum grandissimo festejo:

Diz o letreiro: *Alviçaras, Serranos,*
Que a Ninfa Tutelar do nosso Téjo,
A formosa Filippa, hoje faz annos.

SONETO

HUns graciosos olhos matadores,
Que ás vezes por mortaes ficão mais bellos,
Huns dourados finissimos cabellos,
Das madeixas do Sol desprezadores:

Humá face, de donde as proprias cores
Da matutina luz tirão modêlos;
Huns agrados tão doces, sem fazellos,
Que por elles Amor morre de amores;

Hum riso tão parcial da honestidade,
Que no insensivel causará destroço,
Quanto mais na razão, e na vontade:

Esta he a Minha: Oh timido alvoroço!
Eu tomo de dizello a liberdade:
Esta he a Minha . . . a Minha . . . mas não posso.

SONETO

POr que foges, Paſtora, a hum deſgraçado,
Correndo atrás de ovelhas neſte outeiro?
Olha que inda que ſou pobre vaqueiro,
Val o meu coração mais que o teu gado:

Sem ti ando ha mil dias deſgarrado:
Eſpera hum pouco; que náo he primeiro
Acudir aos balídos de hum cordeiro,
Que ás queixas de hum Paſtor deſconſolado.

Mas vai, Paſtora, a mais cruel que há hoje;
Náo queira o Ceo, que tanto me perſegue,
Que o meu continuo ſuſpirar te enoje.

Socega tu, e eu tambem ſocegue;
Já que por hum rebanho, que te foge,
Queres deixar huma alma, que te ſegue.

SONETO

EU vi huma Paſtora em certo dia
Pelas praias do Téjo andar brincando,
Os redondos ſeixinhos apanhando,
Que no puro regaço recolhia.

Eu vi nella tal graça, que faria
Inveja a quantas ha; e o géſto brando,
Com que o ſereno roſto levantando,
Parece namorava quanto via.

Eu vi o paſſo airoſo, a compoſtura,
Com que depois me pareceo mais bella,
Guiando os cordeirinhos na eſpeſſura.

Eu o digo de todo; vi a Eſtélla:
De graça, de candor, de formoſura
Só poderei ver mais, tornando a vella.

SONETO

CRuel, fica-te em paz, e o vil intento
Consegue embora, como o tens disposto:
Teus olhos, tuas lagrimas, teu rosto
Já nada tem comigo valimento:

Já está no meu feliz conhecimento
Restaurada a razão, perdido o gosto:
Nem he a vez primeira, que o desgosto
Faz cobrar o perdido entendimento.

A mesma dor da offensa recebida
Me fez tornar a mim: Já não me falles
Na rota fé mil vezes promettida;

E por mais ansias, que affectada exhales,
Chega tarde o remedio da ferida,
Que eu já curei meus males com meus males.

SONETO

SE intentais nesse engano industriosa
Ser a minha gentil fera homicida,
Para que he de cruel tirar-me a vida,
Quando podeis matar-me de formosa?

Fareis, mostrando a face portentosa,
Que fique sendo a morte appetecida:
Deixai de acautelar-vos escondida,
Que em vós indicios são de criminosa.

Assim me matareis mais á vontade,
Mostrando-me essa Angelica figura:
Que o mais não he valor, fora impiedade:

Tão infame sereis, e eu sem ventura,
Que por dar hum triunfo á crueldade,
Negueis huma victoria á formosura?

SONETO

ADeos, Pastora ingrata; já de Aleixo
Não te recordes mais, perde a esperança;
Que eu apago tambem a segurança,
Que no tronco gravei deste alto freixo.

Mas se entre os desenganos, que te deixo,
Ainda recordo a tua infiel mudança,
O tempo riscará esta lembrança,
Que tambem a corrente gasta o seixo.

E posto, que lembrar-me possa a historia
Do nosso amor, por força da saudade,
Háo de os aggravos confundir a gloria:

Mas triste allivio he este na verdade!
Se inda para riscar-te da memoria
Preciso que me lembre a falsidade.

SONETO

SE eu me vira n'hum bosque, onde não desse
Sinal, vestigio humano de habitado,
De verdenegras ramas tão fechado,
Que ainda alli de dia anoitecesse:

Se então lá de hũa balsa ao longe houvesse
Gemendo hum mocho, e todo o mais calado;
Só d'entre alguns rochedos pendurado
Com som medonho, hum rio alli corresse:

Em fim n'hum lugar tal, onde os meus dias
Consumindo-se fossem na certeza
De não tornarem mais as alegrias:

Faminta ainda a triste Natureza,
Cercada alli de tantas agonias,
Nem então se fartára de tristeza.

SONETO

DEpois que a mil tormentos offrecido,
Já de mui larga idade tinha o peito,
Amor me appareceo tão contrafeito,
Que me enganou depois de conhecido.

Parece que ou Amór compadecido,
De meus males eſtava ſatisfeito;
Ou que eu de nóvo á dura Lei ſujeito,
Tinha já ſeus enganos eſquecido.

Mas não foi erro em mim, nem nelle engano:
Em mim, porque mui bem o conhecia;
Nelle, porque mil vezes foi tyranno.

Pois donde tal deſordem naſceria?
Da fraqueza naſceo de hum peito humano,
Que do meſmo que teme, ſe confia.

SONETO

QUe assim sahe a manhã serena, e bella!
Como vem no Orizonte o Sol raiando!
Já se vão os outeiros divisando:
Já no Ceo se não vê nenhuma Estrella:

Como se ouve na rustica janela
Do patrio ninho o rouxinol cantando!
Já lá vai para o monte o gado andando:
Já começa o barqueiro a içar a véla:

A Pastora acolá, por ver o Amante,
Com o cantaro vai á fonte fria:
Cá vem sahindo alegre o caminhante;

Só eu não vejo o rosto da Alegria:
Que em quanto de outro Sol morar distante,
Não ha de para mim nascer o dia.

SONETO

COmo está este sitio socegado!
Que assim caminha surdo este ribeiro!
O vento não faz bulha no salgueiro:
Que feio o monte está, que triste o prado!

Dos guardadores não se escuta o brado;
Té parece que dorme o Mundo inteiro:
Só pela encosta lá daquelle outeiro
Vejo hum lume ora accezo, ora apagado:

Algum Pastor será, que a porta abrindo,
Na choupana estará fazendo lume:
Como se vai o coração cubrindo!

Pois que importa o socego, se o costume
Faz com que sempre n'alma esteja ouvindo
Os estrondos, que faz o meu ciume?

SONETO

POr mais que faça hum atrevido estudo
De expôr á excelsa Tirce o meu desejo;
Buscando vella só, só porque a vejo,
Em lugar de dizer-lho, fico mudo.

Animo-me outra vez, fallo, e com tudo
Não sei, se por temor, se por cortejo,
Abaixo os olhos, encho-me de pejo,
E fico então mais triste, que sizudo.

Ella, que estes affectos me tem visto,
Pergunta-me: *Que tens?* Para explicallo
De mais valor o animo revisto.

Vou a dizer-lho, balbuciente fallo,
Formo algumas razões, ateimo, insisto,
Mas de novo suspiro, tremo, e callo.

SONETO

POz-se o Sol; como já na sombra fea,
Do dia pouco a pouco a luz desmaia!
E a parda mão da Noite, antes que caia,
De grossas nuvens todo o ar semea!

Apenas já diviso a minha Aldea;
Já do cypreste não distingo a faia:
Tudo em silencio está: Só lá na praia
Se ouvem quebrar as ondas pela arêa.

Co'a mão na face a vista ao Ceo levanto,
E cheio de mortal melancolia,
Nos tristes olhos mal sustenho o pranto:

E se inda algum allivio ter podia,
Era ver esta Noite durar tanto,
Que nunca mais amanhecesse o dia.

SONETO

OH quem podera á ſombra deſte arbuſto
Paſſar o tempo da reſtante vida,
Cantando para ſempre a deſpedida
Da habitação, aonde mora o ſuſto!

Faz deſte monte o tráfego robuſto
Inveja á dignidade mais ſubida:
E adora o cortezão a immenſa lida
De hum mando inda pezado, quando he juſto.

¿Oh bemaventurada deſiſtencia
Daquelles, que por tão feliz bonança
Trocárão das Cidades a opulencia!

Só em ti, ſe ha no Mundo ſegurança,
Póde, ó ſanto lugar, ſem contingencia
Gozar huma alma a paz, em que deſcança.

SONETO

QUe trifte, que profunda foledade
Se obferva aqui de fima defte outeiro!
Náo anda lá no mar nenhum barqueiro,
Náo fe ouve algum rumor cá na Cidade.

Como da Lua a frouxa claridade
Pratea aquelle monte derradeiro!
Náo fabe a vifta aonde vá primeiro
Fartar o penfamento de faudade:

O Ceo fereno como eftá fizudo!
Quieta a planta, o mar adormecido,
A terra focegada, o vento mudo;

Mas que eftrondo fizera, e que alarido
Ceo, planta, mar, e terra, vento, tudo,
Se rompeffe o filencio o meu gemido!

SONETO

DIvina Laura, se vencer deixasses
Dos meus queixumes o teu genio esquivo,
E para mim com rosto compassivo
Esses formosos olhos inclinasses:

Víras servir-te, em quanto me mandasses,
Ou fosse com razão, ou sem motivo;
Viras-me por meu gosto andar captivo,
Por mais, e mais grilhões, que me deitasses;

Víras esta alma, que tu mesma feres,
A teu mando sujeita, expôr-se forte
A quantos riscos idear puderes:

Mas ah! Que inda es cruel da mesma sorte!
Já sei que o que de mim sómente queres,
He ver em lugar disto a minha morte.

SONETO

AGora, em quanto despertando a gente,
Lá no patrio Orizonte a luz não raia,
Gozarei da frescura desta praia,
Se tanto o meu Destino me consente.

Verei do Téjo a placida corrente,
Como enrolada sobre a areia espraia;
Ouvirei entre os ramos desta Faia
Queixar-se o rouxinol suavemente.

Mas louco, em fim, em q̃ me estou detendo!
Queria estar huma hora socegado,
Cuidando que era pouco o que pertendo?

Não; que voando Amor junto a meu lado,
Com magoada voz me está dizendo,
Que inda vivo de Laura desprezado.

SONETO

Vio Alberto a Filena, enamorado
Tanto no gésto da Pastora ardia,
Que só por merecella, lhe offrecia
Tudo quanto mandava o seu cajado;

Mas ella, que só tem todo o cuidado
Na tarefa, que traz da lã que fia,
Hum sorriso lhe deo, com que faria
Mover o coração mais socegado.

Suspira Alberto, e chama-lhe tyrana:
Filena então se sobresalta, e altera,
E dá-lhe as mãos receosamente humana.

Satisfeito o Pastor confia, e espera:
Vão ambos conversar para a cabana.
Oh se isto mesmo a mim me succedêra!

SONETO

DOrmindo eſtava Algano; e porque Alberta
Junto a ſi lhe parece que eſtá vendo,
Abrindo os braços, as mentiras crendo,
Com elles cuida que a Paſtora aperta.

Tanto aquella ventura tem por certa,
Tanto ſe vai de amor enternecendo,
Que á força de hum gemido eſtremecendo,
Só comſigo abraçado então deſperta.

Deſperta, e diz: *Que importa que a alegria*
De ver-te me fugiſſe, ſe ſuſpeito
Que me fazes eterna companhia?

Inda exiſtes à meſma no conceito:
Se faltas no lugar, em que te via,
Foi porque te eſcondeſte no meu peito.

SONETO

CHegou o tempo, em fim, que eu mais temia:
Manda a Fortuna que de ti me ausente;
E mil vezes Amor, que o não consente,
Ao coração presago mo dizia.

As mimosas palavras, que te ouvia,
Quando a escutallas tornarei contente?
Quando verei teu rosto brandamente
Voltar-se para mim como algum dia?

Se esta certeza alguem me fora dando,
Inda que tarde, ao menos com meus ais
Tão longo mal iria alliviando;

Mas diz-me o coração segredos taes,
Que até receio perguntar-lhe o quando,
Pois póde responder-me: *Nunca mais.*

SONETO

DOrmindo Anarda está. Quem te dilata
Que não vingas, Amor, a tua affronta?
Alli tens a cruel, de quem se conta,
Que só teu forte Imperio desbarata.

Gema huma vez, quem tantas vezes mata;
Agora, agora tens occasião prompta:
Impunha o arco, e com dourada ponta
De aguda setta, fere aquella ingrata;

Porém olha não sejas presentido;
Que se em ti põe os olhos penetrantes,
Em vez de vencedor, serás vencido,

Mas ai que ella acordou! Tristes amantes,
Fugi, fugi, que tudo está perdido,
Pois vive Anarda ingrata, como d'antes.

SONETO

ALbino, cuja idade inda o levava
Por innocentes passos, certo dia,
Parando, a hum tanque, que sereno via,
Com desiguaes pedrinhas atirava:

Assim que daváo n'agua, esta saltava,
E mil diversos circulos fazia:
A hum pequeno, outro grande succedia,
Até que outra pedrinha lhe deitava.

Eu este simples passatempo vendo,
Lembrei-me que tambem os desfavores,
Que padeço, huns dos outros váo nascendo:

E náo depondo a Sorte os seus rigores,
Daquelle mesmo modo succedendo
Verei meus males cada vez maiores.

SONETO.

TAnto neſte ſaudoſo apartamento
Vos repreſenta Amor na conjectura,
Que erradamente a viſta vos procura,
Cuidando ſer verdade o fingimento.

Então, quanto me pinta o penſamento,
Imagens são da voſſa formoſura;
E ſe nelle outra couſa ſe figura,
He ſó temor do voſſo eſquecimento.

A's vezes, qual depois de hũ largo ſonho,
Mil couſas, que me aſſuſtão de contino,
Na vaga idéa a revolver me ponho;

Mas queira o Ceo por eſta vez benino,
Já que he falſa a Ventura que ſupponho,
Que ſeja engano os males, que imagino.

SONETO

DEpois que a linda Altea destes prados
Ditosa foi fazer outra espessura,
Já não vemos correr a fonte pura,
Só se for a dos olhos magoados.

Tudo nestes contornos são cuidados,
Nascidos de tamanha desventura,
Piza sem dono o gado a semeadura,
Já se não vê na Aldea entrar cajados.

As Pastoras deixárão de ir ao rio,
As abelhas fugírão da colmea,
O rebanho se fez magro, e bravio:

Andão todos dizendo: *Altea, Altea,*
Onde estás? Torna a vir, que o teu desvio
Tem-nos feito mais perda que huma chea.

SO-

SONETO

ADeos, Natercia ingrata, a Deos impia,
Já tudo se acabou, rompeo-se a venda,
Já não levo cadeia, que me prenda;
Que a razão he mais forte, que a porfia:

A chamma se extinguio, e a cinza fria
Sómente guardo por sinal da emenda;
Mas para que outra vez se não accenda,
Já está fóra das Aras, em que ardia.

Tua mudança (bem que n'alma gravo)
He na memoria só onde a contemplo,
Para não ser já mais de Amor escravo:

E da Verdade no piedoso Templo,
Das injurias de Amor, por desaggravo,
As cinzas, e os grilhões sirvão de exemplo.

SONETO

PAssa o frio Janeiro, o ardente Agosto,
Torna Janeiro a vir, e Agosto passa,
Lança-se, cresce, arranca-se a linhaça,
E tu a maltratar-me por teu gosto.

Se te fallo em amor, voltas-me o rosto;
Fazes-me quando muito huma negaça,
Sem ser possivel que te caia em graça,
Por mais forças que nisso tenha posto:

Até os mais Pastores, que vem isto,
Dizem, fazendo mófa do meu trato;
Bem tem zombado Brazia de Callisto;

E se ateima o teu genio a ser-me ingrato,
Olha Brazia, eu então deixo-me disto,
Que não quero passar por insensato.

SONETO

VIo-me Altea, com livre desafogo
Gozar dos frutos de hum tranquillo estado;
E achando-me de Amor tão descuidado,
Chegou, ferio-me, e retirou-se logo:

Agora, que entre lagrimas lhe rogo,
Que remedêe o mal, que me ha causado,
De longe está com gésto simulado
Ateando ainda mais de Amor o fogo.

Não ha maior traição, maior crueza,
Do que ferir-me, e assim negar-me a cura,
Como que nada do meu mal lhe peza:

Mal haja Amor! Mal haja a formosura!
Ella, porque em amor não tem firmeza;
E elle, porque em mim não tem Ventura.

SONETO

CUidei, ouvindo a doce melodia
Daquelle passarinho namorado,
Que alliviasse em parte o meu cuidado,
Como já n'outro tempo succedia:

E vendo as aguas, que esta rócha envia
A regar mansamente o verde prado,
Que, esquecido das muitas que hei chorado,
Com rosto enxuto agora cantaria.

O contrario succede, porque em quanto
O agradavel objecto está defronte,
Dos tristes olhos mais se engrossa o pranto;

Pois foi a minha gloria neste monte
Mais suave que as vozes desse canto,
Mais ligeira que as agoas desta fonte.

SONETO

MAndou-me, que cantasse Amor hum dia
Quantos effeitos seus huma alma sente;
E para começar mais altamente,
Logo á Ventura protecção pedia.

Puz-me a cantar; mas ella me fugia:
Importunei o Ceo, a terra, e a gente;
Que quem nasceo para chorar sómente,
Por bem que cante, a todos enfastia:

Mil vezes disse a Amor que estava rouco,
E que era tido já da gente dura,
Humas vezes por nescio, outras por louco.

Rindo-se em fim da minha desventura,
Respondeo-me: *Não sabes que val pouco*
Querer cantar de Amor, sem ter Ventura?

SONETO

AQuelle, que inda efpera ter Ventura
Com peito feminil, que louco efpera!
Pois quando mais feliz fe confidéra,
Então encontra a fé menos fegura.

Como filha do mar a formofura,
Com elle ora fe amanfa, ora fe altera:
Não he mais vária na Celefte Esfera,
A que muda tres vezes de figura:

O defengano, que efte avifo infpira,
Não he fegredo, que revelo agora,
He já defordem, com que o tempo gira:

Porque no peito de quem cego adora,
Se o gofto, affim que nafce, logo efpira,
Já mais a defventura fe melhora.

SONETO.

DE Amor em triſtes lagrimas banhado;
De que nunca ſe farta o meu deſgoſto,
Huma vez para o Ceo levanto o roſto,
Outra vez para o chão olho inclinado.

Quaſi ſempre das gentes apartado,
Nos ſitios mais deſertos eſtou poſto:
Agora ſobre a mão a face encoſto,
Agora vou correndo exaſperado:

Mil idêas já formo, e já desfaço;
E porque o Mundo em fim me não condene,
Forço na boca hum riſo frio, e eſcaço.

Aſſim ando, ó formoſa Dinamene;
Pois ſendo a cauſa tu de quanto paſſo,
Fazes tão pouco caſo de que eu pene.

SONETO

COmo soffres, ó Jupiter Supremo,
Que a gentil Galatea por seu gosto
Descance indignamente o alvo rosto
Nos braços vís do bruto Polifemo?

He possivel passar de extremo a extremo,
Tocando aquelle singular composto
Com feias mãos, sujeito só disposto
Ao duro punho do pezado remo?

Tu pois, que o movimento te he sujeito
Da natureza em tudo tão conforme,
Não consintas agora este defeito:

Faze de Galatea hum tronco informe:
Vingue-se assim das Ninfas o respeito;
E se ama hum tronco, em tronco se transforme.

SONETO

PONHO táo livre os olhos em Damiana,
Que a vejo ás vezes, e náo ſei ſe he ella;
E ainda quando chego a conhecella,
Náo me lembra ſe quer que foi tyrana.

De a ver alhea, de a julgar ufana,
Nem prazer, nem deſgoſto me deſvela.
Graças a Deos, que já chegou aquella
Hora feliz, que a poucos deſengana!

Que me deixaſſe em fim, que me fugiſſe,
Que me póde importar, ſe daqui naſce
Conhecer a razáo, já ſou felice;

Porém nunca cuidei que ella chegaſſe
A merecer táo pouco, quando a viſſe,
Que nem para o deſprezo me lembraſſe.

SONETO

OS annos da feliz puerilidade
Chorei ſem culpa, e conſumi ſem goſto;
Depois creſcendo, vegetou-ſe o roſto
Daquella ſombra, que authoriza a idade.

Foi-me ſendo plauſivel a maldade,
Buſcando o allivio por caminho oppoſto:
Chamei prazer, ao que me deo deſgoſto,
Quiz acertar, fugindo da verdade.

Como deſpojo atado finalmente
Ao carro infame da cegueira eſtive:
Que mais fizera irracional vivente?

Nunca uſei da razão, depois que a tive;
Que aſſim he triſte, o que aſſi eſtá contente!
Como vive enganado, o que aſſim vive!

SONETO

AQuelle amor, que tinhas n'alma escrito,
Onde está? Dize, ó falsa? Tão depressa
Como he possivel, que hum amor se esqueça
Tantas vezes aos Ceos jurado, e dito?

O'praza aos mesmos Ceos, que imploro afflicto,
Que inda igual desventura te aconteça!
Pois como testemunhas da promessa
Hão de ser vingadores do delicto:

A'minha vista te castiguem logo
Com desamor, desprezo, e desagrado;
Porém que peço, que supplico, e rogo?

Não seja assim teu crime castigado;
Porque eu tenho mais prompto desafogo
Em chamar-te mulher; e estou vingado.

SONETO

VOa, saudoso Amor, e em breve giro
Abrindo as brancas azas docemente,
A' bella Dinamene diligente
Leva da minha parte este suspiro.

Se o receber tão bem conforme infiro,
Desta memoria, que lhe devo ausente,
Dize-lhe tudo, o que minha alma sente,
Desde o seu custosissimo retiro.

Dize-lhe mais, que ao menos a amargura
Do seu esquecimento hum pouco adoço
Com tão nova, e suavissima escritura:

E que em fé do meu íntimo alvoroço
Fico (*dize que o viste*) com ternura
Beijando as letras, já que a mão não posso.

SONETO

O Tempo, que veloz desapparece,
As cousas d'ante os olhos apartando,
A vossa formosura respeitando,
Hoje com ella a todos enriquece:

Não corre para vós, antes parece
Que o veneravel gésto levantando,
Em vossas altas prendas contemplando,
De voltar o relogio então se esquece.

E com razão, que oppôr-se-vos sería
Profanar cegamente a immunidade,
Que a tão gentil presença se devia;

Mas ou por interesse, ou por vaidade,
Quer mostrar, quanto póde neste dia
Acreditar-se a si com vossa idade.

SONETO

SEja-te parabem, Téjo sagrado,
Do grande Anfriso a companhia honrosa;
Outra vez este bem desfruta, e goza
Das tuas claras Ninfas rodeado:

Das ondas gravemente levantado,
Ouve-lhe agora o verso, agora a prosa,
Com que a pezar da crítica invejosa
Fará sempre o Mondego celebrado;

E em quanto o ouves cantar táo altamente
De invicta palma, de triunfante louro,
Vai-lhe adornando a judiciosa frente:

Depois reconta ao Seculo vindouro,
Que póde em fim a Lusitana gente
Ver na idade de Anfriso a idade de Ouro.

SONETO

COm alegre apressado movimento
Do Ceo vi já descer a alta Lucina;
Porque assistir ao vosso nascimento,
Senhora, o mesmo Ceo lhe determina.

Nasceſtes, e com brando tratamento
Logo em seus braços vos tomou benina,
Onde cheia de amor, e acatamento
Vos está embalando, e lendo a sina.

De vós gostosos vaticinios canta:
Diz *que sereis feliz, quanto formosa,*
Terna, compadecida, affavel, santa:

Diz em fim, *que sereis maravilhosa:*
Assim vos louva, assim vos acalanta;
Ditosos vossos Pais, e vós ditosa.

SONETO

IRmã ditosa, que de cá subiste
Lá onde pena alguma se não sente,
Se razão póde haver, com que se augmente,
Essa Gloria Immortal, que conseguiste:

Que alegre ficarias, quando viste
Entrar no Ceo essa alma inda innocente!
Como virias com razão contente
A receber o filho, que pariste!

Que o desejavas lá, Deos bem sabía,
Não te quiz demorar tão alta Sorte;
Goza, goza da sua companhia;

E praza a Deos, que na Celeste Corte
Te dê depois do derradeiro dia
Igual contentamento a minha morte.

SONETO

Felices margens do ſaudoſo Téjo,
Em cuja branca arêa ſinaladas
Eſtão de Dinamene inda as pizadas,
Que auſente adoro, que inclinado bejo.

Quando vejo eſtas praias, e a não vejo
Apanhando as conchinhas prateadas,
Chóro as glorias de amor alli paſſadas,
Que nunca paſſarão do meu deſejo.

Aqui lhe diſſe meus fieis amores;
As ondas amancei, detive os ares,
Digão-no eſtas arêas, e eſtas flores.

Aqui tambem agora entre pezares
Direi aos Navegantes, e Paſtores,
Que reſpeitem de longe eſtes lugares.

SONETO

ENcontrou-me esta graça em tal destroço,
Que nem ouso, Senhor, a recebella;
E por mais que em buscar-me se desvela,
Já não percebo o minimo alvoroço.

Andou neste favor, que todo he vosso,
Industriosa a minha infausta Estrella;
Porque, quando eu podia, não quiz ella;
E agora, que ella quer, he que eu não posso.

Olhai como este bem se desfigura,
Pondo-se ante os meus olhos por negaça,
Quando ha de malograllo a conjunctura!

Que outra cousa, Senhor, quereis que eu faça?
Se me chega de sorte esta Ventura,
Que já se não distingue da desgraça.

SONETO

NAõ haverá hum ſitio táo ſagrado?
Hum lugar táo ſeguro, e defendido,
Aonde vá da Fortuna perſeguido
Viver por algum tempo deſcançado?

Náo haverá; porque ella o tem jurado;
Mettendo a máo no lago denegrido:
Pobre de quem já vive táo perdido,
Que eſtá para as Venturas reprovado!

E náo receia o Mundo que o infeſte
Meu hálito mortal? Inda conſente
Que eu pize os matos deſte monte agreſte?

Como daquelle miſero doente,
Que foi tocado da maligna peſte,
Fugi, fugi de mim, ditoſa gente.

SONETO

NO Templo entrei de Amor: Inda gelado
O ſangue tenho, do que nelle víra:
Alli eſtá o cioſo, que delira,
De mil ſuſpeitas vans atormentado.

Aqui o auſente em lagrimas banhado,
Longe hum pouco dos mais, triſte ſuſpira;
Hum jura fé, mettendo a mão na Pyra,
Outro não póde co' grilhão pezado.

Sobre as cruentas Aras de Cupido
Quentes entranhas, que inda eſtão vivendo,
Tem por tenções diverſas offrecido.

Fugi, mortaes, deſte lugar tremendo:
Se he o Templo de Amor tão deſabrido,
Como ſerá o ſeu Inferno horrendo!

SONETO

QUe te vejão meus olhos, não consente
(Meus, tristes olhos) por mais tempo o Fado;
Sem ti para tão longe desterrado
Irei viver, se viver posso, ausente.

Comigo irá teu nome eternamente
Do negro esquecimento preservado,
Sendo, se isto ser póde, articulado
Inda ao passar do Lethes a corrente.

E se algum dia vires, que á fineza
De ser comtigo agradecido, e humano
Falto, sem dar de tanto amor certeza,

Não julgues não, que a antiga fé profano,
Antes baixos os olhos, de tristeza
Suspira, e dize então: *He morto Albano.*

SONETO

PAra ver se cantar-vos saberia,
Depois que a frente de jasmins ornava,
A cythara tomei, que não soava,
E na garganta a voz se me prendia.

Do grão Pastor de Admeto, que me ouvia
Em meu soccorro o espirito invocava:
De novo a voz, e a cythara esforçava,
E de novo com ella emudecia.

Eis-que se me apresenta em fórma humana,
Sorrindo-se de mim o Pastor Louro,
Que em vez de me ajudar, me desengana:

Sabe, *mortal*, me disse, *que no Douro*,
Para cantar de tão gentil Sarrana,
Somente he digna a minha Lyra de ouro.

SONETO

Do rio as claras aguas, que soando
Correm por sima de asperos seixinhos,
A musica dos ledos passarinhos,
Que de longe se estão desafiando:

O murmurante vento, que assoprando,
Entorna o fresco orvalho dos raminhos,
O tremulo balar dos cordeirinhos,
Seus curvos saltos sobre a relva dando.

Tudo em vez de alegrar-me, me amofina,
Nem o rosto huma vez se quer levanto
A ver, o que se passa na campina.

Não he assim, ouvindo o vosso canto,
Que em virtude de voz tão peregrina
Nada no Mundo me consola tanto.

SONETO

TU, que os costumes, e as paixões retratas
Em teus versos suaves, e Divinos:
Tu, que das mãos de Gregos, e Latinos
A sonorosa cythara arrebatas:

Tu, que as materias de Coturno tratas
Por modos só do seu caracter dignos:
Tu, que a pezar dos criticos malignos
O teu, e o nosso credito dilatas.

Sobe, ó Alcino, ao Menalo, voando,
Da Arcadia o louro cingirás na frente,
Que por sima dos mais vás levantando:

Disse Apollo do throno refulgente,
A' vista de teus emulos rasgando
O volume da critica insolente.

SONETO

ESte obſequio, Senhor, que vos envia
Meu animo fiel, curto parece;
Mas quem o pouco, que poſſue offrece,
Se mais tivera, muito mais daria.

Sobre ſingelas mãos não ſe avalia
A offerta pelo vulto, que apparece;
Que então a acceitação fora intereſſe,
Vicio, que nunca em vós haver podia.

Bem ſei que de meus verſos a humildade
Subir não póde áquelle deſempenho,
A que antiga affeição me perſuade;

Mas huma ſalvação comvoſco tenho;
Saber que a voſſa candida vontade
Mais préza hum dom de amor, que d'alto engenho.

SONETO

MOrreo o bom Luiz: Já não veremos
Aquella boca para todos rindo:
Hum ſono perennal eſtá dormindo:
Já de ouvillo a Ventura não teremos.

Hum novo Heróe cortado em flor choremos,
Que por mais que ſubamos o alto Pindo,
Ao Ceo, para onde foi de nós fugindo,
Já agora em vão por elle chamaremos:

Até para ficarmos mais ſaudoſos,
O ſeu frio cadaver nos tirárão
D'ante os olhos tão triſtes, e choroſos:

De vello as eſperanças ſe acabárão;
Venturoſos aquelles, venturoſos,
Que as ultimas palavras lhe eſcutárão!

SO-

SONETO

PRometttendo a Limano Dorothêa
Guardar-lhe a fé, que seu amor devia,
Tomou por testemunha a luz do dia,
E os juramentos escreveo na arêa.

O vento, que a revolve, e que a manea,
Pouco a pouco a escritura desfazia;
Vendo isto a Pastora, que faria?
A Limano tambem riscou da idéa.

Vejão lá como a fé está bem segura
Em peito feminil: Que documento
Para quem crer mulher, ou crer Ventura!

Se ainda na que tem mais fundamento,
Quanto diz, quanto escreve, quanto jura,
He arêa, que a move qualquer vento.

SONETO

Hum dia, de Limano acompanhado,
Defcendo por hum valle manfamente,
Cahio á minha vifta de repente
De hum tiro da Fortuna derribado.

Como vinha táo junto do feu lado,
De medo me affuftei naturalmente;
Pois náo fou inda affim táo defcontente,
Que já cahir náo poffa em baixo eftado:

Náo eftou inda em mim, porque duvido
Se daquelle defaftre, por acerto
Sahi; ou náo, fem o faber, ferido;

Que affombrado fiquei, Beliza, he certo;
Mas náo culpes quem anda eftremecido,
Vendo o raio cahir de fi táo perto.

SO-

SONETO

MEu amado Mondego, meu amado
Mestre gentil, que sabio me educaste
Do tempo, que benigno me hospedaste,
Por onde quer que for serei lembrado.

Cá toma conta da Pastora, e gado,
Que já com teus salgueiros abrigaste,
Assim nunca a Estação do Estio gaste
Teu crystallino curso socegado.

Da Patria huma justissima vingança
De ti me leva a outros Orizontes,
Aonde pague a culpa como herança.

Por ti, por ella, são meus olhos fontes;
E se vivo, he sómente na esperança
De ainda tornar a saudar teus montes.

SONETO

FOrmosissima Olaia, o teu semblante
Não sei que graça tem, que almas cativa,
Assim não fora a tua tão esquiva,
Assim não fora a minha tão constante.

Ah! Que se te encontrára hum só instante
A minha adoração menos altiva,
Em vez de desprezar-me fugitiva,
Paráras a escutar meu rogo amante.

Então compadecida do meu pranto
Darias mil sinaes de sentimento
Nesse rosto gentil, sereno, e santo;

Mas tão altos favores não intento,
Nem póde ser, nem eu mereço tanto,
C'um volver dos teus olhos me contento.

SO-

SONETO

NInfas destes vizinhos arredores,
Que tão altivas presumis de belas,
Cubrindo os vultos de custosas télas,
Ornando as tranças de festões de flores.

Sabei que Olaia, Olaia, os meus amores
Nunca precisará dessas cautelas:
Tanto vos vence a vós, quanto ás Estrellas
Vencem do claro Sol os resplendores.

Qual a fresca bonina, que florece
Da mão da Natureza cultivada,
Assim de Olaia a formosura cresce.

Não he tão bella a luz da madrugada,
Como Olaia gentil, quando apparece
Lá de longe a meus olhos destoucada.

SONETO

Quem nunca vio a luz formosa, e pura
De teus olhos gentis, de teus cabellos,
Póde, como eu já fiz, antes de vellos
Zombar de Amor, e rir-se da Ventura.

Póde desconhecendo, o que he ternura
Perguntar o que he fé, e o que são zelos?
Não ter saudades, não sentir desvelos,
E á minha inquietação chamar loucura;

Mas não depois de os ver, que derribado
Do seu alto descanço ficaria,
Cheio de confusão desenganado;

Pois perdendo o valor, em que se fia,
Morreria em teus olhos abrazado,
Prezo nos teus cabellos gemeria.

SO-

SONETO

ENtra o soldado envolto em sangue, e terra
Na amada Patria a descançar contente;
E huma vez ao vizinho, outra ao parente,
Conta os perigos da passada guerra.

Ora diz, *que subira huma alta serra*
Por entre o fogo do pelouro ardente:
Ora que peleijando frente a frente
Aos receios da morte os olhos cerra.

Depois colhendo vai para o futuro
Doces frutos da paz, que está gozando
Com vida alegre, e animo seguro.

Náo eu assim, que apenas descançando
Dos conflictos de Amor tyranno, e duro,
Nova guerra me faz teu gésto brando.

SONETO

QUal Paſtor, que do ſono accommettido,
No chão os laſſos membros encoſtando,
Da noite as triſtes horas vai paſſando
Dos ſeus manſos cordeiros eſquecido.

Té que do reſplendor do Sol ferido,
A' força de ſeus raios deſpertando,
Abre os olhos, e o roſto levantando,
Fica por grande eſpaço ſuſpendido.

Tal eu de ver teu roſto deſcuidado,
Nelle empregando a viſta de repente,
De tanto reſplendor fiquei paſmado.

Mas o fim deſte caſo foi diffrente,
O Paſtor levantou-ſe deſcançado,
E eu cahi ferido mortalmente.

SONETO

ALbano, quem es tu? Teu baixo estado
Não te confunde, não te desengana?
Qué das lavras, que tens, qué da cabana,
Onde estão as colmeas, onde o gado?

Que has de offrecer a Olaia confiado,
Se te ouvir algum dia mais humana?
Porás aos pés de tão gentil Serrana,
Hum çurrão pobre, hum pastoril cajado?

Ansias, suspiros, lagrimas, e ais
Para quem desconhece, o que he ternura,
Cuidas que são huns grandes cabedaes?

Pois sabe, que te diz a formosura,
Que ames menos, se queres valer mais,
Que onde sobeja Amor, falta a Ventura.

SONETO

SE eu pudera viver de noite, e dia,
Vendo ſempre eſſe geſto delicado,
Que ditoſo, que bemaventurado,
Formoſa Olaia, o meu amor ſeria!

Mas, em que eſtou mettendo a fantazia
Vão, ocioſo, miſero, coitado;
Ditoſos ſó aquelles, que a teu lado
Gozão da tua amavel companhia.

O' da Fortuna errado movimento,
Que o bem que nega, a quem por ti ſuſpira,
Dá talvez ſem nenhum merecimento.

Não ſe fez para mim contentamento,
A deſeſperação, a inveja, a ira
Só ſe fizerão para meu ſuſtento.

SONETO.

CUidas talvez, Olaia, que imprudente
Maculada tenção meus passos guia?
Longe, longe, ó terrena fantazia,
Tão contraria a meu animo innocente.

O Ceo, o justo Ceo, que lhe he presente
Do Mundo a mais occulta sympathia,
Dos meus olhos aparte a luz do dia,
Se te não diz a lingua, o que a alma sente.

De idolatrar-me nenhum fruto espero,
Porque te devo mais, quanto mais faço
Acho teu genio ou compassivo, ou fero.

Amo as tuas virtudes, satisfaço
O meu amor co' meu amor; mas quero
Que conheças, meu Bem, o mal que passo.

SONETO

TYranna Olaia, o teu desabrimento
Troca, que he tempo já, troca em brandura,
Faze que este queixoso da Ventura
Seja se quer feliz por hum momento.

De teus olhos gentís hum movimento
Bem sei que muito val; mas a ternura
De tão constante amor, de fé tão pura
Tenha comtigo algum merecimento.

Valhão-me estes suspiros innocentes,
Que já para abrandar forão bastantes
Peitos de tigres, olhos de serpentes.

A mão para matar-me não levantes,
Ou mostra ao menos, que os meus males sentes,
E depois sê cruel, como eras d'antes.

SONETO

LA' n'uma praia cavernosa, e fria,
Onde chamar teu nome costumava,
Aonde estás, Olaia, perguntava
Ao surdo mar, que nada respondia.

Nisto passei, ó Ninfa, todo hum dia
Té que de novo a voz alevantava:
Olaia, Olaia, aonde estás, gritava
Está, dizer-me o éco parecia.

Corro vagando a humida espessura,
E para aquella parte me arrebato,
Onde ouvir tua voz se me figura.

Ah que assim foi o meu Destino ingrato!
Huma penha achei só, formosa, e dura,
Se tu não eras, era o teu retrato.

SONETO

EM frauta agreste, em lyra altisonante
Siga cada Poeta o seu Destino,
Cante a Natercia, o meu Camões Divino,
E o nome de Beatriz celébre Dante.

Por Laura chore o seu Petrarca amante,
A Livia dê louvores Andrelino,
A Colona o sonoro Bernardino
Por Genebra Ariosto a voz levante:

Louve a Bêliza a Musa de Salado,
Honre a Cassandra Sanazaro, em quanto
Catulo a Lesbia, a Flora Maldonado;

Que este nome de Olaia, que amo tanto,
Será de Albano em verso celebrado,
Feliz assumpto de mais alto canto.

SONETO

Trazei, Ninfas, trazei, mimosa arêa
Nos virginaes regaços: Espalhai-a
No duro chão: Não mortifique Olaia
Os delicados pés, quando passea.

Ah como vem de maravilhas chea!
Com tantas graças a manhã não raia,
Nem he tão bella a corpolenta Faia,
A quem o brando Zefiro menea.

Vós, Napéas do bosque mais vizinho,
Vinde esperalla, derramai-lhe flores,
Castas rosas, devoto rosmaninho:

Vinde, beijai-lhe a mão; e vós, Pastores,
Ide diante della, abri caminho
Para passar a Deosa dos Amores.

SONETO

Hum mudo suspirar continuamente;
Em segredo o teu nome articulando,
Agora feito estatua, agora errando,
Sendo talvez a fabula da gente.

Huma côr já de morto propriamente
Hum fallar sem saber que estou fallando:
Com vergonhosas lagrimas banhando
Hum rosto para todos descontente.

São, Olaia, os estragos de huma vida,
[illegible] depois de morrer por ti de amores,
[illegible] balde em desprezos consumida.

Recordállos, não he pedir favores,
He porque vejas só desvanecida
O fruto, que hão tirado os teus rigores.

SONETO

QUando, Anarda gentil, os merecidos
Louvores teus a decantar começo,
De pôr a boca nelles esmoreço,
Cahe-me a lyra das mãos, perco os sentidos:

Que são os meus desejos atrevidos
Cheio de confusão, mui bem conheço;
Mas outra Musa de mais alto preço
Cante os louvores, que te são devidos.

Que eu cá de longe, como envergonhado,
Ora ouvindo louvar o riso brando,
Ora as palavras, ora o doce agrado;

Não a voz, mas os olhos levantando,
Estarei sobre a lyra recostado,
No teu formoso gésto contemplando.

SONETO

NA borda do ſeu concavo ſaveiro,
Acaſo hum dia, oh dia aſſignalado!
O peſcador Albano achou gravado
Inda de freſco eſte fatal letreiro:

Conhece, Albano, que es hum vil barqueiro,
Ao trabalho do remo acoſtumado,
Negro do Sol, dos ventos açoutado,
De membros torpe, de expreſſões groſſeiro.

Olaia não te quer, ella o tem dito,
Eſte he, o peſcador, o extremo dano
Da ſentença mortal do teu delito.

Leo-o; e chorando o deſgraçado Albano,
Arranca a taboa, aonde eſtava eſcrito,
E ao Templo a foi levar do Deſengano.

SONETO

VO's, que á sombra dos alamos copados
Nas vossas flautas pastoris tangendo,
Ora as aguas parais, que vão correndo,
Ora os troncos movêis, que estão parados;

Mostrai que em vossos versos levantados
Para estes meus tão alto estilo aprendo,
Que cá do Téjo a fraca voz erguendo,
Sois lá de mim no Douro acompanhados:

Então levando ao peito a sanfonina,
Coroado de rosas, e Amaranto,
As cordas ferirei com mão Divina;

E se acaso, ó Pastores, posso tanto,
Cantando espalharei nesta campina
Da Arcadia Portuense o novo canto.

VER-

VERSOS GLOZADOS
NA REAL PRESENÇA DE SUAS MAGESTADES, E ALTEZAS.

MOTE

Gloria dos Reis, do Reino ſegurança.

GLOZA

SONETO

JA' Portugal reſpirará contente,
O' formoſa, ó Auguſta Succeſſora:
Que tem a Inveja que fazer já agora,
Mais que eſtar-ſe a morder continuamente?

Alta eleição do Rei, que ſabiamente,
Se Eſpoſa, a Monarquia vos adora,
Nos recompenſa os ſuſtos da demora
Neſte impenſado jubilo preſente:

Já, Princeza, na noſſa intelligencia
Tomando campo vai certa eſperança
Da voſſa dilatada deſcendencia:

Por ella o Luſo Imperio em vós deſcança,
Contemplando-vos já ſem contingencia,
Gloria dos Reis, do Reino ſegurança.

MO-

MOTE

Sem á dita de Aquiles ter inveja.

GLOZA

SONETO

SE o gráo Cantor, q̃ o Mundo encheo de eſpanto,
Porque a fama de Aquiles poz notoria,
Fez que Alexandre lhe invejaſſe a gloria,
Pois náo devo ás Muſas outro tanto:

Voſſa Alteza, Senhor, que ſabe o quanto
De hum, e outro Heroe vence a memoria,
Fará que eu decantando a voſſa hiſtoria,
Náo inveje tambem de Homero o canto.

Que aſſumpto mais feliz, ou mais glorioſo!
Se inda á viſta daquelles, faz que ſeja
Eu invejado, e vós nunca invejoſo!

Hum novo Homero em mim por vós ſe veja;
E hum Alexandre em vós por mim famoſo,
Sem á dita de Aquiles ter inveja.

MO-

MOTE

A' grandeza do assumpto aspira a Musa.

GLOZA

SONETO

SE a Fama, que altamente pregoeira
Cantou sempre as acções da vossa vida,
Hoje de assombro com razão duvída
Ser de tão faustas novas mensageira:

De que sorte, Senhor, de que maneira
A minha voz, por baixa, nunca ouvida,
Cantar póde huma empreza tão subida,
Que inda a Musa mais alta lhe he rasteira?

Materia he de coturno a acção presente;
E dizer cousa, que louvor produza,
Não póde o plectro humilde, e descontente:

Mandai cantar por outro a gloria Lusa;
Que em mim, por mais que louve, inutilmente
A' grandeza do assumpto aspira a Musa.

ODES

I

A Onde me arrebato
Na ſanta devoção deſte alto empenho?
Por mais que as azas bato,
Sempre pezado, e froxo me detenho;
Mas quem forças me deo
Para ſubir, para voar ao Ceo?

Vós, Santo illuſtre, e forte,
Que de hum glorioſo rapto lá ſubiſte;
Sebaſtião, que a morte
Fazer ſoubeſte alegre, ſendo triſte;
Vós ſois, de quem eu canto:
A minha Muſa enchei d' hum furor ſanto.

Hu-

Huma ſetta brilhante,
Das que foi alvo illuſtre o voſſo peito,
Fazei, que penetrante
Deſça já ſobre mim: Oh prompto effeito,
Que n'alma vou ſentindo!
Agora ſim, que vós me eſtais ferindo.

Vós ſois o valeroſo
Campião de Chriſto, que em virtuoſa guerra
Conſummaſtes ditoſo
O triunfo melhor, que ha ſobre a terra:
A' Patria verdadeira
Levando as almas por tão sã carreira.

A cega idolatria
Nas mãos o errado perfido volume
Aberto revolvia;
E vendo a Lei deſſe infernal coſtume,
Que aſſim por vós ſe infama,
Sobre elle negras lagrimas derrama.

Ella preſenceava
Por voſſo esforço, que com zelo ardente
As coſtas lhe voltava
Quaſi infinito numero de gente;
E que com voſſo exemplo
Eſtá ſem culto o ſeu nefando Templo.

No

No peito introduzida
Desse purpureo indomito tyrano
Faz tiro á vossa vida:
Oh ímpio! Oh infiel Diocleciano!
Vê o que determinas,
Que aquellas são as mais fieis doutrinas.

A pestilente boca,
Que no faminto pavoroso Inferno
Latindo se suffoca
Entre o grosso vapor do lume eterno,
Abre a triforme fera,
E por seu vulto denigrido espera.

Manda fechar a aljava,
Em quanto he tempo, manda. Mas que cego
Temor me alucinava!
Vós esperais, ó Santo, com socego
A morte; e na partida
Morrendo ireis á mais illustre vida.

Sim, que já lá vivendo
Desses ministros do furor, triunfante
O premio recebendo
Estais devido á vossa Fé constante;
Sem que a serena face
Levemente de susto se enfiasse.

Viſtes a deſcórada
Ameaçadora máo da Morte fêa
Contra vós levantada,
Que em mil ſettas o corpo vos rodea;
Porém ſem ſuſto a viſtes,
Que com ella do Ceo a porta abriſtes.

Se Irene aqui pudeſſe
Soltar por mim a voz, melhor diria,
Como vos fortalece
O claro lume, qué do Ceo deſcia:
E para o tranſe amargo
Vos dá valor, e ſoffrimento largo.

Neſſe tronco ditoſo
Os innocentes membros vos atárão:
Oh tronco venturoſo!
Cuja alta ſorte os outros invejárão,
Que na fertil campanha
O Sacro Tibre vagaroſo banha!

A grande, antiga Roma
Confuſa o vio, e ainda vacillante
No verdadeiro dogma
Os olhos abaixou, mais já triunfante
Vos chama; vos feſteja:
Da Fé columna, Defenſor da Igreja.

Mais

Mais prodigios differa
Inda do voſſo ſingular martyrio:
Eu ſó, eu ſó fizera
Morder-ſe o Inferno, e alegrar-ſe o Empyreo,
Que inda cá ſinto o effeito
Da ardente ſetta, que abrazou meu peito.

Mas vós, ó Coro Santo,
Quanto melhor que as filhas da memoria,
Em voſſo immortal canto
Deſtes aſſombros numerais a gloria!
Eu ouço, eu ouço os Hynos:
Cantai, cantai, Eſpiritos Divinos.

II

ENtre as Deoſas táo célebres em Ida
Embora o fogo accenda
Eſſa, que no aureo pomo introduzida
Moveo alta contenda:

Derrame embora tragico veneno
Sobre amigas Cidades;
Qual Noto fero contra o mar ſereno
Deſate as tempeſtades:

Das

Das máos arranque de Hymineo ſagrado
A faxa luminoſa;
Arme agudo punhal enſanguentado
Contra innocente Eſpoſa:

Faça que o Pai ſizudo ao filho vendo,
Ao filho que geràra,
Os antigos aggravos revolvendo,
De rancor volte a cara:

Và pelo Mundo murmurando, e rindo
Dos males, que ſemea;
Com mão ſubtil de caſa em caſa urdindo
A ſimulada têa:

Feliz ſómente noſſo amor, Beliza,
Não teme força eſtranha:
Longe do vulgo o excelſo cume piza
Da Olimpica montanha:

Náo teme da ſeviſſima Megera
O furibundo enſaio;
Muito além vive da eſtrondoſa Esfera,
Onde ſe forja o raio:

De alto verà beber no antigo Douro
Mil apeſtadas rezes,
Cubrir-lhe as margens, náo de arêas de ouro,
De verdenegras fézes:

Ce-

Celébre o Mundo do incendido Pado
As aguas, que já forão
Sepulchro triste do mancebo ousado,
Que as Helyadas chorão:

Do formidavel bruto a grão victoria,
De toda a Arcadia espanto,
Famoso faça pela Herculea gloria
O rapido Erimanto:

Que o puro Amor, que o tempo não consome,
De Beliza, e Albano,
Mais alto, ó Douro, levará teu nome,
Que as ondas do Oceano.

Ah Beliza, não temas a inconstante
Mentirosa Ventura;
Amor não firma o pé no disco errante
Da roda mal segura:

Nesta alma vives, de que tu es parte:
Nossa maligna Estrella
O aspecto mostre de Saturno, ou Marte,
Nenhum poder tem nella:

A fé nos une, a fronte nos coroa
Pacifica oliveira:
Em vão no punho imigo aos ares voa
A purpurea bandeira.

III

AOnde, aonde, corações humanos,
Batendo as roxas azas;
Belleza encontrareis, e suavidade,
Sem que os rapidos vôos
Vos levem diligentes, onde habita
Isbella encantadora?

De huns appetece o paladar activo
Os saborosos frutos;
Revolvem outros na grosseira boca
Insipidos manjares:

Comtigo fallo, abominavel vulgo,
Que dos lodosos charcos
Fartas a sede nas salobres aguas;
E a fonte pura deixas
Pela terra perder-se inutilmente.

Longe daqui te aparta;
Que a corrente das gratas harmonias
Para ti se não solta.

Culta Lisboa, ergue a sábia fronte
Para admirar Isbella:
Verás hum novo, e delicado gésto,
Aonde as Graças morão;

Os cópos de suavissimo veneno
Dando a beber aos olhos,
Com que a vontade hydropica se abraza
De insaciavel sede.

Oh que desejos mil andão voando
Ao redor de seu rosto!
O namorado Amor nelle se encosta
Suave, e mansamente,
Para escutar-lhe o canto de mais perto,
A cuja força estranha
Vão, como de tropel, as mais isentas
Almas arrebatadas;
Quaes nos campos de Thracia ao som Divino,
As indomitas féras.

Verás as Ninfas descuidadas tanto,
Que as grinaldas, que tecem,
Deixão cahir das mãos sobre o regaço.
Nos cavernosos montes
Eólo enfrea os ventos; só respira
Brandamente Favonio;
Porque a nossos ouvidos traga, e cheguem
Essas celestes vozes:
Eu vou, eu vou; a magica harmonia
Me eleva, e me transporta:
Da terra erguer me sinto sobre as nuvens;
Parece que ao Ceo voo.

A branda voz, que penetrou minha alma,
Não póde ser, não póde
Respiração de fraco alento humano!
As vozes são de Isbella.

Com menos suavidade, á fresca sombra
Das arvores frondosas,
A musica dos ledos passarinhos
Ao lasso caminhante,
De hum imperfeito somno adormentado,
Os sentidos lhe prende.
Oh bemaventurado, o que vos ouve!

O Monstro macilento,
Cujos accezos, revirados olhos
Impacientes não soffrem
As luzes das Estrellas, ensanguente
Os estiticos dedos
Entre os immundos venenosos dentes;
Que, para preservar-te,
Da torpe Inveja, que a Virtude opprime,
Sempre o merecimento
Mais alto, e singular tens ao teu lado.

Tu cauto, errante Grego,
Que ás vozes de Partenope escapaste
Artificiosamente,
Senão queres render-te ao novo canto,
Ah foge, Olises, foge
De entrar segunda vez a foz soberba
Do Lusitano Téjo!

Não

Não vês, ó Formosissima Cantora,
Como já para ouvir-te
Inclina o Padre Oceano a veneranda,
E cerulea cabeça?
Mudos estão os satyros longevos
As crespas sobrancelhas,
De admirados, erguendo; e sobre a boca
Pões o rustico dedo.

IV

E Conseguio a pallida doença
Com descarnada mão tocar teus membros,
Verter teu sangue, desbotar teu rosto?
Que deshumano insulto!

E pode enfraquecer desses teus olhos,
Desses teus bellos olhos, a luz pura,
Aonde o pio Amor continuamente
Ardendo se veria!

Vós, justissimos Ceos! que o permittistes;
Porque não permittistes que eu ao menos,
Chegado ao brando leito de Lorinda,
Chorar seu mal pudesse?

Alli eu mesmo, com piedosa mágoa,
O cópo da asquerosa medicina
A beber lhe daria, eu a animára,
Se lhe voltasse o rosto.

Alli receoso, e provido estivera
De quando em quando a perguntar-lhe eu mesmo;
Se estava angustiada, ou se já tinha
Mais algum refrigerio?

Alli fora o primeiro, que cessasse
No silencio da noite; e mansamente
De instante a instante a ella chegaria
A ver se respirava.

Infeliz, tu primeiro dos humanos,
Que com teu venenoso mal pudeste
Inficionar a bella natureza
Das miseraveis gentes!

Tu fizeste caduca aquella idade,
Que respeitára a inexoravel Cloto;
De outros erros maiores es a causa;
Oh mal haja o teu erro!

Que o tronco immovel, que a insensivel pedra
Sejão mais perduraveis, mais sadios,
Que os bem fornidos membros, que organizão
O corpo mais robusto!

Mas ah! Não queira o Ceo, Lorinda bella,
Já que destas pensões te não fez livre,
Que tão cedo a corrupta natureza
Dellas te peça conta.

Res-

Respirem sempre os ares mais benignos
Ao redor do teu corpo delicado:
A infesta vista para ti não volte
A pallida doença.

V

A O mais leve ruido,
Co' a prompta vista a casa rodeando,
Acorda espavorido
O vil ambicioso, imaginando,
Que o nocturno, e destrissimo ladrão
As chaves lhe tirou da escassa mão.

Applica o temeroso
Ouvido, receando, quanto escuta,
Insulto criminoso,
Que em seu thesouro avaro se executa:
Qual edificio, em que se ateia a flama,
Alvoraçando a casa, os servos chama.

Feliz, tu, que despertas;
Podendo, em pobre cama socegado
Com as portas abertas
Tornar ao doce somno começado,
Até que volte o dia, sem mais pena,
Que achar talvez a noite ser pequena.

Quie-

Quieto o penſamento
Repouſa em ti, ſem nunca fatigar-te,
Nem por mar, nem por vento:
Com elle vás do mundo a qualquer parte:
As couſas vês, e a diſcorrer náo ouſas;
Triſte, o que ſabe duvidar das couſas!

Da ſoffrega ambiçáo
Já mais ſeguir os paſſos determinas,
Por medonho certáo
A ir deſencantar precioſas minas;
Mas antes, ſem tentar arduas emprezas,
Zombas das honras, zombas das riquezas.

Rompendo o curvo arado
Em paz a propria terra, que ſemeas,
Te contens moderado,
Sem ir buſcar undivago as alheas;
Ou por hum aſperiſſimo deſerto
De hum perigoſo, e vil ſuor cuberto.

Da terra ſobre a face
Depois o fruto vês que em tempo veio;
O ouro alli te naſce
Nas barbadas eſpigas do centeio;
Que, dando-lho ſingelo, tem cuidado
De to reſtituir multiplicado.

Em

Em pequeno celleiro
Recolhes mais seguro o teu sustento,
Que o inutil dinheiro
Em chapeados cofres o avarento:
Em ti distribuido honestamente,
Nelle guardado vergonhosamente.

Ah que se tu souberas
O que passa no Mundo, e seus costumes,
Outra idéa fizeras
Bem diffrente de ti, do que presumes!
Que huma só natural Filosofia
Não só augmenta a dor, mas a alegria.

Quando ao monte subisses
Alguma vez a apascentar teu gado;
E lá ao longe visses
Sahir a náo, fendendo o mar cavado,
A terra pouco a pouco atrás deixando,
Até que volte sem saber-se o quando:

Então, então darias
Todo o valôr devido ao teu socego;
E comtigo dirias:
Oh tu que entregue vás ao alto pégo!
Faminto, e vão desejo te incha a véla,
Pois vás com sede, e has de vir com ella.

Se

Se fora a Natureza
Com ſabia mão teus paſſos dirigindo
Por toda a redondeza,
Novos Ceos, novas terras deſcubrindo,
Porque depois a neſcias creaturas
Deixaſſes proveitoſas eſcrituras:

Arriſcaſſes embora
Entre ſuſtos, e lagrimas a vida:
A vida, que o não fora,
Se ſó fora em regalos conſumida;
Porque em molles eſpiritos não cabem
As couſas grandes, que os prudentes ſabem.

Mas ir abrindo os mares
Agora ao fundo abyſmo ſepultado,
Agora pelos ares
Voar ao Ceo nas ondas levantado,
Tremulo o corpo, e já no roſto afflito
Da fria Morte o negro geſto eſcrito:

A doenças mortaes
Humas vezes expoſto, outras a fomes;
Tudo por cabedaes,
Que ou não chegas a ter, ou mal conſomes:
Ah louco atrevimento de homem louco,
Tanto queres, baſtando-te tão pouco!

A' nescio, aonde vás?
Cuidas talvez que he pouco o que possuo?
A santa, a santa Paz
Em seus braços me aperta, não fluctúo
No golfo da ambição, sempre em bonança
Me cérca Virtuosa Temperança.

Aqui reina a Verdade,
Sem que a lisonja lhe dispute o mando:
A serena Amizade
Com pacifica mão vai dominando,
Não os venenos da sizania antiga,
Sim as doçuras da concordia amiga.

Aqui sem artificio
Me vestem crespas lans: Pobre aposento
De baixo frontespicio
Me tólhe a chuva, e me repára o vento:
De dia alegremente trabalhando,
De noite do trabalho descançando.

Aqui da negra Inveja
Já mais me infama o bafo pestilente:
Do que aos outros sobeja,
Bem que me falte a mim, vivo contente:
Porção pequena de qualquer comida
Basta para manter-me a curta vida.

Das teras espremendo
Da mansa vaca o leite saboroso,
O vou depois bebendo
Pelo concavo tarro mais gostoso,
Do que esses odoriferos licores,
Que talvez desconcertão teus humores.

Aqui, quando anoitece,
Tropel não ha que o somno me embarace;
E logo que amanhece,
Alegre vem, dizer-me que o Sol nasce
(Rodeando-me a choça) o passarinho,
Que primeiro do que eu deixa seu ninho.

Em vez de altos cuidados,
Doce canto me acorda brandamente:
De empregos arriscados
Não me faço importuno pertendente:
Bastava-me a razão, a faltar Lei:
Adoro o Rei, sómente porque he Rei.

Amiclas pescador:
O' venturoso Amiclas, se pudera,
O vão subjugador
Da Patria o Sceptro pelo remo dera;
Quando pede, que o passes, invejando
A paz, que n'alta noite estás gozando.

Mas

Mas aonde caminhas,
Pastor, que estás em vão vociferando?
Deixa as gentes mesquinhas
Fartar do lodo vil, que vão buscando:
Coroem teus trabalhos venturosos
O ouro não, os pampanos viçosos.

Deixar o Mundo embora:
O que hoje vemos nós, já outros virão;
Não he, não he de agora,
Que pessimos costumes mal se tirão:
Atolados em sórdida cubiça
Longe de nós, oh homens sem justiça!

VI

Vai, mesquinha Ambição, chega-te ao leito
Do languido doente,
Alli lhe represenra o rico aspeito
Do Indico Oriente:

Do aurifero Brazil mostra-lhe abertas
As profundas entranhas,
Pinta-lhe os dons, repete-lhe as offertas,
Que tu finges tamanhas:

Azues safiras, rigidos diamantes,
Incendidas granadas,
Inda as humidas perolas brilhantes
Nas conchas prateadas:

Com

Com alcatifas de Achemenia lhe orna
A casa de ouro chea,
E com ambas as mãos profusa entorna
O corno de Amalthea:

Insaciavel Monstro, que me queres?
Te diz entre gemidos;
Em nada, em nada tenho esses prazeres,
Prazeres corrompidos:

Sobre a rija bigorna o dia inteiro
Co' duro braço erguido
Inda he mais rico o sordido ferreiro,
De negro pó tingido:

Volvendo o nauta rude a grossa amarra
No forte cabrestante
Mais feliz he, surgindo pela barra
Com robusto semblante:

Quer antes que perdello o vil forçado
Passar pelo desprezo,
Com que o descalço pé move cançado
Do vergonhoso pezo:

O mendigo embrulhado em roto manto,
Que mal lhe tolhe o frio,
Alegre vai de porta em porta, em quanto
Sente o corpo sadio:

Do

Do carrancudo Tormentorio á vista
Passára ousadamente,
Até firmar os pés na grão conquista
Da Lusitana gente:

De baço, e nú salvage não temendo
As settas, e os alfanjes,
Novos caminhos por certões fazendo,
Passára além do Ganges:

De mil possantes náos gemer fizera
As concavas entranhas,
E prenhes sobre o mar as estendêra
De riquezas estranhas:

A casa do soberbo frontespicio,
Que fundára com ellas,
Onde se visse o pródigo artificio
De marmoreas janellas.

Não fora como a vossa, ó cega gente,
Tão longe da Virtude:
Hum Templo fora a ti, a ti sómente
Benefica Saude.

VII

NAõ de Carthago, nem de Troia canto
Os já desfeitos, e abrazados muros:
Mais alto a voz levanto,
Que ha de ſervir nos ſeculos futuros
De exemplo, e mais de eſpanto:

Longe ſuperſtição, longe Deidade,
Que influir ſobre os canticos affectas
Divina ſuavidade:
Eu ſou ferido das brilhantes ſettas
Da candida Verdade:

Os altos edificios, cuja gloria
Riſcar não póde a negra mão dos Fados,
Padrões de larga hiſtoria
A' publica ſaude conſagrados
Em honroſa memoria:

Não são muros de Thebas, erigidos
Em virtude do canto fabuloſo:
Não são montes erguidos
Contra o poder de Jove reſpeitoſo
Por homens atrevidos:

Tu

Tu és, ó grão Lisboa, alta Cidade,
Do Mundo Emporio, a Capital das gentes,
Patria da heroicidade,
Que debaixo das cinzas inda quentes
Respiras Magestade:

Todas essas Cidades, que acabárão,
Victima infausta de sanguinea guerra,
Que apenas te igualárão;
Inda jazem cahidas sobre a terra,
Que soberbas pizárão;

Não foi de belicosa gente armada
Repentina invasão, não força estranha
De mina rebentada:
Não foi estratagema, não foi manha
De inimiga cilada:

Não foi esse flagello horrendo, e feio,
Que ministrado nas fataes cruezas
Do ataque, e do bloqueio,
Ver não podem munidas fortalezas
Sem tremer de receio:

Esse, que póde de terror, e espanto
Fazer tremer o Mundo, e a fraca terra
Cubrir de amargo pranto,
Foi quem te consternou, quem te fez guerra,
Que outrem não pode tanto:

Eu te vi ir com a viva cor mudada,
A mal vestida roupa fluctuante
Pelos hombros deitada:
A huma, e outra parte, vacillante
Correndo desgrenhada:

Eu te vi levantar altos clamores,
Tropeçar, e cahir atropellada
Dos teus habitadores:
Sobre mudos penhascos, rodeada
De pallidos horrores:

Bem como aquelle, que cahio ferido
Entre os soldados do esquadrão guerreiro,
He logo soccorrido
Do bom amigo, que lhe deo ligeiro
A mão compadecido:

Assim do meio de miseria tanta
Te ergueo aquelle, que da negra Inveja
Opprime a vil garganta:
Ah! Chega ao grande Conde, a mão lhe bej
A mão, que te levanta:

Oh Grande Pai da Patria, Heroe benino,
Tua robusta mão capaz só está
De tamanho Destino:
Por si o Alto Jupiter espera
No assento crystallino:

Com que rosto de lá do Soberano
Throno das almas dos Heroes potentes,
Verás, senão me engano,
Ferver cada vez mais, estranhas gentes
No Téjo Lusitano:

Quando voltarem para os patrios ninhos,
Viráõ, movidos de alta crosidade,
Sahindo-lhe aos caminhos,
A perguntar-lhe pela Gráo Cidade,
Parentes, e vizinhos:

Agora louvaráõ os beneficios
Das sábias Leis, agora o fundamento
Dos nobres edificios,
Que inda poráõ em longo esquecimento
Os célebres Egypcios.

Náo consultei de victima innocente
As fumegantes humidas entranhas:
Náo o Ceo reluzente,
Subido sobre o cume das montanhas
Com juizo imprudente:

No auspicio de outra luz os olhos fito:
De huma alma grande as intençóẽs proponho;
Consulto o Conde invicto:
Náo se presuma que deliró, ou sonho;
Com elle o acredito:

Jactem-se esses Heroes conquistadores
(Nomes, com que se o povo nescio engana)
Dos barbaros furores;
Com que opprimindo a fraca gente humana,
Se chamárão Senhores;

Entrem pelas Provincias descuidadas:
A mal avindos póvos fação guerra:
Vejão despedaçadas
Cahir as altas povoações por terra,
Entre lanças, e espadas:

Fação tremer Neptuno de assustado:
Rompão-lhe á força de nadantes quilhas
O ceruleo costado:
Obrem outras mais altas maravilhas,
Que dão no Mundo brado;

Que tu, ó Fama, no portal do Templo
Defenderás a entrada iniqua, e dura
A semelhante exemplo,
Reservando sómente esta Ventura
Ao Heroe, que contemplo:

Ao filho de Laertes, que importára
O astuto esforço de assolar Dardania,
Se por memoria rara
Com bemfeitora mão na Lusitania
Lisboa não fundára.

Efte da verdadeira heroicidade
Será fómente o titulo, e o modo
De entrar na Eternidade;
Que he mais, que desfazer o Mundo todo,
Erguer huma Cidade.

VIII

RAmo feliz, de frutos efperados,
Que a crefcer principias:
Do Ceo, que te difpoz, abençoados
Sejão teus bellos dias:

Oh nunca a mão cruel, do defabrido
Noto, contra ti vejas!
Antes de hum brando Zefiro movido,
Co' elle brincando eftejas:

Em frefco orvalho fobre ti defcenda
Todo o rifo da Aurora:
Elle ao fecco Eftio te defenda
Da calma abrazadora;

Mas não és tu producto florecente
Do tronco generofo,
Cujas folhas irão perpetuamente
Tocar o Ceo formofo?

Eu não escuto, Angelico Destino
Com voz serena, e santa,
Que de teu nascimento peregrino
Alta venturas canta.

Não te promette em seculo vindouro
De Outono sazonado,
Melhores pomos, do que os pomos de ouro,
Que Alcides tem roubado.

Não diz, que então á sombra recolhidos
Da tua excelsa rama,
Viráõ do Téjo os cisnes escolhidos
Cantar a tua fama;

Tu es, tu es o ramo abençoado
Disposto em chão fecundo,
Para seres no Mundo respeitado
Dos melhores do Mundo.

Tragão do campo as Tagides formosas
Flores nas brancas fraldas;
De roixos lirios, de purpureas rosas
Te fabriquem grinaldas;

E as Graças, que em ti já se estão revendo,
Irão cheas de gloria,
Nas tuas verdes folhas escrevendo
Deste dia, a memoria.

IX

SE em teus puros Altares
Em honra deste dia, ó bella Olaia,
Não vês subir aos ares
Os fumos da odorifera Pancaia:

Se em honrosa memoria
Com festivas geraes acclamações
Não vês á tua gloria
Fundir estatuas, levantar padrões:

Se do cedro aos ardores
Não vês chegar pacificas, e promptas
Coroadas de flores,
Cem brancas rezes de douradas pontas;

Se não vês as disputas
Das carroças nos circulos ligeiras,
Nem sanguinosas lutas,
Nem apostas nas rapidas carreiras,

He porque não dispensa
A avarenta Fortuna a hum baixo estado
A grande differença,
Que vai do aureo Sceptro ao vil cajado.

Pe-

Pelas razas campinas
Não ha entre as pobriſſimas cabanas
Mais que humildes boninas
Moles juncos, groſſeiras eſpadanas.

Nas ruſticas Aldêas
Não ha mais do que alegres paſſarinhos,
Melliſluas colmeas;
Pobres tarros, malhados cordeirinhos.

E'cos deſafinados,
Aſperos ſons de ruſticos ſalteiros,
Louvores entalhados
Nos corruptiveis troncos dos ſalgueiros.

De huma ſimples Paſtora
São eſtes dons proporcionadas prendas
De ti, minha Senhora,
Não são, nem devem ſer dignas offrendas.

Mas ſe huma alma, que tenho,
Agora, ta não der, para que a quero?
Eu offrecer-ta venho,
Recebe, Olaia, o dom, vê que he ſincero.

Nella o teu nome eſteja
Mais perduravel, do que em bronze duro,
Hum novo Templo ſeja
Onde ſe guarde do poder futuro.

Nelle ſegura, e uſana
Vive a pezar dos ſeculos ingratos,
Queime-ſe o de Diana,
Que eſte não teme a mão dos Heroſtratos.

Póde abater-ſe a torre,
Dar de ſi a firmiſſima coluna;
Mas n'alma, que não morre,
Não tem poder o braço da Fortuna.

X

N'Um ſitio, que buſquei accommodado
Para chorar meus males,
Aonde ſó me via rodeado
De montes, e de valles,

A' ſombra de hum altiſſimo loureiro,
Que tem o naſcimento
Na corrente de hum cándido ribeiro,
Ainda mal me aſſento,

Quando a huns ternos ais deſconhecidos
O roſto levantando
Deſcubro entre ſoluços, e gemidos
Hum menino chorando.

Quem

Quem es? (lhe perguntei) quem te maltrata?
Deo-te, menino, alguem?
Eu ſou Amor, offende-me huma ingrata,
Que de mim dó não tem.

Na face o beijo, e a meu colo o trago,
As lagrimas intento
Limpar-lhe internecido; mas co' afago
As lagrimas lhe augmento.

Aonde eſtão as ſettas, lhe dizia,
Aonde o arco, a aljava?
Queria reſponder-me, e não podia,
De novo ſoluçava.

Aonde eſtá, Cupido, aquelle ouſado,
Aquelle atrevimento,
Com que as terriveis armas tens levado
Até ao Firmamento?

Por ti não deſceo Jupiter á terra
Em diverſos ſemblantes?
Não temeo muito mais a tua guerra,
Que a guerra dos gigantes?

Contra Marte os teus raios não deſpedes,
Não lhe aplacas a ira?
Não fica prezo nas vulcaneas redes
Por Venus não ſuſpira?

Por ti o Louro Deos, que os carros guia
Do dia luminoso
Apôs da esquiva Daphne que fugia
Não correo amoroso?

Por ti a casta Deosa não deixava
Os Patrios Orizontes,
E entre brancas ovelhas não buscava
Edymião nos montes?

Tu só, tu forte Amor abrir pudeste
A Porta Diamantina,
Sahir á luz do Sol Plutão fizeste
A buscar Proserpina.

Quantos Deoses em fim, quantos humanos
Sentírão teu estrago?
Digão-no os Gregos, digão-no os Troianos,
E dize-o tu, Carthago.

Eu vejo, eu vejo o fogo devorando
Cidades, e campinas,
As Mães correndo, os filhos espirando
No meio das ruinas.

Se ver pudeste, Amor tanta desgraça
Com semblante sereno,
Como he possivel que chorar te faça
Hum poder tão pequeno?

Amor,

Amor, que no meu peito recostado,
Ouvindo attento esteve,
Os olhos abaixou, de envergonhado
A fallar não se atreve.

Té que dando hum suspiro, já disposto
Para fallar se ensaia;
Que mal conheces o Divino rosto
Da poderosa Olaia.

Quiz responder-lhe, e elle continúa:
Aquella fêra humana
He ainda mais fêra, inda mais crua
Do que he a Tigre Ircana.

Zomba das minhas settas passadoras,
Meu poder desconhece,
Nem do que eu passo, nem do que tu choras
Huma vez se internece:

Arco, aljava, e mil settas fiz de novo
De ponta mais aguda;
E antes de atirar, primeiro as provo
Em huma penha ruda.

Puz no arco as mais fortes; e atirando
A seu peito huma e huma,
Ora se entortão, ora vão quebrando
Sem a ferir nenhuma.

Sem-

ré encontrei dobrada resistencia,
Té os ferros lhe ervava,
me esqueceo nenhuma providencia;
Mas nenhuma bastava.

os meios tentei: Parto voando
Aos Cicilicos montes,
s estão a Jupiter forjando
Esteropes, e Brontes:

a Vulcano que hum grilhão me faça,
Mais forte, mais pezado,
esse, que tem com misera desgraça
Na roda a Ixion atado.

com elle cheio de esperança,
Que já me promettia,
busco, e vejo que descança
Entregue ao sono hum dia.

ue não sei dizer-te vivamente
Daquelle gésto brando
aça natural, pura, innocente,
Com que está respirando!

sei dizer, por mais que a voz levante,
Como he bella dormindo,
oa, minha Mãi, o teu semblante
Não he, não he tão lindo.

Ac-

Accende-ſe de vella o meu deſejo;
E ſem que me fartaſſe,
No eburneo colo deſcuberto a bejo
Nos olhos, e na face.

Então nos liſos braços por cautela
O grilhão prevenido
Lhe deito manſamente, porque della
Não foſſe perſentido:

Quando deſte meu pranto deſprendida
Huma lagrima ardente
Lhe cahe no bello roſto, e eſpavorida
Acorda de repente.

Os olhos poz em mim formoſa, e fera,
Tal fogo nelles traz,
Que como ao lume ſe derrete a cera
O meu valor desfaz.

Rompe a cadea dos mimoſos braços,
Quem tal imaginou!
E em deſprezo e' os miſeros pedaços
De longe me atirou.

Deſarmado fiquei, ſahi corrido
Té parar neſta praia:
Já me não chamo Amor, nem ſou Cupido,
Sou o odio de Olaia.

Só

Só de quantas idéas tenho feito,
Util póde ser esta
Desse teu coração, desse teu peito
Hum suspiro me empresta.

Com elle juro aos Deoses, e ás Estrellas
De obrar cousas tamanhas,
Que até lhe faça derreter aquellas
Durissimas entranhas.

Nestas armas sómente confiado
Partio, Amor, voando,
E eu a suspirar acostumado,
Lhe disse suspirando:

Aqui te espero, Amor, nestes retiros:
A victoria segura;
Mas olha bem, que são os meus suspiros
Suspiros sem Ventura.

CANÇÕES

I

LOnge barbaro vulgo!
Fugi, fugi de mim; porque os ſubidos
Myſterios, que divulgo
Na attenção dos incredulos ouvidos,
Não fazem doce effeito:
Põe, ó Muſa, tanta alma no conceito
Deſte alto aſſumpto, que me occupa a mente;
Que, ferida de hum raio intelligente,
Faça o que for compondo
Armonia no Ceo, no Inferno eſtrondo.

Não cantarei de Ormias,
De Lucrecias, de Porcias as vulgares
Eſtranhas ouſadias,
A quem no Mundo a Fama ergueo Altares;
Nem de outras de igual Fama:
Cantarei a Matrona, que ſe acclama
Entre as fortes mulheres, MULHER FORTE;
Que as Leis vencendo da invencivel morte,
Os vinculos deſata
Da culpa, e vive co' a pureza intata.

Não cantarei as Didos,
As Sabás, as Simiramis, que a gloria
De ſeus Reinos luzidos
Inda durão nas paginas da hiſtoria,
A Divina, a Profana;
Cantarei a Rainha Soberana,
Que já muito antes de que houveſſe idade,
A preſervou de humana enfermidade
Quem todo o poder tem
C'um poder alto, nunca dado a alguem.

Não

Não cantarei Joannas,
Ursulas, nem Luzias, que vencendo
As suggestões profanas,
Que arma contra a pureza o vicio horrendo,
De coroas, e palmas
Ornão triunfantes as preciosas almas:
Cantarei a mais pura, intacta, e Santa,
Que a Fé adora, e que a Igreja canta,
Que foi Mãi, sendo Virgem,
Fonte de Graça, da Pureza origem.

Não cantarei as Saras,
As Lyas, as Raqueis tão conhecidas,
Na formosura raras,
Grandes em nomes, célebres em vidas,
Notaveis na Escritura:
Cantarei a celeste formosura,
Que honrou da enferma Natureza a massa,
Que de graças encheo o Author da graça,
A Rosa mais perfeita,
Que o Ceo, plantada em Jericó, respeita.

Cantarei a formosa
Judith contra o Gigante do peccado,
Tanto mais valerosa,
Quanto vai da figura ao figurado:
Do Testamento a Arca
Cantarei, cantarei aquella barca,
Que no Diluvio da original tormenta
Entrou no Mundo do naufragio isenta;
E a pomba, que o virente
Ramo trouxe da Paz a toda a gente.

Cantarei huma Aurora,
Não como a que ante o Sol nos vem raiando,
Mas outra Precursora,
Que á luz do mesmo Sol as luzes dando,
As recebeo mais bellas
Do Creador do Ceo, e das Estrellas:
E se o meu fraco espirito lá chega,
Neste alto mar de luz, em que navega,
Nova Estrella me guia,
Que es Tu, es Tu, Santissima MARIA.

Oh!

Oh! Como vivamente
Na idéa ſe me eſtá repreſentando
Que no Ceo (altamente
O teu Nome Santiſſimo entoando)
A Eſpiritos Divinos
Repetir ouço os Canticos, e os Hynos;
E que o meſmo Senhor tres vezes Santo
De hum amor ineffavel ſe enche tanto,
Que, ſe poſſivel fora,
A gloria ſua ſe augmentára agora.

Oh! Como me parece
Que as Eſtrellas ſcintillão mais brilhantes!
Que o mar não ſe enfurece,
Que eſtão de nós os Ceos menos diſtantes!
Que lá dos horizontes
A terra inclina os levantados montes!
Porém que o Reino de ira ſempiterna,
Onde tudo ſem ordem ſe governa,
Ouvido o nome Santo,
Levanta horrendo, e inconſolavel pranto.

Que trasbordando fóra
Fervem da Estige as denigridas aguas;
Que a chusma gemedora
O pezo soffre de dobradas mágoas;
Que os ímpios maldizentes
A raiva exprimem no estridor dos dentes;
E as almas novamente atormentadas
A' força das cadeas arrastadas,
Sentem tremer absortas
Nos duros eixos as Tartareas portas.

Megera espavorida,
Que quer fugir do carcere parece,
E achando-o sem sahida,
Contra os soltos cabellos se enfurece;
Nas ímpias mãos trazendo
As viboras mortaes, que está mordendo:
Que esse Dragão, que presidencia ímpia
Tem da Região, que não conhece o dia,
Da immunda boca sólta
Rios de espuma em negro sangue envolta,

Mas já do infame throno
ſcer o vejo tremulo, e forçado;
E qual de grande ſono
z vezes cahe no chão deſacordado,
Incendios vomitando:
tanto a devoção continuando
celebrar o Nome de MARIA,
monſtro, contumaz na rebeldia,
Na cauda quer firmar-ſe,
rém de balde intenta levantar-ſe.

Santiſſima Senhora,
s, que debaixo deſſa invicta planta
Lhe pizais vencedora
venenoſa, e tumida garganta
Por toda a Eternidade,
ide tão milagroſa ſuavidade
baixo ſom da minha rouca lyra,
e ſer a arpa de David ſe infira;
E em voſſo Nome Santo
ugente o Demonio com meu canto.

Já, Senhora, não quero
Aquella, que invoquei, profana Musa;
Pois só de vós espero
Aquelle ardor; que quem o alcança, escusa
Outro algum poderoso,
Quanto mais o do Pindo fabuloso:
Canção minha, publíca a toda a gente,
Que se se entoa algum louvor differente,
Para sempre emudeça,
Que outro louvor mais Santo se começa.

II

Com teu formoso rosto
Encostado na mão? C' os olhos bellos
Cubertos de desgosto,
E sobre elles os lucidos cabellos
Sem alinho pendentes!
Que mágoa he essa, que ó Beliza sentes?

Assim de quando em quando
(Da velha, e triste Mãi desamparada)
Mudos suspiros dando!
Só dos tenros filhinhos rodeada
A carpir innocentes!
Que mágoa he essa, que ó Belliza sentes?

Aos

Aos membros delicados
Tirando as forças! E na face linda
Impreſſos mil cuidados!
Dos eſtranhos deixada; e mais ainda
Dos indignos parentes!
Que mágoa he eſſa, que ó Beliza ſentes?

Mas já, formoſa Dama,
Amor, o cego Amor o vai dizendo:
Teus ſuſpiros derrama,
De mágoa o Ceo, a terra, o Mundo enchendo;
Que o meſmo Amor nos deve
Dizer a cauſa, já que a culpa teve.

Já ouço d' entre a gente
Soar hum rumor triſte, que levanta:
Qual geme deſcontente,
Qual manea a cabeça, qual ſe eſpanta:
Todos triſtes murmurão,
Todos Beliza acompanhar procurão.

Que faça hum vil marido
A huma fraca mulher tão dura guerra!
Torpe, e deſcommedido,
Indigno em fim de que o ſuſtente a terra!
Infeliz formoſura!
Beliza triſte, mais que a noite eſcura.

Ao

Aquelle brando gésto,
Aquella compostura, aquelle riso
Entre contente, e honesto;
Retrato do sereno Paraiso:
Com tanta semelhança,
Que tudo o mais aparta da lembrança.

Já Rusticio te esquece?
Já, Beliza, não he como dizias?
Já triste não merece
Esse grande senhor, que ser querias?
Os mimosos infantes
Já não são teus filhinhos como d'antes?

Estes são os futuros
Descanços tantas vezes promettidos?
São estes os seguros
Premios de Amor a tanto amor devidos?
Era esta a Ventura,
Que esperava a innocente formosura?

Qual o simples menino,
Que da tenra florzinha se namora,
Com géstos de contino,
Em quanto lha não dão suspira, e chora;
Que depois maltratada
Cahir das mãos a deixa desprezada:

Não de outra ſorte obraſte
Com a triſte Beliza, que algum dia,
Como embebido olhaſte,
E agora a deixas (mas quem tal diria!)
Nas mãos da vil Pobreza,
Tão arriſcada a fragil natureza?

Em funebre apoſento
Encerrada ſem culpa; e para a vida
Tão amargo ſuſtento;
Que entre a neceſſidade aborrecida,
He ſó por mãos da Fome,
Que amaſſado com lagrimas o come.

Já tivera apartado
De ſeus olhos a luz a noite eterna,
Se por alto cuidado
De quem ſó nos ſuſtenta, e nos governa
Não fora o beneficio
Suſtentador do Angelico Edificio.

Deſattento marido,
Que ás innocentes vidas não reparas;
O animo abatido
Da Conſorte fiel, das prendas charas;
Oh nunca farto ſejas
Dos ſuperfluos manjares, que deſejas!

Insolentes Arpias
A' meza sobre ti com furia desção,
Das mãos as iguarias
Levadas pelo ar desappareção,
Como já succedeo
Com menos causa a Eneas, e a Phineo.

Onde tendes a espada,
Celeste Dom, Justiça vingadora?
Que na mão levantada
Não vinga a pobre, e misera senhora?
Mas ah que o não consente
Da piedosa Beliza o rogo ardente!

Se inda mereço tanto,
Que tens de mim, ó Ceo, algum cuidado,
Pelo contínuo pranto
Destes tristes meninos sem peccado,
Vê, que pedindo estou
O perdão para aquelle, que os gerou.

Perdoa ao inimigo,
Que tu mesmo me déste por Esposo;
Senão serás comigo
Da mesma sorte, que elle rigoroso;
Pois pela fé que trato,
Não deixou de ser meu, por ser-me ingrato.

Ven-

Venturoso Consorte,
Que contra perigosa, e longa ausencia
Podes seguro, e forte
Ver de amor conjugal tanta excellencia,
N'uma mulher tão rara,
Que Olisea por Penelope trocára!

Mulheres descontentes
Do cego Amor: Mulheres que casastes,
E cegas, e imprudentes,
Em lugar de homens, troncos abraçastes,
Vinde ver em Beliza
Quanto mal, quanta dor vos martyriza.

Chegai desconsoladas
A fazer-lhe piedosa companhia;
E de pranto banhadas
(Em quanto houver no Mundo noite, e dia)
Chorai a toda a hora,
Com quem de dia, e mais de noite chora.

Vereis como Hymineo
De dor apaga a tocha suspirando;
A tocha, onde accendeo
Seus desejos, Amor, que já quebrando
O arco fementido,
Põe a mão sobre os olhos, de corrido.

III

DA clara eſtirpe dos Heroes valentes,
Que em memoria das horridas batalhas,
Forão deixando nos portaes pendentes,
Lanças, eſcudos, capacetes, malhas,
Nem me prézo, nem ando
Carunchoſos papeis deſenrolando;
De baixo tronco venho:
Humildes ramos por avós ſó tenho.

Não me gabo de ſólidos talentos:
Falta-me applicação, engenho, e arte:
Não recolho nos cofres avarentos
Eſſes dons, que Fortuna mal reparte:
Não são os meus projetos
Altas paredes, guarnecidos tetos:
Sou pobre, e deſte modo
Tenho por minha caſa o Mundo todo.

Eu não honro a Nação, nem ſirvo o Eſtado,
Que a tanto hum fraco eſprito não ſe atreve:
Deſſes não ſou, que o nome tem gravado
Nos livros de ouro, onde a Fama eſcreve:
Não me conhece o Mundo:
Na eſcuridão daquelles me confundo,
Cujo procedimento
Cubrio o negro pó do eſquecimento.

Não

Náo eſpero que erguida ſepultura
O frio corpo meu, honre, e levante,
Onde pare aſſombrado da eſtructura,
A ler meu nome, o vago caminhante,
Nem eſpero affligir-me,
Se a terra me faltar para cubrir-me:
Do famoſo Catáo,
Inſepultos os oſſos inda eſtáo.

Inda vive a memoria dos tyrannos,
E ainda, para aſſombro dos futuros,
Vertendo eſtáo o ſangue dos humanos
De Roma as praças, de Cicilia os muros;
E de quantos Varóes
Inda ſe ignora a fama das acçóes.
A verdadeira gloria
Náo he encher Capitulos na Hiſtoria.

A gloria de hum mortal náo ſe alimenta
De ſangue, nem de lagrimas; ſó brilha,
Saiba-ſe, ou náo ſe ſaiba, quando intenta
Perdoar generoſo ao que ſe humilha:
Quando vir levantada
Contra a innocencia ameaçadora eſpada,
Interpor ſe valente,
Seja de amigo, ſeja de parente.

Náo

Não ter em menos conta, o que trabalha
Co' arregaçado braço todo o dia,
Que o fero Capitão, que na batalha,
Cego talvez pela ambição porfia:
Eſtimar a virtude,
Onde quer que eſtiver, no ſabio, ou rude:
Ser grato aos beneficios:
Amar os homens, reprovar-lhes os vicios.

Cumprir o juramento huma vez dado,
Inda que ſeja ao barbaro Africano:
Ver ſobre ſi com roſto ſocegado
A mão erguida de hum algoz tyrano:
Amar a temperança,
Seja na tempeſtade, ou na bonança:
Aos ſoltos appetites
Tomar o freio, e aſſinar limites.

Ser ſenſivel ás lagrimas daquelle,
De quem talvez Fortuna ſe não doe:
Enternecer-ſe, ſuſpirar por elle,
Que eu não fórmo de pedra o meu Heroe:
Oh Santas qualidades,
Vós ſómente he que ſois heroicidades,
Sois geração do Ceo,
Que tão pouco na terra ſe eſtendeo!

Vós

Vós sois capazes de fazer ditosa
A alma de hum Pastor, e de hum Barqueiro;
Mais livre está do raio, quem vos goza,
Do que á sagrada sombra do loureiro:
Comvosco ao Ceo voárão,
Esses, que de morrer nunca acabárão:
Eu vos amo, eu vos sigo;
Mas sem vaidade, e sem soberba o digo.

Não estudo palavras, e artificios
Do manhoso Sinão, tecendo enganos;
Quaes elle fez nos dons, e sacrificios,
Que introduzio nos miseros Troianos:
Não sou lobo esfaimado
Com pelle de cordeiro disfarçado:
Amo por natureza
A doce paz, a bella singeleza.

Respeito o sabio, o virtuoso, o forte,
Estimo ao bemfeitor; por mais que vejo
Crescer ao meu vizinho os bens, e a Sorte
Sabe, quem sabe tudo, se os invejo:
Se posso, ao pobre acudo,
Dos primeiros propositos não mudo:
No gosto, ou no perigo
He a minha metade o meu amigo.

A ſaude me falta, e não me altero;
Soffro a murmuração, ſoffro a violencia,
Sómente o goſto de morrer eſpero,
Abraçado co' a minha paciencia:
Eſtes são meus theſouros,
Eſtes os meus brazões, eſtes os louros,
Que me adornão a teſta;
Eſte he o meu nome, a minha eſtatua he eſta.

ECLOGA

I

Albano, e Damiana.

POr entre a nuvem roxa apparecia
A deſtoucada Aurora no Orizonte,
E já de novo a eſcaſſa luz do dia
Dourava o cume do apartado monte:
A nevoa da manhã ſe desfazia,
Cantava o roxinol, ria-ſe a fonte,
Abria a porta o ruſtico na Aldêa,
Branquejava na praia ao longe a arêa.

Trazia o Tempo as horas diligente,
E os hombros ſe deixavão ver da terra:
Já lá ſe diſtinguia claramente
Fumegar o caſal na inculta ſerra:
O ſimples cordeirinho de contente
Apôs da chara Mái, ſaltando, berra;
E antes que o Serrano ao paſto a deite,
No manſo apriſco lhe mugia o leite.

Já ſe eſcutava da manada a choca
Ao longo da campina: De outra banda
Alli punha a Serrana a lá na roca,
Aqui paſtava a cabra a relva branda:
Hum guardador além a flauta toca,
Quando a beber o gado á fonte manda:
Ouvia-ſe alternada em ſeus amores
A ſincera cantiga dos Paſtores.

O novo jugo a tarda companhia,
Deſamparando o ruſtico agazalho,
No calejado collo recebia,
Para ſeguir o próvido trabalho:
O peſcador nas praias eſtendia
As redes a enxugar do freſco orvalho:
Todos que era chegado o Sol ſabião:
Huns acordavão; outros já ſahião.

Mas Albano Paſtor, que madrugava
Ainda mais que o luzeiro matutino,
Já ſem acordo ſolitario andava
Pelas margens do Téjo cryſtallino:
E como alli ſentia, alli chorava
A triſte ſem-razão do ſeu Deſtino:
Nunca, por mais que via ao Sol o roſto,
No ſeu ſemblante amanhecia o goſto.

Era elle entre os da Aldêa o mais polido,
Pobre Paſtor; porém de ſangue honrado;
E poſto que no monte foi naſcido,
Tinha ſido por Meſtres educado:
Mas tinha-lhe a Fortuna decahido,
Contra quem nunca achou ſeguro eſtado;
E com pobreza hum claro naſcimento
Não he ſenão ſervil abatimento.

Amava Albano; e erão ſeus cuidados
Da ingrata Damiana os vãos favores:
Aquella, que entre a plebe dos cajados
Foi amoroſa guerra dos Paſtores:
De ſempre vivas cores animados
Seus olhos, boca, e face, erão melhores
Que os da Mãi de Cupido, a quem pudera
Emulação fazer, ſe ella o ſoubera.

Nas

Nas ribeiras saudosas encostado
Se achava Albano, ao tronco de hum salgueiro,
Cujo lugar hum tanto levantado
Ficava sendo ás aguas sobranceiro:
A face encosta ao curvo do cajado,
Olhando para o Téjo lisongeiro,
A cuja vista o seu pezar foi tanto,
Que estas palavras misturou com pranto:

O' rio venturoso, (principia,
Arrancando primeiro hum ai magoado)
Que cedo alcançarás nessa porfia
Satisfazer o fim do teu cuidado!
Triste de quem não acha huma alegria,
Por mais que corra em lagrimas banhado;
Mas tu, inda correndo, tens socego;
Eu nem parado a ter descanço chego.

Tu corres livre do amoroso encanto;
Mas oh! Que estranho effeito exprimentáras,
Se assim como te augmentas do meu pranto,
Sentíras o meu mal, que então seccáras!
Quanto deves temer o tempo! Quanto!
Que póde perturbar-te as aguas claras,
Ou fazer-te tão pobre, que inda a nado
Te passe affouto o meu pequeno gado.

Quan-

Quantas vezes contente já me viste
Ao pé deste salgueiro, e desta azenha?
E agora de repente me vês triste!
Terás mais privilegio, que eu não tenha?
O bem de ser alegre não consiste
Em que a Ventura hum pouco se detenha:
Eu não posso já mais viver gostoso,
Mas tu podes deixar de ser ditoso.

Presta-me hum pouco compassivo, e grato
Piedoso ouvido a meu cruel lamento;
Se he que este mesmo pranto, que desato,
Te não apressa mais o movimento;
Como succede a essa, a quem relato
(Por não querer ouvillo) o meu tormento;
Essa, a quem tanto imitas na belleza,
Quanto ella a ti na propria ligeireza.

Aqui chegava Albano enternecido
Sem refrigerio algum, que o seu cuidado
Lá dentro n'alma he tanto mais crescido,
Quanto agora o suppõe mal empregado:
Envolto em fogo sahe qualquer gemido,
A's vozes segue o pranto dilatado;
Que Amor quiz para próva deste affeto
De chammas filho ser, das aguas neto.

Assim passando as horas descontente
O Pastor descontente a qualquer hora,
Duvidoso de longe, escuta, e sente
Os écos doces de huma voz sonora:
Julgou ser da Pastora facilmente
O canto Angelical, que nunca o fora;
E levantando os olhos para o monte,
Vio que era della, e que baixava á fonte.

Qual Lavrador, que atrás do curvo arado,
Succedendo fugir-lhe algum bezerro,
Para logo o apanhar todo assustado,
Deixa a lavoura, desampara o ferro,
Aqui corre, acolá salta hum valado,
Atalhando o caminho pelo serro,
Cuberto de suor, e de poeira
Continuando vai sempre a carreira:

Tal o Pastor, em quem se verifica
O quanto póde hum misero cuidado:
Náo lhe lembra a cabana, que cá fica,
Larga o çurráo, esquece-lhe o cajado:
E por ir mais depressa, ao valle applica
Os passos, por caminho náo trilhado,
O gado larga já, nada o socega,
As passadas amiuda, á fonte chega.

Já

Já se achava a Pastora lá presente,
Quando Albano, detrás de hum verde arbusto,
Sahindo-lhe ao encontro de repente,
Elle com dor náo falla, ella com susto:
Qualquer dos dous ao Fado, impertinente
Accusa neste lance, mais que injusto:
Duas imagens ficáo do segredo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

Até que Albano triste começando:
Não te assustes; (lhe diz) mas náo podendo
Dar mais do q̃ hum suspiro, soluçando
Lhe vai o pranto a voz interrompendo:
Suspira sem fallar de quando em quando,
E de novo outra vez convalecendo,
Antes que a voz de todo embargue a morte,
Principia chorando desta sorte:

Não te assustes, cruel, que o teu Albano
Eu ainda sou (dizendo-lhe) a detinha;
Que fora poder mais, que Amor, o engano;
Não ser teu, porque deixes de ser minha;
Entre o misero horror de tanto dano
Inda respira a fé, que a alma sustinha,
Inda fazer não póde o teu defeito
A mais leve mudança no seu peito.

Eu

Eu sou aquelle, Albano, que algum dia
Por ti pizava alegre esta espessura;
Pois só com teu favor me parecia,
Que tinha que invejar-me inda a Ventura;
Mas hoje huma mortal melancolia
O rosto, o gêsto, a voz me desfigura;
Alegre aos campos vim deste contorno,
E quão mudado agora a elles torno!

Já capellas de louro não pertendo,
Nem já cuido no asseio do meu fato,
Depois que me deixaste assim vivendo,
Dos mais Pastores aborreço o trato:
A mim proprio confuso não me entendo,
Finalmente ando a modo de insensato,
Já se não vê na minha boca o rizo,
Só me falta perder de todo o sizo.

Já para as cabras não descubro o pasto,
Melancolico sempre trago o rosto,
Continuamente com meu mal me agasto,
Desde que nasce o Sol até que he posto:
E deste modo pouco a pouco gasto
A vida cá por dentro com desgosto,
Consumindo-se em fim, sem que a esperança
Do que fui me prometta semelhança.

Tu me deixaste sem razão, Damiana,
Que por mais que discorro pensativo,
Vão-se as horas, os dias, e a semana,
E não posso julgar-te hum só motivo:
Acho-te cada vez mais deshumana;
Na verdade não sei como sou vivo!
Assim passo, assim chóro, assim me canço
Sem allivio, sem gosto, e sem descanço.

Passão-se dias, que não vejo o gado
Perdido pela rustica montanha;
E vivo á solidão tão costumado,
Que entro na Aldea, como em terra estranha:
Já me não lembra o jogo do cajado,
Na carreira qualquer Pastor me apanha;
E se algum me pergunta a causa disto,
Respondo que não sei; mas he por isto.

Já não repito as doces cantilenas,
Com que alegre atéqui passava o anno;
Pois só chorando as mágoas, que me ordenas,
Se escuta na campina o triste Albano:
A frauta, com que já fiz mais pequenas
Antigas sem-razões de Amor tyranno,
(Porque hoje allivio nella ao mal não acho)
Na levada a deitei pella agua abaxo.

Deixei nunca, cruel, por teu mandado
De atravessar o monte mais estranho?
Não levava a beber sempre o teu gado?
Não era como teu o meu rebanho?
Quantas vezes por ti lá no serrado
Larguei da sementeira o pobre amanho?
Que cabra leite deo, mel a colmea,
Que não fosse levar-to eu mesmo á Aldea?

Até áquella ovelha eu mais queria,
Que mais que as outras todas te agradava:
Seu pasto era o melhor, porque sabia
Que com este serviço te obrigava;
E se acaso do monte se perdia,
Promptamente ao rebanho ta levava;
Desejando mostrar-te de algum modo,
Que em ti só tinha o meu cuidado todo.

Acaso no arraial da Freguezia,
Onde ao Domingo a festa se executa,
Fiquei menos que os outros algum dia
Na aposta da carreira, ou na da luta?
Não te levava, assim que se colhia,
A noz, a amendoa, a maçaroca, a fruta?
E quando aqui passavamos a sésta,
Não te dava as boninas da floresta?

O primeiro não fui, que entre os Pastores
Em ti busquei honesta sociedade?
Em pertender constante os teus favores
Não consumi a tenra mocidade?
Que frios em Janeiro, em Julho ardores
Não soffri já no monte, já na herdade?
E he crivel que finezas tão sabidas
Castigues, como offensas recebidas!

Tu foste nunca ao monte, que eu não fosse?
Ao rio, que eu tambem lá não me achasse?
Que Faia, por mais alta que ella fosse,
Tolheo, que os ninhos para ti roubasse?
E que peixe se cria na agua doce,
Que eu para ti contente não pescasse?
Tudo assim foi, que deixo repetido,
Mas oxalá que não tivera sido!

Nunca os olhos da estrada levantava,
(Que isto só faz quem lisamente adora)
Quando por estes campos encontrava
No caminho da fonte outra Pastora:
Se aqui alguma vez te não achava,
Te esperava saudoso de hora em hora;
E só quando chegavas, e eu te via,
Graças a Deos! Comigo então dizia.

Ne-

Negar esta verdade, esta fineza,
Pastora, em vão teu animo procura:
Ou dá-me de o fazer qualquer defeza;
Assim tenhas do que eu melhor Ventura!
Mereça-te esta vez minha tristeza,
O que não conseguio a fé mais pura;
E se a piedade no teu peito cabe,
Saiba mover-te, já que Amor não sabe.

Não quero, não, Pastora rigorosa,
Estorvar-te esse affecto, que pertendes;
Quero só, quando seja tão forçosa,
Perguntar-te a razão, por que me offendes?
Por isso mesmo, Albano, (desdenhosa
Lhe responde a Pastora) *mal me entendes:*
Por isso mesmo, que forçosa a vejo,
Não posso dar-te mais que a do desejo.

Se a féra mais cruel, que o monte cria,
Fallar soubera (Albano continúa)
A voz talvez, com que se explicaria,
Menos aspera fora do que a tua:
Eu morro; e já que morro em fim, queria
Saber antes que veja a morte crua,
Em que razão se funda, se assim mata,
Essa Lei, que te obriga a ser-me ingrata.

Já

Já com voz, nada menos desabrida,
Não teimes, (a Pastora lhe tornava)
Que em ser huma mulher agradecida,
Nem por isso se obriga a ser escrava:
Eu te quiz, mas deixei-te aborrecida;
Já pelo Fado assim disposto estava:
Não tens que te queixar da variedade,
Que amor não he razão, he só vontade.

Eu bem sei, se te deixo, que te aggravo,
Porque a fazello sem razão me atrevo;
Mas como hei de livrar-te desse aggravo,
Se he muito mais o que amo, que o que devo?
Vai ser agora de outro amor escravo,
Que em conta teus serviços já não levo:
Lá tens Alberta, Silvia, lá tens Benta,
Todas formosas são, nenhuma izenta.

Bem sei de teu desgosto a larga historia,
Já não sinto de ouvilla algum desconto:
Suppõe que em ti passou de Amor a gloria,
Como o faz a mentira em qualquer conto:
Não percas a cabana da memoria,
Vai teu gado buscar, não sejas tonto;
Que póde acaso, pois cioso vive,
Saber Fileno, que comtigo estive.

Dei-

Deixa, que eu goze os frutos do socego
Na viçosa esperança de outro agrado:
Deixa-me: Vai-te, que em melhor emprego
Se occupa novamente o meu cuidado:
Esse novo Pastor, em que me emprégo,
Tem devezas tambem, tambem tem gado:
Finalmente mais nada te repito,
Delle gósto, de ti não necessito.

Estes écos ouvia deshumanos
O Pastor entre novas agonias,
Vendo na Primavera de seus annos
Tão mal vingado o fruto dos seus dias:
Que tarde próva extremos desenganos,
Quem se deixou levar de vans porfias!
Inda mal, que he tão certo! Oh cega gente
Damiana o sabe, o triste Albano o sente.

Quer fallar-lhe outra vez; porém avante
Ir não se atreve; e em lagrimas desfeito,
Ficando mudo por hum breve instante,
Afflicto as mãos aperta junto ao peito:
Como quem sente mágoa penetrante,
Que promptamente faz misero effeito,
Albano fica, em quanto a angustia calla;
Mas rompendo o silencio, assim lhe falla:

Ah tyranna Pastora! Quem diria
Naquelles da affeição doces enganos,
Que em hum instante só Amor faria
O trabalho perder de tantos annos!
Aquelle olhar affavel de algum dia
Onde está, de teus olhos soberanos?
Se, tirando-os de mim tão de repente,
Com elles vás fazer o chão contente.

Quantas vezes chorando me affirmavas,
(Se acaso, ingrata, já me não mentias)
Que tanto de meus olhos te alentavas,
Que sem elles do Sol a luz não vias!
Então em mim os teus só recreavas,
Hoje, só por não ver-me, os tirarias:
Os meus sem luz estão, pois sendo amantes,
Já não achão nos teus o affago d' antes.

He esta aquella fé, com que algum dia
Passando a calma juntos desta fonte,
Mil vezes teu amor me promettia:
Ser mais claro que o Sol, firme que o monte?
Não juravas então, se eu te não cria,
Que ao passar huma vez aquella ponte,
Ainda com ella fosses ter ao rio,
Se tivesses na fé qualquer desvio?

Ah! Não passes por ella na incerteza
De o Ceo tomar de ti justa vingança,
Que as pedras deixarão de ter firmeza,
Só para castigar huma mudança:
A confusão da tua ligeireza
Estás vendo na sua segurança;
Mas não posso estranhar quanto fizeres;
Porque em fim as Pastoras são mulheres.

Quantas vezes, subindo aquelle outeiro
Comtigo pela mão, esta que apertas
(Me dizias) *penhor mais verdadeiro*
Será sempre de amor: (Palavras certas)
O tronco vendo estou, onde em letreiro
Inda lá estão por testemunho abertas:
Ou cumpre quanto então me tinhas dito,
Ou deixa-me ir riscar tão vil escrito.

Esse Pastor, que adoras novamente,
(Que sempre causa amor a novidade)
Mais firme não será; que o fello a gente,
Não provém da maior felicidade:
Tu poderás fazello mais contente,
Mas não dar-lhe esta minha sã vontade:
De mais, quem o segura nesse estado,
Se a mão lhe dás, que já me tinhas dado?

Bem sei que tem cabana levantada,
E que a minha he pequena, pobre, e escura;
Mas olha, que no cahir sempre a pancada
Costuma ser á proporção d' altura:
Bem sei que traz de bois grande manada;
Mas repara, que o bem nem sempre dura,
E que, quando o desejo he verdadeiro,
Val mais do que hum rebanho hum só cordeiro.

Teme as crueis disposições do Fado,
Que chegão quando menos se imagina:
Não te confies de hum risonho agrado,
Já que em mim proprio vês essa doutrina:
Tomarás nova posse do meu gado,
Servir-te-hei como d' antes na campina,
Farei de amar-te como sempre estudo,
A minha alma terás, que he mais que tudo.

Se te deo Natureza hum gésto lindo,
Toma conforme a elle hum genio brando:
Vê, que não quero, de te andar servindo,
Mais premio, que a Ventura do teu mando:
A meu mal este allivio permittindo,
Com bem pouco te irás desobrigando:
Ambos sujeitos a affeição nos traga,
Tu sem mais detrimento, eu sem mais paga.

Farei por ti a ultima fineza,
Que tem viſto do monte a longa idade:
Preciſo não ſerá para a firmeza
Crear n' alma de novo outra vontade;
Que inda que ſe me eſtranhe eſta vileza
Entre a gente da Aldea, ou da Cidade,
Quero que vejas, que de mim ſe conta,
Que os olhos fecho em tão notoria affronta.

Não me faz a deſgraça de ſer pobre
Soffrer o vil partido que ſupplico;
Que bem póde morar huma alma nobre
Debaixo da rotura de hum pelico:
Quem me faz cego, quem a luz me encobre
(Com que vergonha! Com que dor o explico!)
He parecer-me ainda neſte engano
Tu mais formoſa, que o meu mal tyrano.

Se tu meſma confeſſas hoje em dia
Ser a minha affeição tão verdadeira,
Não tens para encubrir a tyrannia,
Nem ſe quer a deſculpa da cegueira!
Quem tamanha inconſtancia julgaria
No liſo trato de huma fé primeira!
Quem, depois de em ti pôr toda a eſperança,
Havia de ſuppôr eſta mudança!

Se procuras mudar-te, e desde a infancia
O costume de ver-me te amofina,
Sómente por seguires a inconstancia,
Que sempre o peito feminil domina:
Eu tão outro estou já, tanta distància
Do que fui, ao que sou o Ceo destina,
Que podes hoje, usando de piedade,
Manter inda comigo a variedade.

Torna a querer-me, torna: Mais pequeno
Farás meu mal em tão suave engano;
Que, posto que não seja o teu Fileno,
Tambem não sou, no que pareço, Albano:
Por amar-te olha a quanto me condeno,
Que ouço, e não creio o mesmo desengano.
Que mais queres de mim? Tudo está dito:
Té acceito em desculpa o teu delito.

Sempre chorando, Albano assim fallava,
Em tanto que Damiana o pote enchia,
Que mais fria, que a fonte lhe escutava
As namoradas queixas, que lhe ouvia:
Sem responder, no cantaro pegava,
Que elle ajudar-lhe a levantar queria;
Mas em vão, que a Pastora mui ligeira,
Voltando as costas, diz desta maneira:

Al-

Albano, não te posso ouvir já agora;
Nem receber de amor a nova offerta:
Tens-me detido aqui ha mais de hum hora,
E deixei do casal a porta aberta:
Vai servir, já te disse, outra Pastora,
Não he dellas a Aldêa tão deserta:
Muito a tempo te aviso. E foi andando,
De quando em quando para trás olhando.

Qual a tenra novilha, que, perdida
Das brutas companheiras, pela estrada
Berrando em cata dellas vai sentida,
Sem atinar co' sitio da malhada:
Tal o triste Pastor na despedida
Da Pastora cruel em vão buscada,
O sitio desampara, deixa a fonte,
Outra vez desce ao valle, sobe ao monte.

E vendo lá de longe inda a Pastora,
Exclama (sem que os passos lhe detenha:)
Desses montes vai ser habitadora,
Terão em ti cruel mais huma penha:
Em quanto o Sol luzir, raiar a Aurora,
Eu protesto, que a elles mais não venha;
Que já, quando o meu mal presenceárão,
Mais do que tu, mil vezes se abaláirão.

E em quanto vago afflicto esta montanha,
Em paz te deixo, fica sem cuidado,
Que dor nenhuma sentirei tamanha,
A' que tu me não tenhas costumado:
Pizarei para sempre a terra estranha,
Daquelle patrio abrigo desterrado:
De mim te esquece, já que alegre passas;
Mas temo, por pedir-to, que o não faças.

Aparta-te de mim: Vai, que algum dia
Fortuna, onde não ha seguro estado,
Fará que tambem eu de ti me ria,
Pagando-me do tempo que hei chorado:
Fará, que inda tu mesma a aleivozia
Talvez que sintas de me ter deixado;
Que o justo Ceo, que as sem-razões distingue,
A's mãos te levará de quem me vingue.

Já tudo se acabou: Logra, tyrana,
O socego feliz da tua Aldeia:
Perca eu o agazalho da cabana
Na peregrinação de terra alheia:
Tudo quanto lá fica na choupana
Venha Dezembro, leve embora a cheia,
A' mingoa morra o gado, e eu ausente
Nunca mais veja, e trate humana gente.

E chegando-se a hum cedro corpulento,
Em cujo tronco, quando alli se achava,
Gravar, em fé do seu contentamento,
O nome de Damiana costumava:
Riscando-o, grita, *que não haja intento*
Nem hum breve sinal de que tè amava;
Que inda hum tronco, que o tempo não consome,
Inconstante será, tendo o teu nome.

E vós, campos, outeiros, rios, gados,
Nunca a Sorte a fartura vos desconte:
Sem mim ficai-vos bemaventurados,
Que eu basto a fazer triste este horizonte;
E se meu pranto ha de affogar os prados,
Meus suspiros fazer seccar o monte,
A Deos! Porque será, como em mim vistes,
Deixar-vos menor mal, que ver-vos tristes.

Disse: e na eterna ausencia que fazia,
Tudo perder intenta da lembrança,
Temendo que pudesse inda algum dia
Tornar pelas pégadas da esperança:
Com passo incerto, e tremulo fugia
Daquella perigosa vizinhança;
E pelas ramas de huma mata espessa,
Para mais não ser visto, entrou depressa.

Tu

Tu agora, mortal, que o vil tormento
Bufcas de Amor, não queiras como Albano,
Chegando-lhe tão cedo o documento,
Guardar para tão tarde o defengano:
Não cattives o nobre entendimento
A' paixão de hum eftimulo profano:
Fenece Amor, caduca a formofura,
Bufca fómente o bem, que fempre dura.

ECLOGA II.

Agrario, Braz, e Anfrifo.

QUafi de todo nos faltava o dia;
Mas inda a noite duvidofa eftava,
E o vento já mais brando parecia
Que entre as folhas do bofque repoufava:
Sobre as praias o mar adormecia:
A fcintillar o Ceo principiava;
E lá nos apartados horizontes
Se via apenas terminar os montes.

Entrava o paffarinho acautelado
Pela confufa balfa, onde fe aninha:
O Paftor manfamente leva o gado,
Ainda maftigando a branda hervinha:
Já, defcançando o luzidio arado,
Para a choupana o Lavrador caminha,
E o vagarofo boi, remoendo o pafto,
Leva o duro pefcoço já mais gafto.

Sô

Só no meio de hum monte solitario,
Abundante de relva os mais dos mezes,
Esquecido ficava o triste Agrario,
Sem levar ao curral as mansas rezes;
Pastor queixoso de hum Destino vário,
Com que Amor o ferio bastantes vezes,
E a quem tão fóra já de si trazia,
Que vinha a noite, e não lho parecia.

Não acha allivio, que o pezar lhe abrande;
E entregue mudamente ao seu desgosto,
Assim como quem pensa em caso grande,
Ora levanta, e ora abaixa o rosto:
Vai-se-lhe o gado sem Pastor, que o mande,
Aos pés cahindo-lhe o curvado encosto;
E as mãos, com que tambem a dor explica,
Põe debaixo dos braços; e assim fica.

Pela encosta do monte mansamente,
Ambos co' a lenha ás costas no cajado,
Vinha descendo Braz velho, e prudente,
Com Anfriso ainda moço, e namorado:
A este tempo Agrario, que sómente
Está em seus pezares elevado,
Imaginando que ninguem o ouvia,
Com lagrimosa voz assim dizia:

Pastora desleal, em cujo rosto
Quiz animar o Ceo tanta belleza,
Para esconder Amor tanto desgosto,

Sa-

Sabe que de meus males a grandeza,
Lá onde quer que estás, farei notoria,
Porque nem reste a Amor esta fineza.

A todos contarei a minha historia;
Pois já que eu perco o bem da tua vista,
Não percas tu do meu pezar a gloria:

Eu farei que a minha alma lá te assista
Em fé de meus purissimos amores,
Por mais que o teu desprezo lhe resista:

Ouvir se-hão neste valle os meus clamores,
Em quanto me durar a vida breve,
Que tem feita mais curta os teus rigores.

Morrer por ti será fineza leve:
Quem perdendo-te em fim, não perde a vida,
Ainda a muito mais, e mais se atreve.

A tua voluntaria despedida,
Por mais que Amor me leve a estranhos lares,
Não poderá já mais ser esquecida.

Tal he a sem-razão de me deixares,
Que inda tornando a ver-te, o que não creio,
Se não diminuirião meus pezares.

Anfriso.

Lá vejo hum vulto de homem levantado;
Mas já não posso bem ver-lhe o semblante:
Sózinho está fallando; e o seu cuidado
Nascer parece de algum caso amante.

E cuido (enganar-me-hei) que pela altura,
Pela voz, e Pastora que nomea;
Quem se queixa de tanta desventura
He Agrario, Pastor da nossa Aldêa.

Braz.

Agora vejo. O mesmo me parece,
Porque depois que Altêa está distante,
Quando se falla nella, se entristece,
Sem poder disfarçallo no semblante.

Nisto tem reparado os mais Pastores;
E a mim n'algumas vezes, em que o via,
Nunca me quiz fallar nos seus Amores,
Como quem de eu sabellos se affligia.

Anfriso.

Ora pois se te apráz, daqui lhe fallo,
Que he Pastor bem creado, e nosso amigo;
Não fora máo que fosses consolallo,
Anda, apressa-te, Braz, que eu vou comtigo.

Braz.

Braz.

Quem ama cegamente huma Pastora,
Bem he que possa compaixão dever-te;
E o mesmo caso, que elle sente agora,
Ainda mal, que não venha a succeder-te.

Guarde-te o Ceo, Pastor, elle te ajude:
Mal sabes quanto sinto essa tristeza:
Oh praza a Deos, que o genio se te mude,
Se he que póde mudar-se a Natureza!

Aqui me traz a queixa do teu dano;
E considero, vendo-o tão profundo,
Que só póde nascer daquelle engano,
Que tantos desgraçados faz no Mundo.

Agrario.

Ah meu bom velho, que mal sabes quanto
De ver-te me alegrei, e só me peza,
Que participes de meus males tanto!

Deixa-me outra vez só; porque a certeza
Do mal, que tirei sempre da alegria,
Me faz gostar de tudo o que he tristeza:

Foge, foge da minha companhia,
Que servir-te não póde, senão queres
Que te pégue huma tal melancolia.

An-

Anfriso.

Agrario, aqui me tens tambem comtig
Grande quinhão desse pezar me cabe:
Eu tambem tenho amor, sou teu amigo;
Quanto sinto teu mal só Deos o sabe.

Soffrendo estou contínuas crueldades,
Mil dias ha tambem de huma Pastora:
O Mundo cheio está de falsidades;
Feliz quem as não sente, ou as ignora!

Tambem tenho meus dias de tristeza,
Nada me alegra, o gado me enfastía;
E tudo o que não he fallar a Andreza,
Seja o que for, me enfada, e me agonia:

Outras vezes encontro a Braz no mont
Vê-me triste, já sabe o meu cuidado:
Mil casos me repete ao pé da fonte,
Com que fico algum tanto consolado.

He Pastor, a quem tenho meu respeit
(Não he por elle estar aqui presente)
A sua companhia de proveito
Tem servido na Aldêa a muita gente.

E como posso eu ser teu conselheiro
Aonde Braz está, e o seu bem dito?
Pois sei, amigo Agrario, que primeiro
(Mais que tu) dos conselhos necessito.

Agra

Agrario.

Que allivio me darás, que me conforte,
Que na meſma lembrança do que peno
O não converta Amor em dor mais forte?

Fazer com que meu mal ſeja pequeno,
He o meſmo, que afflicto em lugar de agua
Querer matar a ſede com veneno.

Braz.

Dá-nos parte do mal, que o Ceo te manda,
Tudo a noſſa amizade te merece;
Que o mal communicado lá ſe abranda,
Porque em fim repartido ſe padece.

Não hias tu dizendo o teu tormento
Neſte lugar deſerto aos matos broncos,
Que nunca ter puderão ſentimento?
Pois mereço-te eu menos, que eſſes troncos?

Eu bem ſei que ſou rudo, mas ſou velho,
Não ha maior ſciencia do que a idade:
A's vezes vai o allivio no conſelho:
Pouco val o diſcurſo ſem verdade:

Faz-ſe a todos o allivio táo preciſo,
Que inda ao boi mais forçoſo afflige a carga;
E a ſimples ovelhinha ſem juizo
Deixa ás vezes a herva, que lhe amarga.

De lerdo náo tens nada, es aviſado,
Em fim homem, que baſta eſta lembrança,
E buſcas, da razáo táo deſcuidado,
Aquillo meſmo, que te afflige, e cança?

Algum dia dirás: (*oh, Deos o mande!*)
Bem me dizia Braz, bem me dizia!
Que ſempre hum homẽ, por mais cego que ande,
Cahe na razáo mais dia, menos dia:

Quem ſegura affeiçáo no Mundo eſpera,
Expriencia náo tem deſte trabalho:
Buſcar fé nas Paſtoras de tal era,
He querer que dê pinhas hum carvalho.

Tu náo viſte ha dous dias praticado
Iſto meſmo em Albano, a quem Damiana
Por Fileno deixou, (ſe eſtou lembrado)
Talvez ſó porque tem melhor cabana?

Quaſi no meſmo tempo o pobre Aleixo
Deſprezo de Metilde, antes amores,
(Hum moço certamente como hum freixo)
Por Silverio, a deshonra dos Paſtores?

E presumias tu, que era bastante
Para ser firme Altêa, o ser Altêa?
Por ventura á mulher faz mais constante
Ser Getrudes, Lucina, ou Dorothea?

Destes casos ha mil nesta campina;
(Que tristes premios os que Amor concede!)
E quando te faltasse esta doutrina,
Bastava o que a ti mesmo te succede.

Agrario.

Nisto tenho ha mil dias assentado;
Mas não tiro do meu conhecimento
Mais, que outra vez ficar no mesmo estado;

Porém, que queres tu, se o pensamento,
Por mais que n' outras cousas se mistura,
Lá vai sempre encontrar co' seu tormento?

Em quanto a Primavera der verdura,
O fogo der calor, o ar for leve,
Me ha de lembrar de Altêa a formosura:

Inda por menos clara aquella neve,
Que nas frias manhans cobre a campina,
Comparar-se com ella se não deve:

Da vermelha papoula a côr mais fina,
Como angelicamente misturada,
Vive naquella face crystallina.

De tanta formosura, e graça ornada,
Que foi sempre por toda a vizinhança
Das mais lindas Pastoras invejada:

Cá d'alma finalmente esta lembrança
Tirar-se-me não póde: Nem já agora
Esquecer-me tão aspera mudança:

O que mais me atormenta a toda a h
São aquellas promessas, que fazia
Aqui mesmo: Oxalá que assim não fora!

Tão amantes palavras me dizia,
Pondo os olhos em mim de água arrazados
Que ao mais exprimentado enganaria.

Huma tarde me lembra, que abrigado
Do Sol, que dava então grande quentura,
A' sombra desses alamos copados:

Depois de me eu queixar da mal segu
Affeição deste Mundo, em que não cria,
Me disse então, fazendo-me esta jura:

Ma

Mais conſtante, que a meſma penedia
Serei, Agrario meu, por mais que faça
Qualquer outra mudança cada dia:

Eu perca a ſementeira da linhaça,
O gado a vida, tudo me aconteça,
Antes que outro Paſtor me caia em graça;

E para que mais credito mereça
Tanta fé, tanto amor, tanta verdade,
Em lagrimas meu roſto to encareça;

E cheia de honeſtiſſima piedade,
Qual a ſaudoſa, e freſca madrugada
Banha o peito, onde eſconde a falſidade:

Tanto eſtimei aquella fé jurada,
Que ſe cumpridas taes palavras viſſe,
Que mais do Mundo quereria? Nada.

Cauſa não teve em fim para deixar-me,
E ver que lha não dei, nem levemente,
He a que Amor me dá para queixar-me.

Antes fora huma hiſtoria impertinente,
Paſtores meus, ſe agora repetiſſe
Finezas, que por ella obrei contente:

Que

Que com o rio a ponte ſe cubriſſe:
Que com a cheia o campo ſe alagaſſe,
Hum dia não paſſava, que a não viſſe;

E por mais que Paſtoras encontraſſe
Sem que alli viſſe a minha Altêa bella,
Má hora que eſte corpo ſe alegraſſe.

A alegria era tal ſómente em vella,
Que ainda quando ao longe apparecia,
Já de cá me hia rindo para ella:

Humas vezes cantando a divertia
Nos verſos, que compunha aos meus amores
Com muita mais verdade, que harmonia:

Outras vezes, mais livre de temores,
Quando lá pelo prado ſe ſentava,
O regaço lhe enchia de mil flores:

Então a mais bonita lhe pregava
Na caſa do jubão, e cuidadoſo
De brancos malmequeres a toucava:

Seguro-te, meu Braz, que tão goſtoſo
N'um puro agrado hum peito ſe intereſſa,
Que me julgava ſer o mais ditoſo;

Po-

Porém faltou ás juras táo depressa,
Que creio, (e náo me engano) que em Pastoras
Dura mais huma flor, que huma promessa.

Nestas considerações consumo as horas,
Atravesso no dia mil caminhos,
Cuidando que assim acho á dor melhoras.

Qual ave, que roubando-lhe os filhinhos
As ociosas máos da pouca idade,
Anda como queixando-se aos raminhos:

Vai-se outra vez ao ninho com saudade,
Vê revolvido o feno, e torna fóra,
Como quem náo dá credito á verdade:

Assim me traz o amor desta Pastora,
A mim, e ainda a todos parecendo,
Que nunca chegaria a ser traidora.

Estes sáo os motivos, porque entendo
Que remedio o meu mal nunca teria,
Inda que fosse seculos vivendo;

Mas ai, que já de longe parecia
Que o coraçáo presago verdadeiro
Táo grande desventura me dizia!

Ai, Pastores, que assim que o meu rafeiro
(Sendo a fazer-me festa costumado
Com maior mansidão, que a de hum cordeiro)

Vi que huma vez sahindo de entre o gado,
Ladrando me avançou tão fortemente,
Como se eu fora o lobo atraiçoado;

E inda neste cajado claramente,
Que ao tempo me servíra de defeza,
Vereis as móssas do raivoso dente:

Sobre mim cahio logo tal tristeza,
Tal desgosto da vida, tal receio
De algum futuro caso de estranheza,

Que mil vezes confuso neste enleio,
Valha-me Deos! Queixando-me, dizia:
Que Sorte escura, que successo feio.

Terá de acontecer-me qualquer dia?
Mas cumpra-se o Decreto da Ventura;
Que não póde durar sempre a alegria:

Caia a choupana; affogue a semeadura
Arrebatada cheia; e o meu rebanho
Caia morto de ronha na espessura,

E mal logrando o tempo o pobre amanho,
(Que assim não pouco a Sorte me castiga)
Vá mendigar sustento a monte estranho:

As cabras pastem só aspera ortiga;
E quando me destrua o trigo a cheia,
Nasção abrolhos no lugar da espiga.

Não veja para sempre a Patria Aldêa,
Farte-se o meu Destino; mas com tanto,
Que se não mude nunca a minha Altêa.

Cumprio-se finalmente este quebranto,
Nem podia nascer daquelle agouro
Menor desgraça, mais pequeno espanto.

Que mais podia ser que o meu desdouro?
Nem sei, bebendo tão mortaes venenos,
Como não tenho dado já hum estouro!

Dos outros males, como são pequenos,
Nenhum me aconteceo; porque a Ventura
Vio que todo esse mais ainda era menos:

Mas em que estou detendo a conjectura?
Desenganado estou de que algum dia
Veja sereno o rosto da Ventura.

Nem tem remedio já minha agonia;
Que aonde se perdeo huma esperança,
Ninguem lá vá buscar huma alegria.

Aconselha-me em vão, em vão se cança
Quem busca consolar-me, se pertende
Riscar-me tanta mágoa da lembrança,
Que o segredo de Amor ninguem o entende.

Braz.

Ai, Agrario infeliz! Melhor me fora
Não ter dos males teus tambem sabido;
Pois de ouvir qualquer delles, inda agora
Sinto cá dentro o coração partido:

Que desmanchos não faz hum moço louco?
E depois quantas vezes os despreza?
Eu tambem fui rapaz, ria o meu pouco,
E soube o que era Amor, (do que me peza.)

Hoje desses trabalhos já não sinto,
Buscando á vida algum honrado esteio:
Só me assusta, que o anno vá faminto;
Que morra o gado, que não dê senteio:

Alegre passo os dias de bonança
Debaixo de algum alamo sombrio:
Ao pé de mim se deita a ovelha mansa,
Ouço as aves cantar, correr o rio:

Ou-

Outros ſó faço, porque o Sol me aquente:
Gaſtando alguns em concertar o arado;
E ſe me afflijo ás vezes, he ſómente
De náo ver-me ha mais tempo neſte eſtado:

Pois ir gaſtando os annos deſattento
Em negregado Amor, que n'um ſó dia
Troca em longos eſpaços de tormento
O mais pequeno inſtante de alegria,

He couſa táo pezada, em que me fundo
Para temer, que a todos aconteça,
Que náo haverá homem neſte Mundo,
Que inda que amores ſinta, o náo conheça.

Náo sáo fabulas náo, náo sáo enganos
Eſtas, que julgarèis impertinencias,
Puras verdades sáo, com que os meus annos
Encheo, Amor, de longas expriencias.

Qual ſem ver huma grande ribanceira,
Correndo para ella deſcuidado,
Outro dalém lhe brada na carreira,
Dizendo-lhe, que vai precipitado;

Aſſim eu, que te vejo em tal loucura
Caminhar cego apôs o teu perigo,
Te aviſo da maldita deſventura,
Que Amor em ſeus effeitos traz comſigo.

Va-

Vamos todos, Agrario, para a Aldêa,
Tem dó do pobre gado, que anda eſtranho,
Pois das offenſas, que te fez Altêa,
Em nada foi culpado o teu rebanho.

E eu, que já no andar ſou vagaroſo,
Por eſta encoſta hei ſahir á eſtrada,
Que o monte he por aqui menos fragoſo:
(Ah velhice cruel, vida canſada!)

Anfriſo.

Queíra Deos que eſtas horas lá na ſerra
Não tenhas os cabritos dizimados;
Pois anda cheia toda a noſſa terra
De zorras, e de lobos esfaimados.

Os roupeiros ſe queixão geralmente
Das cabeças, que faltão na manada;
E de que os Maioraes injuſtamente
Lhes deſcontem as rezes na ſoldada.

Mas eu de boamente arriſcaria
As melhores, que traz o meu rebanho,
Se a troco deſte mal (que hum bem ſería)
Te pudera livrar do mal tamanho.

Não

Não digo, que não ames, só te digo,
Que não sejas no amor desesperado:
Se he acaso, vencello; e se he castigo,
Deve hum homem sentillo conformado.

Braz por conta da sua muita idade
Custa-lhe andar de noite por máo passo:
Em mim não fallo já, que a mocidade
Para tudo me dá desembaraço:

Elle já vai descendo; vamos ora,
Esperará o que chegar primeiro:
Já não permitta a noite haver demora:
Toma o cajado, chama o teu rafeiro.

Agrario.

Não valem para mim razões estranhas,
Que eu de todo a morrer estou disposto
Na muda solidão destas montanhas:

Trago o animo em fim já descomposto;
Quem não tem mais allivio, que o tormento,
Não quer mais companheiro, que o desgosto.

Deixa-me, amigo, só, muda de intento:
Peço-te por aquella affeição nossa
Que nem mais eu te venha ao pensamento.

Cá te fica, o curral, os bois, a choça,
Colmeias, olival, rebanho, e vinha
Mais não possuo, que offrecer-te possa.

Cousa não tenho já, que seja minha,
Depois que me deixou essa Pastora,
Pois com ella perdi tudo o que tinha:

Perdi as esperanças da melhora,
Só resta vir a morte, e ao que supporto,
Não poderei viver muito já agora:

Até falta ao espirito o conforto;
E estou do fim da vida já tão perto,
Que não sei se vos fallo vivo, ou morto;

Porém se algum de vós neste deserto
Meu corpo achar desamparado, e frio,
Não o deixeis ao menos descuberto.

E junto do cipreste mais sombrio,
Que nas margens do Téjo se levante,
Hum sepulcro lhe abri tosco, mas pio:

De azares o cercai no mesmo instante;
E alli no tronco funebre gravado
Este aviso, dizei ao caminhante:

Tu

Tu, que segues de Amor o errado mando,
Depois que a minha historia for sabida,
Vê, que premios te vai apparelhando;

E se vires Altêa desabrida,
Informa-a de tamanha desventura:
Que em fim perdeo por ella Agrario a vida,
Por sinal que lhe viste a sepultura.

ECLOGA III.

Galathea.

HAvia largo tempo, que escondêra
A luz o Sol debaixo do horizonte,
Por quem a desejosa gente espera:

Quieto o valle, solitario o monte,
O resonar do bosque se mistura
C'o grave som da despenhada fonte:

Mas tão escassamente alli murmura
De hum preguiçoso vento maneado,
Que inda faz mais saudosa a noite escura:

E c'o pezo das nuvens carregado
Por toda a parte o Ceo se nos mostrava
De hum vapor lento humedecendo o prado:

Entre quieta, e triste a noite estava,
O mar nos vãos rochedos não batia,
A' parte esquerda ao longe fuzilava:

Humas vezes a Lua apparecia,
Os macilentos raios espalhando,
E outras tantas a nevoa os encubria:

Ouvia-se depois, de quando em quando,
O passaro nocturno, a voz sentida
Pela deserta praia alevantando.

Então lá junto de huma rocha erguida,
Sobre as margens do Téjo debruçada,
De sempre verdes musgos guarnecida,

Aonde o rio fórma huma quebrada,
Para entrar pela fenda de hum cuteiro
N'uma quieta, e placida enceada,

Ao verde pé de hum humido salgueiro
O pescador Marino havia atado,
Como tem de costume, o seu saveiro;

E sobre a fraca borda recostado,
Deitando a vista ao longo da corrente,
Do seu amor sómente acompanhado,

Da

Da ingrata Ninfa, que adorava ausente
(Que tarde hum grande amor se desengana)
Desta arte se queixava tristemente.

Galathea gentil, e deshumana,
Não cuides por fazer-te o Ceo formosa,
Que ha de Amor desculpar-te o ser tyrana.

Póde ser, que a belleza rigorosa
Dê causa tanta vez a que se diga,
Que não ha formosura venturosa.

A ser-me ingrata, ó Ninfa, quem te obriga?
A natureza não, a razão menos:
Olha que nada tanto o Ceo castiga.

Senão me aborrecesses, Ninfa, ao menos
Tal sou eu, que isto só me bastaria
A fazer meus pezares mais pequenos.

Quem destes olhos tristes te desvia?
Que não vens com teus olhos tão formosos
Anticipar nos meus a luz do dia?

Senão podem por meus ser venturosos,
Ah Galathea, movão-te a piedade,
Já não digo por meus, mas por chorosos.

Tu ſabes melhor que eu tanta verdade;
Capaz de commover alma ferina,
Quanto mais huma Angelica vontade,

Pois lá no fundo d' agua cryſtallina,
Onde banhas teu corpo delicado,
Quando já do mais alto o Sol declina;

Já terás o ſabor exprimentado
Do meu amargo pranto, que tem feito
Mudar-ſe o doce Téjo em mar ſalgado.

Em mar o Téjo, ſem que ſatisfeito
Me ſinta de chorar; e não entendo
Como inda tenho lagrimas no peito;

Pois quando vai o preamar deſcendo,
Se acaſo com mais força o pranto ſolto,
Torna a vir claramente a agua enchendo

Com meus ſuſpiros creſce o vento ſolto,
E logo as manſas ondas encreſpando,
Deixão por muito tempo o mar revolto

Tudo ſinaes de compaixão vai dando,
A tudo vou mudando a Natureza,
E ſó não ſei tornar teu genio brando.

Se

; em ti fizera móssa a vã riqueza,
O que eu de ti não creio, julgaria
Que desprezavas minha vil pobreza.

qui por te abrandar trabalharia
Mais que todos os outros pescadores;
Para os vencer em grossa pescaria.

ão são elles do que eu mais soffredores
Dos trabalhos maritimos, nem são
Mais affoutos, e déstros nadadores.

'er-me-hias arriscar a vida então,
Não com mais gosto do que agora o faço,
Bem que perdendo-a vou sem galardão;

las, porque em teu serviço désse hum passo
Com satisfação tua, e não desgosto,
Como agora succede a quanto passo:

se forem no estado, em que estou posto,
Os meus pequenos ganhos tão ditosos,
Que venhão a ser inda do teu gosto,

qui ha mil peixinhos saborosos,
Vellos-has contra a veia da agua clara
Ir forçando a corrente boliçosos:

E para ſuſtentar a vida chara,
Verás como engodados cahir vão
No torto anzol, que a morte lhes prepara!

Bem como tu, tyrana, que á traição
A vez primeira os olhos me puzeſte,
Para morrer por elles deſde então.

Aqui verás aonde, como inveſte
O meu batel nas praias encalhando,
Quando o tempo correr do Sul agreſte:

Não ſó diverte o rio ſocegado,
Lá recreia tambem, quando ſe lança
Por ſima deſtas pedras levantado;

Mas ſe o vires, deſpida da eſquivança,
Que uſas comigo, então ſocegará,
Pois tantas vezes, vendo-te, ſe amança:

E bem que o gordo xerne aqui não ha,
Nem morre o ſalmonete tão mimoſo,
Nem o raiado polvo aqui ſe dá,

Ha o ſolho innocente, e proveiroſo,
A pintada, e ſeixatile lampreia,
A freſca boga, o ſavel ſaboroſo;

ſe mais o mariſco te recreia,
Irei (ſe for preciſo) á Foz do Téjo,
Sem me eſcapar a mais remota areia.

epois te contarei, como forcejo
Por tirar d' entre os humidos penedos
A liza amejoa, o tardo caranguejo:

os negros caramujos, que eſtáo quedos,
Nenhum me eſcapará, inda que traga
Calejados de novo eſtes meus dedos.

orém que importa? O corpo então ſe eſtraga
Tambem por goſto meu, ſe por teu goſto
Nelle anda feita a alma em viva chaga;

ue aſſim trouxera eſte animo compoſto,
Se em premio deſtes dons, ſó ver pudera
Huns longes de piedade no teu roſto!

omo contente a par de ti vivêra!
Como em teus olhos eſtes meus detidos,
Todo elevado em ti ſempre eſtivera!

m dar-te goſto ſó pondo os ſentidos,
Para ti neſtas praias arenoſas
Fora colhendo os buzios retorcidos;

E.

E as conchinhas córadas, e lustrosas,
Que estáo inda orvalhadas, imitando
Desse teu alvo rosto as frescas rosas.

Hontem vi sobre as ondas vi boiando
Hum ramo de boninas amarellas,
A tomallo de pressa fui nadando:

Receio que se murchem, vem por ellas,
Prezas em verde juncos enfeitaráõ
De teu fino cabello as tranças bellas;

Se aqui as conchas perolas não dão,
As floreszinhas, que estas margens tem
Postas em tí maior valor teráo.

Luz dos meus olhos, náo me tardes, vem,
Vem, que meus olhos tristes, e cançac
Em te náo vendo a ti, mais nada ven

Mas a quem vou dizendo os meus cuidados
Como de balde o suspirar náo deixo,
Se ha suspiros táo mal affortunados.

A quem me estou queixando, em váo me quei
Náo tem humano coraçáo, só tem
Por coraçáo algum gelado seixo.

Qu

ue Satyro salvagem te detém?
Ah Galathea! Sem razáo, que logo
A soccorrer-me o teu amor náo vem.

re-se a dura pedra, e lança fogo,
E tu de táo contraria natureza,
Que esfrias mais com meu ardente rogo!

Feito de táo rigida crueza
Náo póde humana causa produzillo,
Náo tens de humana mais que a gentileza.

e ha crocodilos no famoso Nilo,
Em ti tambem, ó Ninfa, ingrata, e dura
Creou o nosso Téjo hum crocodilo.

áo sei se meu amor já se murmura
Entre os patrios, e estranhos pescadores,
Que sabem desta minha desventura.

ereì talvez dos ledos amadores
Apontados c'o dedo brevemente,
Quando passar chorando os teus rigores?

ombará de meus males toda a gente,
Tomará nova força o meu Destino,
Se para mim ha mal, que inda se invente.

Mas

Mas teme, ingrata, teme o Céo Divino,
Antigo vingador do Mundo errado,
Que de lá vendo está meu mal contino.

Teme o poder dos Deoses indignado,
Que a fórma a tantas Ninfas perverteo,
Com menos causa que a que tu lhe has dado;

Como em Ida a Lethea aconteceo;
Que o bello corpo em pedra convertido,
Nunca mais os mimosos pés moveo.

Deixo de repetir o parecido
Exemplo de outras Ninfas sem Ventura;
Que de ti, alta Ninfa, he bem sabido.

Mas que fizera nisto a desventura?
Póde ser que mais branda te fizera,
Se agora es mais do que esta rócha dura.

E quando assim acaso succedêra,
Tal he o meu amor brando, e piedoso,
Que ver-se táo vingado náo quizera.

Primeiro neste rio o furioso
Vento, dando na véla de pancada,
Quando eu for navegando mais gostoso;

Se

Se deite ſobre as ondas, e alagada
Co' meu pobre batel, então ſe veja
A aguda quilha para o Ceo virada.

Que a Fortuna, que agora te ſobeja,
Te dê por algum meio não cuidado
Qualquer mal, por pequeno que elle ſeja;

Pois não ſou eu tão pouco arrazoado,
Que emendar queira hum erro da Ventura
Com Amor, que já mais anda acertado:

Deſenganou-me a minha deſventura:
Como de mim não fugirás eſquiva,
Se em fim ſou eu, ſou eu quem te procura?

Mata-me embora, ó Ninfa fugitiva,
Que aqui meus triſtes olhos feito fonte,
Por ti choraráõ ſempre, em quanto eu viva.

Calou-ſe o peſcador, ergueo a fronte
A ver o Sol, que vinha já raiando
Por entre as pardas nuvens do horizonte:

Ficou por muito tempo a voz ſoando;
E o Téjo, que a ouvio, de enternecido
Abaixou a cabeça, e ſuſpirando
Chegou hum pouco ao mar desfalecido.

EPIS-

EPISTOLAS.

I.

PRezado Josefino,
Entre os Pastores o Pastor mais dino;
De quem estou por meu injusto Fado
Ainda mais saudoso, que apartado.
Depois que aquella ausencia,
Contra quem foi de balde a resistencia;
Por força em mim pegou,
E tão longe de vós cá me deitou,
Deveis-me, bom Pastor, hum tal cuidado,
Que dera por vos ver, cabana, e gado;
Mas bem pouco faria,
Que vale mais a vossa companhia.

Sem

Sem ella deſcontente
Não ha Sol, que me aquente;
E ſe talvez Limano por piedade
Me aconſelha que buſque a ſociedade,
Sem ſaber o que faço,
Cahido o roſto, vagaroſo o paſſo,
Em vós ſó contemplando,
Com elle caminhando
Para as converſações de outros Paſtores,
Lembra-me então que as voſſas são melhores.

Qual o touro matreiro,
Que no alcance do incauto paſſageiro,
Quando faz que o não ſegue, mais vizinho
Ao encontro lhe ſahe n' outro caminho;
Aſſim a minha pena,
Quando cuido que eſtá já mais pequena,
He porque vai buſcando
Novos caminhos de me andar matando.

Sem voz a minha doce ſanfonina
Tempero hum dia inteiro, e não ſe affina:
A flauta liſonjeira,
Que em fim depois da voſſa era a primeira,
Já muda eſtá de todo, e deſprezada,
De pó cuberta, ha mezes pendurada:
Se por ſucceſſo a vejo,
Alembrando-me a voſſa o meu deſejo,
Não ſei como a não quebro de ſaudade:
Vede o que faz a voſſa ſuavidade.

Trago logo á memoria quantas vezes
As minhas proprias rezes,
Ouvindo o voſſo canto,
Se deſcuidaváo tanto,
Que as cabeças attonitas erguendo,
Deixaváo de ir comendo;
E ſe inda alguma a relva maſtigava,
Como preza entre os dentes lhe ficava.

Manſos os paſſarinhos,
Deixando a leve habitaçáo dos ninhos,
Vos andaváo cercando,
Liçóes de vós tomando.

Quantas vezes o Téjo
Deitou por fóra as aguas, com deſejo
De poder de mais perto
Ouvir da voſſa muſica o concerto!

Vede, Paſtor, agora
Se a voſſa voz ſonora
Aves, gados, e rios punha em calma,
Que faria ás potencias da minha alma?

Oh quanto devo á vossa companhia!
Comvosco divertia
Os meus justos pezares;
Vós sabieis os meus particulares,
Que de ninguem fiava;
Pois só em vós achava,
Como se fosseis hum Pastor mais velho,
O experto aviso, o próvido conselho.

Vós me daveis quinhão na vossa terra,
Sem que houvesse entre nós huma só guerra;
E quantas vezes com igual fartura,
Sendo vossa tambem a semeadura,
Participei do fruto, e do agazalho,
Que deo vosso trabalho?

Não sou daquella gente, em cujo vicio
Só lembra, em quanto dura o beneficio:
Daquella gente da razão alhêa,
De que ha tanta (inda mal!) na nossa Aldêa.

Quem me queria achar toda a semana,
Hia á vossa cabana:
Nella vivia mais do que na minha,
Aonde me detinha
Mil horas, sem saber que erão passadas,
Que só comvosco me não são pezadas.

Que

Que proveitosos contos,
De exemplo alli táo prontos,
Trazieis na memoria
Para qualquer historia,
Para qualquer conflito,
Dando logo a razáo do vosso dito!

Tudo me está lembrando a toda a hora,
Como se fosse agora:
Nestas consideraçóes pondo o sentido,
Ando como perdido.

Queixo-me aos troncos, que sentir náo podé;
E torno-me a queixar, pois náo me acodem:
Náo ha montes, ribeiras, náo ha prados,
Que náo tenháo ouvido os meus cuidados.

Dizendo assim meus males,
Mais compridos ainda que estes valles,
Dou comigo no outeiro,
Que fica mais fronteiro
Da vossa vizinhança,
Fixando nelle os olhos, e a esperança
De inda tornar a ver-vos.
Ah! Que náo sei dizer-vos,
Como fico tristonho!
E mais quando supponho,
Que esquecido talvez do affecto nosso
Vivais, bom Josefino, e que náo posso,
Só para que melhor lá vos assista,
Levar o corpo aonde mando a vista.

Dal-

Dalli desappareço,
E de novo começo
A lembrar-me de vós, passando os dias
Nestas, e semelhantes agonias.
E como o meu cuidado
Vive sómente destas occupado,
Não posso de mim dar-vos
Noticias, que não fação magoar-vos.

De huma duzia de ovelhas, que me derão;
Não sei se tenho tres, as mais morrêrão.

Dous dias ha, que em busca
Da minha vaca fusca
Por todos estes montes ando á toa,
Sem ter della noticia má, nem boa.

O branco bezerrinho
Tambem levou caminho.

De mim julgo que foge a outra gente:
Quanto vejo presente
Observo tão mudado, e por taes modos,
Que creio que peguei meu mal a todos.

Assim neste sombrio
Monte, deserto, aspero, e bravio;
Vendo sempre despidos arvoredos,
Debruçados penedos,
Sem ter quem me console,
Vivo só entre gente estranha, e mole;
Entre quatro Pastores todo o anno,
(Ah desgraçado Albano!)
Sem saberem fallar mais que no arado,
Na tosquia do gado;
(Olhai que lições tómo)
E nisto sabe Deos ainda o como.

Pois se acaso se trata outra materia
Mais polida, mais séria,
Dizem que he cousa feia
Metter a fouce na seara alheia.

Cuidão sómente em ferrolhar o milho,
Se lhes foge hum novilho,
Não berra em busca delle a vaca tanto
Pelos outeiros, quanto
Hum destes se amofina, agasta, e anda;
E em fim, quando Deos quer que as cousas manda,
(O que elle não permitta) engrossar a cheia,
Affoga-lhe o rebanho, e alaga a Aldeia.

Eis-aqui como o Mundo ſe governa;
em confusão eterna,
omo desde que he Mundo ſe coſtuma,
m eſperança de melhora alguma:
le dá qualquer goſto
troco de mil dias de deſgoſto:
ue vezes no que vejo,
no que vou pintando no deſejo,
e ſuccede inda agora?
que provera a Deos que aſſim não fora!

Que foi aquelle meu contentamento
as veſperas do noſſo apartamento,
não certo preſagio
e ter eu que paſſar eſte naufragio?

Eu meſmo em mim ſentia,
da na maior força da alegria,
r ella na verdade
omo contra vontade:
ue anda já mui de longe a Sorte eſcura,
omando ſempre o roſto da Ventura,
ra que a não conheça,
uando para enganar-me me appareça,
razendo, como viſtes,
os alegres ſinaes agouros triſtes.

O mais ſupponde-o vós: Não ſei dizello,
Que aſsás não faço pouco em padecello;
Pois ſe a hiſtoria, que n'alma anda gravada;
Pudeſſe ſer fiada
De palavras, talvez que por comprida,
Só em contalla, conſumiſſe a vida.

Paſſai, amigo, a voſſa
Com deſcanços na choça,
Com proveitos na lavra,
Sem que ſe vos treſmalhe huma ſó cabra;
E ſe no monte andarem,
No tempo que paſtarem,
Em vez de agudo cardo que as moleſte,
Encontrem branda relva, que lhes preſte.

Primeiro do que aos mais o trigo creſça,
A fruta amadureça,
Na voſſa terra farta, e abundante,
E o Paſtor lá da ſeira mais diſtante
A Sorte vos inveje;
Mas ſem faltar a elle, a vós ſobeje.

E tanto da Ventura
Sejais a mais valida creatura,
Que neſſes campos mora,
Que aſſim como anda agora
Buſcando para mim novos tormentos,
Invente para vós contentamentos.

Fi-

Finalmente abaſtado
Vivei, Paſtor honrado,
Deſſes grandes haveres,
Que dá Pomona, e multiplica Ceres;
Que eu outros não procuro,
Mais que viver ſeguro
Lá na voſſa lembrança:
Dai-me eſta ſegurança;
E de ſorte nenhuma
Faça em vós a diſtancia o que coſtuma.

Nem receeis que poſſa em outra idade
Eſquecer-me de vós; porque a amizade
Diſpoz em meu affecto verdadeiro
Mais forçoſas raizes que hum ſobreiro.

Paſſai alegres dias
Nas doces companhias
Deſſas gentis Paſtoras:
Vós já ſabeis as horas,
A que ellas vão ao rio, ou vão á feſta:
De tarde na floreſta,
Com ellas de mãos dadas,
Nas danças engraçadas
Ireis de Amor cantando;
Mas vede, amigo, não venhais chorando,
Que dellas ſó são lagrimas o fruto,
De que inda trago o roſto mal enxuto.

Mas voſſo bom diſcurſo nada ignora:
Diverti-vos embora;
E lá do grande Menalo vizinho
Achareis de caminho
A communicação dos ſeus cultores,
Que com tantos ſuores
As terras fabricando,
Uteis, e novos troncos enxertando,
Moſtrão a preguiçoſos deſcuidados
Mil ſaudoſos frutos ſazonados.

Ouvi-os lá cantar com voz mais alta,
E não vos fará falta,
Por triſte, e por pequena,
A baixa voz de minha rude avena.

E agora, que de todo enrouquecida
Deita a reſpiração desfalecida
Da frouxa voz cançada,
(Porque já começou deſtemperada)
Permitti-me que hum pouco deſcançando,
Nova força tomando
Vá, para dar-vos conta, como quero,
D'outros maiores males, que inda eſpero.

II.

II.

HA mil tempos, bom Silva, que ſaudoſo
voſſa companhia, determino
ver-vos, como poſſo, aſſim queixoſo.

O como, o quando, e os modos imagino;
ıs as couſas baralhão-ſe de ſorte,
ıe eu meſmo dentro dellas perco o tino.

Ante meus olhos vejo a fria Morte
ıaſi lançar-me a mão, e não me arredo,
rque eſtou já diſpoſto a todo o córte.

Tenho ás moleſtias tão perdido o medo,
ıe cahem ſobre mim, como ſe déſſem
no corpo inſenſivel de hum rochedo.

Aſſim meus males, Joſefino, creſcem;
ſim neſte meu corpo magoado
ıvos ſinaes funeſtos apparecem:

Languido o pulſo, o roſto desbotado,
paſſo lento, os olhos ſem viveza,
ſangue frio, o animo cançado;

Em fim tão pervertida a Natureza
ıs fyſicos principios, que não tenho
ıis qualidades, do que a da triſteza:

Com

Calce embora a magnifica riqueza
O dourado cothurno, com que piza
A descalça humilissima pobreza:

Que a carne do Filosofo precisa
De bem facil sustento, e cubertura,
O corpo acaba, a alma se eterniza.

Jacte-se a Fidalguia, ou a loucura
Desse explendor dos seus antepassados,
Que todos ha de achar na sepultura.

Mostre co'dedo os por icos gravados
De generosos timbres; que eu sómente
Terei os virtuosos por honrados.

Cançai, amigo, o braço honradamente,
Que assim se abre o caminho á Fama, e gloria,
Deixai fallar essa insensata gente:

Se o vosso nome se não ler na historia,
Disso não se vos dê; porque andão nella
Muitos, que são indignos de memoria.

A fama está sómente em merecella,
Conseguilla he acaso, e não virtude;
E vós dentro em vós mesmo podeis tella.

O trabalho mais aſpero, e mais rude,
Suave, e nobre ſe fará, com tanto
Que de hum honroſo proceder ſe ajude.

Aqui tecêra eu mais alto canto
A voſſos altos dons, ſenão andára
Já eſta lyra convertida em pranto.

Oh quem antes que a vida ſe acabára,
Se quer a par de vós com ſingeleza
O mais que ſinto em mim, communicára!

Agora ao brando fogo na aſpereza
Do deſabrido Inverno eſpeculando
Os ſegredos da ſábia Natureza:

Agora o penſamento levantando,
Não como os inſoffriveis falladores,
Baixas, e vís materias praticando;

Mas revolvendo antigos Eſcritores,
Varias razões, diverſos ſentimentos,
Certo manjar das almas ſupriores;

Mas eſtes racionaes divertimentos
Havião ſer, amigo, ſeparados
De confuſos, e falſos tratamentos.

Lá neſſes campos bemaventurados,
Par' onde foi a candida innocencia,
Fugindo cá dos animos dobrados:

De hum caſal na pobriſſima aſſiſtencia,
Onde não nos mordeſſe, nem ladraſſe
De zoilos vis cruel maledicencia:

Alli veria hum homem, quando naſce
A branca, e roxa Aurora no horizonte,
Moſtrando á gente a luminoſa face:

Ir manſamente o gado para o monte
Comer da branda hervinha, e maſtigando
Deſcer a procurar a freſca fonte:

Sahir o boi pacifico, inclinando
Ao duro jugo o ruſtico peſcoço,
Pelas redondas ventas fumegando:

O geral, e ſollícito alvoroço,
Com que para o trabalho, a choça abrindo,
Sahe o velho encurvado, o agil moço:

Brotar depois a fruta, que apparece
No frondoſo raminho pendurada,
Que em tempo accommodado amadurece:

Eſ-

Eſtar ouvindo a muſica alternada
Dos doces namorados paſſarinhos,
Que a meus brandos ouvidos nunca enfada:

Vellos andar ſaltando nos raminhos,
Depenicando as folhas inquietos,
Vellos depois voar aos altos ninhos:

Oh! Que dignos ſeráo eſtes objectos
Dos cuidados de hum animo innocente,
Para eſtar contemplando em ſeus ſecretos!

Vamos, amigo, dai-me a máo contente,
Vamos ſe quer hum dia em noſſa idade
Ver o roſto da Paz reſplandecente.

A Deos, vans eſperanças da Cidade,
Deixai-me ir acabar os triſtes dias
No ſanto Domicilio da Verdade.

Mas ah! Que todas eſtas alegrias,
Por mais, e mais que certas me pareçáo,
Náo paſsáo de ſonhadas fantazias!

Aquelles negros Fados, que náo ceſsáo
De perſeguir-me, pondo-ſe diante
Para prender-me os paſſos, ſe atraveſsáo.

Eu

Eu vejo, eu vejo o horrido semblante,
Com que me estão dizendo, (*ah charo amigo*)
Que nunca chegará tão doce instante.

Estas considerações, que andão comigo,
Para confusão minha he que se inventão,
Que eu mesmo me convenço, e me desdigo.

Quaes pelo Ceo nas nuvens se apresentão
A' vista mil fantasticas figuras,
Que desfeitas no ar logo se ausentão:

Taes as minhas erradas conjecturas,
Levantando castellos sobre o vento,
Andão fazendo vans arquitecturas;

E como tem tão fragil fundamento,
Quanto havia formado em muitas horas,
Perco logo de vista n'um momento.

Bem faz por me entreter nestas demoras
A Fortuna outra vez com esperanças,
Que de falsas imagens são pintoras;

Mas eu que a temerarias confianças
Já ouvidos não dou, seguramente,
Desvio do desejo estas lembranças:

Assim pudera eu tão facilmente
Quebrar d'alma as prizões, que envergonhado
Ainda arrastando vou por entre a gente.

As prizões doces de hum grilhão dourado,
Com que Amor, meus desejos enganando,
Me fez parecer leve, o que he pezado.

Eu lhe fui ao principio repugnando,
Depois com menos força me esquecia
No milagroso gésto contemplando:

Assim foi a razão de dia em dia
Sua virtude natural perdendo,
Pois só pela vontade se regia:

E qual soberbo tigre, que mordendo
Os novos ferros da prizão que estranha,
Depois já costumado os vài lambendo:

Desta arte, Amor, que sempre me acompanha,
Convertendo a violencia em suavidade,
Contra quem já não val esforço, e manha.

Comigo faz tão meiga sociedade,
Que, já por gosto de lhe ser captivo,
Beijo o grilhão da minha liberdade.

Não baſtavão trabalhos, com que vivo;
Mil milhões de ſucceſſos não cuidados,
Que me trazem da gente fugitivo:

Reſpoſtas más, deſprezos obrigados,
Vans eſperanças, feias impoſturas,
Suſpiros de triſteza ao vento dados:

Enfadonhas moleſtias, largas curas
Para a vida, tão perto de perdella
No meio de tamanhas deſventuras?

Senão tambem agora no fim della
Ter mais eſte contrario de ſobejo,
Para poder de novo aborrecella.

Mas nos males crueis, em que me vejo,
Só me ſervíra, amigo, de ſoccorro
Hum Bem, que n'alma pinta o meu deſejo:

Que era ter (mas de balde em fim diſcorro)
Huma certeza ſó de que vivia
Na memoria daquella, por quem morro:

Eis-aqui como levo a noite, e dia,
Sem ter a quem me queixe, que não faça
De meus triſtes errores zombaria.

Di-

Ditosa gente feita de outra massa,
A quem de Amor o dardo mais agudo
O rijo coração nunca traspassa!

Gabão-se de hum espirito sizudo:
Homens de carne, e pedra juntamente,
Fortes por condição, não por estudo.

Não sei que tem Amor com certa gente,
Que sempre fugio della, e só se inclina
A ferir mais hum' alma intelligente.

Oh das mortaes paixões, paixão mais digna!
Se alguma culpa mostras, não he tua,
He só de quem tão mal te determina.

Quem ha no Mundo, que de ti se exclua?
Correi vós, homens, todo o Mundo inteiro,
Vereis esta verdade pura, e nua:

Vereis tremer de Amor o Heroe guerreiro,
Que não temêra de Mavorte as iras,
Vereis de Amor o sabio prizioneiro:

Vereis chorar ao som de tantas lyras
Por elle as altas Musas, sem que seja
Por fazer agradaveis as mentiras.

O

O meu grande Camões, que em paz esteja,
Em quanto andou no misero desterro,
Para próva de tudo me sobeja:

Elle destes, que fallão, nota o erro;
Pois teve amor, e muito bem sabia,
Que doutos corações não são de ferro.

Com elle desabafo, elle me guia
Das Canoras Irmans ao claro accento
Com sua doce, e immortal Poesia,

Bem que já a Musa sem calor, e alento
Com desgrenhada fronte, e voz chorosa
Fere tão mal as cordas do instrumento;

Já no meio de vida tão penosa
Froxa, e cançada está de andar forçando
Tão frios versos, que parecem prosa:

Naquelles, que vos ouço estar cantando,
Teria o meu mais certo formulario,
Se inda fizesse alguns de quando em quando.

O bom Lima, que he delles Secretario,
Bem sabe as vezes, que embebido os leio,
Quando aqui passo as horas solitario.

Mais

Mais de mim vos contára; mas receio
Que corra de tal ſorte eſte meu pranto,
Que para o ſuſpender não ache freio;

E ſe por caſo grande de alto eſpanto
Se vos fizer incrivel deſta ſorte,
Que homem já moribundo falle tanto,

Sabei amigo, em fim, que em mal tão forte
Já não ſou eu quem faz tão longa eſcrita:
A má Fortuna he ſó, que até na morte
Dentro deſte meu corpo falla, e grita.

III.

SAbio Juriſconſulto,
Da Juſtiça eſplendor, freio do inſulto,
Em cuja máo rectiſſima deſcança
Todo o equilibrio da legal balança:
Se o juſto miniſterio,
Que a hum tempo exercitais piedoſo, e ſerio,
Em táo importantiſſimo negocio,
Vos permitte algum ocio,
(Porque nem ſempre he vicio
Suſpender o exercicio;
E faz, que o arco a enfraquecer-ſe venha,
Quem ſempre em comprimillo a força empenha)
Depondo por hum pouco a gravidade
Da voſſa authoridade,
Permitti-me que poſſa
Ir á preſença voſſa;
E para vós, Senhor, de quando em quando
Eſtes medroſos olhos levantando,
Livremente comvoſco falle, e diga
Quanto a Fortuna, e a razáo me obriga.

Entrei, Senhor, no Mundo táo malquiſto,
Que inda náo tinha viſto
Raiar nelle a formoſa luz do dia;
E já me falecia
O piedoſo alento
De meu primeiro maternal ſuſtento.

Trifte infallibilidade
De huma futura trabalhofa idade!
Com ella fui crefcendo,
Não fei fe mais durando, que vivendo
Em contínuo defprezo,
Depois ao lume accezo
Da razão natural, que em mim crefcia,
Vi que por força de huma Eftrella impia
Em vida tão pequena
Se comprehendião feculos de pena;
E ás curtas horas de meus triftes annos
Já excedia o numero dos danos.

Mas ella, que fedenta
Nunca de grandes males fe contenta,
Me põe de todos no maior perigo,
Por ver fe acaba de huma vez comigo.

Poucos annos beijei a mão paterna;
Porque outra mão, que tudo em fim governa,
Me poz em huma mifera orfandade,
Aonde não herdei mais que a faudade.
Defde então conhecendo
Melhor o Mundo, que já agora entendo,
Nelle peregrinando
Levei fempre arraftrando,
Atado á paciencia,
O pezado grilhão da dependencia;
Que em lugar de gaftar-fe defta forte,
Cuido que o ufo ainda o faz mais forte.

Sacudillo de mim já quiz de todo;
Mas em vão me cancei; nem de algum modo
Encontro quem me valha,
Que todo o Mundo contra mim batalha.

Encontro hum valle, quando busco hum monte;
Morrendo estou de sede ao pé da fonte;
Só para mim, não sei porque segredo,
Nasce mais tarde o Sol, põe-se mais cedo:
A ordem natural de mim se esquece;
E já de horror, de enfado me parece,
Que até lhe custa dispender comigo
A terra encosto, as arvores abrigo.

Como não ha de a misera Fortuna
Ser-me tão importuna,
Se para segurar melhor a empreza,
Se poz da sua parte a Natureza?
Vede agora, Senhor, com que esperança
Nos homens hei de ir pôr a segurança:
Hum só por me não ver, foge, e se esconde;
Outro por mais que o chamo, não responde.
Este immovel se faz, soberbo aquelle;
E estou diante delle
Cheio de hum soffrimento tão preciso,
Como a réo em Juizo.

Quanto mais me estão vendo,
Mais vão endurecendo:

Sempre acho nelles huma fria efcufa,
Que mais fez a cabeça de Medufa?
E fe a algum deftes fe lhe vê na boca
Alegre differença, he que o provoca
Hum odio disfarçado,
Que vai fempre no rifo mifturado.
Sem longa experiencia
Quem não fe enganará defta apparencia?
Nova efpecie de féra,
Peito de pedrenal, rofto de cera.

Mas já do Mundo errado,
Que tanto me enganou, defenganado;
Não fou como algum dia,
Que as vans promeffas da efperança cria:
Delle fugindo vou, e a feus enganos,
Mas fem proveito confumindo os annos.
Ora da trifte idéa, que me inclina
A' folidão da paftoral campina,
Levar me deixo para a pobre Aldêa;
Mas tambem a zizania alli femêa
Contra mim novos males, novos danos;
Que em toda a parte eftão chovendo enganos;
E lá naquella gente,
Que eu fuppunha viver mais fimplesmente,
Acho da mefma forte
Os defconcertos, que obfervei na Corte.
Ora bufco outra terra;
Mas feja Aldêa, ou Corte, valle, ou ferra,
Não ha, pormais que corro, ou que procuro,
Hum lugar, onde ponha os pés feguro.

Qual

Qual o cervo ferido,
Que em si leva escondido
No mortal instrumento,
Da vida o termo, e mais veloz que o vento.
Em vão fugindo vai, e em vão se cança,
Que a poucos passos sempre a morte o alcança;
Assim eu, quando fujo á minha Estrella,
Menos me aparto della;
Que mal posso escapar deste perigo,
Se aonde quer que fujo, vou comigo.

Em fim para contar-vos miudamente
De meu Fado inclemente,
Quantos casos por mim já tem passado,
As vezes que pizado
Fui dos pés insolentes
Do desprezo, de amigos, e parentes,
As injustas vinganças, que hei soffrido,
Ser em todos os lances preterido,
Consumindo em demoras
Infructiferás horas;
Tantas nisto gastára,
Que em mim primeiro a vida se acabára.

De algum Astro a benefica virtude,
Fazendo em mim, que a antiga Lei se mude,
Me deitou nesta terra,
Onde o Fado me faz mais branda guerra,
Senão for de meus males nova traça,
Ter comigo descuidos a desgraça;

Mas

Mas á vossa presença
Attribuo, Senhor, tanta diffrença;
E se fugindo venho, onde he que posso
Achar melhor amparo do que o vosso?

Dai-me (*se he que mereço conseguillo*)
Da vossa mão o poderoso asylo:
Dai-me, Senhor, que ainda a desventura
Correr atrás de mim se me figura:
Desta hydra mortal Alcides forte,
Estingui de hum só córte
As pulantes cabeças renovadas,
Por meu castigo sempre em vão cortadas;
Porque só póde a vossa heroicidade
Cauterizar tão vil malignidade.
Em mim mesmo a desgraça vos offrece
O mais nobre interesse,
Dando-vos hum motivo,
Onde se próve o vosso esforço altivo.

Nunca os homens mais Deoses se parecem,
Que quando favorecem;
Derribar fortalezas,
Romper muralhas, conseguir emprezas,
Armadas dirigir a Climas novos,
Em sujeição dos póvos,
Pôr assedio ás Cidades,
E o mais, que o Mundo chama heroicidades;
Nada disto será de tanta gloria
No futuro immortal pregão da historia,

Co-

Como fazer hum peito generoſo,
Rico a hum pobre, feliz a hum deſditoſo;

Vós, que melhor ſabeis quanto eu vos digo,
Eſta virtude exercitai comigo:
Não entendais que invejo
Eſſa aura popular de hum vão cortejo;
Nem me tenta a ambição inſaciavel:
Tenho ſim hum deſejo mais louvavel,
Mais racional, mais pio, mais prudente,
Que me faz deſprezar naturalmente
Faſtos de rico, preſumpções de Nobre;
Pois tudo poſſo ſer, e mais ſer pobre.

O que ſómente quero,
E o que de balde ha tanto tempo eſpero,
He arrancar eſta agil mocidade
Da inutil, molle, torpe ocioſidade;
De quem tantos deſmanchos perigoſos
São filhos monſtruoſos:
Sómente inſectos vís gerão, danadas
De corrupção as aguas encharcadas.

Quero ſó ter hum meio,
Com que me encoſte a algum honrado eſteio;
Porque mais deſcançada chegue a vida
Lá ao fim da carreira bem ſabida;
Que, a quem tão pouco inveja,
Iſto não ſó lhe baſta, mas ſobeja.

E

E se as constantes Leis da sá Justiça,
Em vós nunca remissa,
Acaso não offendo
No pequeno despacho que pertendo,
Fazei á Patria hum proveitoso filho,
Deste que he da Republica empecilho.

Se assim me acontecer, como confio
De hum coração tão pio;
E então me virem com alegre rosto
Erguer do baixo estado, em que estou posto,
Ah Senhor! Como he crivel,
Que a desgraça insoffrivel
Fugirá de me ver torcendo a vista
Raivosa de perder esta conquista,
Deixando o seu arrojo
Na vossa mão por misero despojo.

E lá depois, que a minha rouca lyra
Deixar o enfermo som, com que respira,
Alegre, e sonorosa
Ferida desta mão menos medrosa,
Que a temperalla agora mal se atreve,
Outro louvor maior, que se vos deve,
Cantando espalharei por toda a parte;
Se a tanto me ajudar engenho, e Arte.

IV.

VO's, que da rica mão da Natureza
Recebestes os dons, que ella mais préza;
Aquelles altos dons de formosura,
De graça, discrição, de compostura,
Que raras vezes por occulto arcano
Unir-se sabem no composto humano:
Vós, que por força de hum pensar seguro,
Illuminando as sombras do futuro,
Dos mesmos corações, e entendimentos
Penetrais as tenções, e os movimentos:
Vós, finalmente, que sabeis aonde
Assiste Amor, por mais que Amor se esconde;
Não entendais que a declarar-vos venho,
Se acaso tenho amor, e a quem o tenho.

Venho á vossa presença,
Só como aquelle, que em mortal doença,
Dos ardores da febre sente a calma;
Que atenuando-lhe as potencias d'alma,
A cada instante afflicto delirando,
A' secca lingua se lhe vão pegando
As truncadas palavras, sem que tenha,
Quando o Medico venha,
Hum habil enfermeiro, hum assistente,
Que exponha miudamente
Com zelo, e com piedade
Os progressos da longa enfermidade.

En-

Enfermo vivo, mas de hum mal tão forte,
Que em vida bebo a cada instante a morte:
Desamparado estou, Amor me mata,
E ajuda-o a matar-me aquella ingrata,
Que só c'um favor seu, que em fim me désse,
Faria que pudesse,
Em lugar de matar-me de desgosto,
Ver-me morrer de gosto.
Com este bem, que pouco lhe custára,
De inimigas Estrellas me vingára:
Isto só, isto só me bastaria,
Para dizer ao Fado, se algum dia
Me tornasse, como hoje, a ser contrario;
Que queres, temerario?
Em vão, em vão já agora,
Depois daquella hora,
Em que tu compassivo, ou descuidado
Me deixaste gozar tão alto estado;
Em vão, de tanta gloria pezaroso,
Solicítas fazer-me desditoso.

Mas que contas são estas, pensamento,
Que andas sempre a deitar sem fundamento,
Mais que a vã conjectura?
Não ha maior loucura,
Que andares nesta misera memoria
Cortando os louros antes da victoria.
Mas ah! Minha Senhora,
Tudo finge quem ama, e quem adora.

Cercado estou das lanças do inimigo,
Cruel Amor, que sempre anda comigo:
E em tão ardua conquista
Não volto a qualquer parte a triste vista,
Que contra mim não veja levantada
Essa mão poderosa, e delicada,
Que inda tem mais robusta fortaleza,
Que a despedida bala, em fogo acceza,
Contra soberbos muros,
Que os peitos de aço, que os broqueis seguros,
Que de Alcides a clava,
Que de Cupido a vencedora aljava.

Peço que lhe digais,
Se tambem contra mim vos não voltais,
Que em fim (*pois o deseja*) que me mate,
Que excogite, que trate
Os mais tyranos generos de morte;
Que eu os espero forte;
Não para resistir-lhe confiado,
Mas a seus pés prostrado,
Para a mortal ferida,
(Inda quando me custe a doce vida)
De novo o triste coração lhe offerto
A peito descuberto;
Mas que repare bem, que se me offende,
Não contra mim, mas contra si contende;
Pois matar quem se entrega ao rendimento,
Bem que assegura, infama o vencimento.

Assim de vós o julgo, assim o espero,
Não por mim, pelo muito que venero
Em vós aquellas altas qualidades,
Que vos igualão tanto ás Divindades:
E mais que tudo, por aquelle affecto,
Com que (saudoso de tão lindo objecto)
Sahir das ondas vejo
A esperar-vos contente o Padre Téjo:
Assim nunca o vejais correr turvado,
Mas antes socegado,
Claro, doce, suave, e abundante
Fartar-vos possa toda a sede amante
Do vosso coração, oh Ninfa pura!
E descançando, de temor segura,
Dentro das suas margens, como entendo,
Nelle vos estejais sempre revendo.

Não cuideis que esta empreza
Offender possa a vossa sizudeza:
Salvar a hum infeliz, guiar a hum cego
Não he tão baixo emprego,
Como o vulgo insensivel imagina:
Sómente huma alma grande se destina
(*Pois sabe o que he Amor*) a soccorrello,
E não a desprezallo, e offendello:
E só quem apadrinha, e quem respeita
Essa paixão, que as mais paixões sujeita,
De benigno, de Nobre
Toda a grandeza, que em si tem, descobre:

E em quem melhor a vossa poderia
Mostrar-se affavel, branda, heroica, e pia,
Que em soccorrer em seu pezar profundo
O maior triste, que conhece o Mundo.

E se eu merecer tanto,
Que vos mova a piedade este meu pranto,
Nas brancas mãos de Dinamene juro,
Por mim, por ella, e pelo santo, e puro
Ceo, que ouvindo-me está, que em quanto a vida
Deste corpo mortal não for partida,
Com vida, corpo, e alma,
Por vento frio, por ardente calma
Servir-vos-hei, Senhora, de maneira,
Que a mão sobre a fogueira,
Sobre o cepo a garganta
Porei com fé, e obediencia tanta,
Que, se possivel for,
A meu mortal valor
Irei, Ninfa, por vós de qualquer modo
O Inferno revolver, e o Mundo todo.

E ao som da minha cythara piedosa,
Assim mesmo chorosa,
Cheia de mágoa, cheia de afflicção,
Em quanto a sustentar na frouxa mão;
Protesto toda a hora,
De vós, minha Senhora,
Espalhar, quando cante,
Louvores taes, que todo o Mundo espante.

V.

V.

LOrinda bella, as obras paſtoris,
Que com táo grande empenho me pedis
Em brando verſo, em bem tecida proſa,
Ahi vo-las remetto; e mais piedoſa
Vos peço, que vejais
De Amor tantos ſucceſſos deſiguais.

Vede, que as ſuas armas atrevidas
Ferem náo ſó as innocentes vidas,
Mas inda em duros peitos, como o voſſo,
Fazem qual raio mais voraz deſtroço.

Do grande monte o cume levantado
Mais perto eſtá de Jupiter irado:
De Amor, e de Fortuna
Nem choça, nem tribuna
Póde ter ſegurança,
Que Fortuna, e Amor a tudo alcança.

Vede pois que fazeis,
E dos males alheios náo zombeis,
Que sáo de huma alma indignos penſamentos
Fazer do que he pezar divertimentos.

As mágoas, os retiros,
As afflicções, as anfias, os fufpiros,
O devorante lume
Do impaciente, do infernal ciume:
As duras efquivanças,
As aufencias, as faltas, as mudanças,
Em fim, de Amor tão longo prejuizo,
He materia de rizo?
Ifto não he o mefmo que eftar vendo
De longe a hum miferavel ir morrendo
A's mãos do feu defgofto,
Sem querer acudir-lhe por feu gofto?

Ah Lorinda, Lorinda, quando eu lia
As paftoris tragedias algum dia,
Hum fuor frio o rofto me banhava,
Sobre a mão encoftava
A languida cabeça; e então de mágoa
O pranto me arrazava os olhos d'agua;
Ifto naquella idade,
(*Ah doce Tempo!*) Em que inda na vontade
Não tinha exprimentado aquelle effeito,
A que hoje fó por vós vivo fujeito.

Neffe livro de Amor, cuja efcritura
Contém do monte a varia defventura,
Aprendei os humanos fentimentos,
Com que haveis de efcutar os meus tormentos;
Diverti-vos embora;
Porém não com Amor, que fempre chora.

 Dos

Dos clamores da Aldêa,
Se procurais encher a vossa idéa,
Ah! Não se diga, que indo a vós piedosos,
Tornão a vir de novo mais queixosos!
Quantos tem desmaiado,
Só de ouvir hum successo desgraçado;
E vós, ouvindo tantos, podereis
Rir-vos de Amor, zombar de suas Leis?

Não espero de vós cousa tão dura;
Mas antes que em ternura
De Amor, e piedade
Mudeis a natural ferocidade;
E que quando escutardes
Os meus justos pezares,
De que posso compôr livros maiores,
Do que o desses Pastores,
Vejais quanto ficastes devedora
Da compaixão, que me negais agora.

VI.

MInha inimiga bella,
Gloria da minha dor, e a causa della,
Em cuja mão Amor depositado
Tem a minha Fortuna, e o meu cuidado:
Tu honras estes bosques, e estas praias,
Ora encostada á sombra de altas faias,
Ora pizando, quando aqui passeas,
Com branco pé as humidas arêas.

Tu envergonhas estas Ninfas bellas,
Pois es mais linda, mais formosa que ellas;
Huma vendo-te está, como admirada,
D'entre a limosa concava morada;
Outra do banho sahe, e bracejando
As enroladas ondas vem cortando
C'o delicado peito: Deixa aquella
O rico fio, com que urdia a tella;
Huma deixa do Satyro o queixume,
Outra de ver os peixes em cardume,
Como saltão na rede aos pescadores;
E ora cheias de inveja, ora de amores,
Estão debaixo d'agua a huma e huma
Levantando as cabeças sobre a espuma.

Assim por ver-te, ó Ninfa, se alvoroça
A bellissima chusma, porque possa
Cada huma desta arte
Lograr de tanto bem tão grande parte;
Qual, para as mais fallando,
De teu Divino gésto está tratando,
Dizendo todas, tão Celeste aceio,
Tão desusado gésto donde veio?
Não se recolhem, sem que tu te ausentes;
E quando o fazem, tristes, descontentes
Ao Padre Téjo contão,
Que te vírão, meu Bem, e alli lhe apontão
As tuas perfeições, que nunca dizem,
Por mais e mais que as expressões repizem.

Se dizellas pudessem, que dirião?
E se as vissem como eu, que sentirião?
Eu as vi, eu as vi: Com que mistura
De gosto, e de pezar se me figura
Esta visão! O' penhas circumstantes;
Se estamos sós, direi as penetrantes
Cousas, que esta alma firmemente enserra
Mais entranhadas do que vós na terra;
Mas até tenho medo
De confiar de vós tanto segredo:
Eu o direi em fim, com tal cautella,
Que o ouça só aquella,
Que foi a doce causa, por quem sigo
O mal que passo, as expressões que digo.

Não cuides, Ninfa, não, que da memoria
Riscar já mais se possa huma victoria,
Que Amor a vez primeira celebrára;
Bem que depois em mágoa se trocára:
Inda tenho presente
De meus dias o dia mais contente:
Inda me lembrão os piedosos ais,
Os géstos, as palavras, os sinaes,
As brandas petições, os juramentos,
Em fim os namorados movimentos,
Com que ora examinando os olhos bellos;
Ora enfeitando os lucidos cabellos,
Toquei a face pura,
Onde Flora mistura
A branca, e a roxa côr da madrugada.
Ah Ninfa delicada!
Todas estas razões, se me acreditas,
Vivem, e viverão nesta alma escritas!

Estas as causas são do meu desgosto,
Que me vem sempre na afflicção do rosto:
Estas contínuas lagrimas, que chóro,
Nascem do que receio, e do que adoro:
Olho em fim para ti; e quando meço
Entre nós as distancias, esmoreço:
Vejo que es huma Ninfa celebrada,
E das mais altas prendas adornada;
Eu hum Pastor sem nome, que se attenda,
Sem parte, sem razão, que me defenda:

Tu

Tu dominando os campos, senhoreas
Os bosques, e as arêas;
Eu posto em monte alheio, e tão deserto,
Só de rusticas pelles mal cuberto:
Tu de formoso rosto delicado;
Eu tão mal figurado:
Tu polida; eu mais bronco
Que a grossa casca desigual de hum tronco.

Qual Lavrador, que alguma rez comprára;
Porque com outros não se aconselhára,
Depois lhe dizem todos, que he pequena,
E certo que foi pena
O dar tanto por ella; como louco
Resolve-se a largalla por tão pouco,
Que perde o pobre em fim só por vendella,
Mais de metade do que deo por ella.

Assim receio eu, que tu, Senhora,
Conhecendo algum' hora
Que esse amor repentino
Não fora amor, mas fora desatino,
Com que ao princípio para mim olhaste,
(*Porque comtigo não te aconselhaste*)
Me deixes pezarosa
De ter sido comigo tão piedosa:
Oh! Nunca chegue o dia
De tanto mal, de tanta tyrannia!
Que, inda que os teus favores valem tanto,
Merece-os o meu pranto,

Me-

Merece-os a conſtancia,
A inquietação, o amor, o ſuſto, a anſia,
Que dentro d'alma ſinto:
Só neſtas qualidades ſou diſtinto.

Não tenho largos campos ſemeados,
Que te poſſa offrecer, não tenho gados:
Não poſſuo colmêas,
Vivo peregrinando nas Aldêas
De cabana em cabana:
Hum mez aqui, além huma ſemana;
Mas tenho huma alma, bem que triſte, Nobre:
Huma vida, que he tua, ainda que pobre:
Hum amor, que te iguala:
Huma fé, que a nenhum temor ſe abala:
Em fim hum coração, de quem tu ſabes
A grandeza que tem, pois nelle cabes.

Não tenho outros haveres,
Se diſto te contentas, ſe iſto queres,
Como já n'outro tempo ſuccedia;
Que para ti, ó Ninfa, não havia
Outro preço maior
Que huma alma cheia de hum ſincero amor,
Tudo em mim acharás da meſma ſorte;
E ſe he poſſivel, inda amor mais forte.

Mas ſe eſtás de querer-me arrependida,
Não te arrependas de me dar fingida

Aquel-

juella branda moſtra de piedade,
ie paſſou tantos tempos por verdade,
ſe quer neſte engano,
ave ao meſmo tempo que tyrano,
mſerva o meu deſejo,
ide tenho mil mortes de ſubejo.
acaſo me aborreces, como entendo,
me deixares, de que eſtou tremendo,
ja aſſim, pois o queres; mas de modo,
ie eu o não chegue a conhecer de todo:
o te cuſtará muito neſte eſtado
azeres-me enganado:
te pequeno allívio me conſente;
iſte quem de tão pouco eſtá contente!

TER-

TERCETOS.

MImoſo Infante, Principe adorado,
Eſperança mais firme do futuro,
Conſolação mais certa do paſſado:

Amparai eſte pletro mal ſeguro,
Como ſuccede á hera trepadora,
Quando fraca ſe arrima ao forte muro.

Nova Muſa me dai, pois temo agora
Deſentoar no canto deſta minha,
Por coſtumada ás lagrimas que chora.

Oh Muſa a mais feliz! Quem te apadrinha?
Que já ſinto ſahir-me a voz do peito
Menos gelada, do que d'antes vinha.

Vós ſois, Senhor, a cauſa deſte effeito;
Por iſſo neſtas clauſulas pequenas
Ouvir-me-ha todo o Mundo com reſpeito.

E protegendo ruſticas avenas,
Ir-vos-heis coſtumando de Menino,
Antes de ſerdes Rei, a ſer Mecenas:

Que

Que se o forte Thebano em pequenino
Despedaçava já dragões no berço,
Fera he tambem o meu fatal Destino.

Novo Alcides, Senhor, meu tosco verso
Amparai; que he mais ardua resistencia
Vencer as forças de hum Destino adverso.

Ouvi-me pois, ouvi-me sem violencia,
Que as razões da fiel sinceridade
Bem póde percebellas a innocencia.

Vós sois aquelle ramo, em cuja idade
A Lei florecerá constantemente
Desta pequena antiga Christandade:

Vós sois aquelle fruto inda pendente
De huma arvore de Christo ao Ceo subida,
De que hoje faz a Portugal presente:

Vós sois aquella palma enobrecida,
Que na frente das nossas esperanças
Irá crescendo para sempre erguida:

Vós o Iris sois daquellas seguranças,
Com que Deos tão benigno, tão piedoso
Nos promette pacificas bonanças.

Bemdito Reino! Portugal ditoso!
Oh não te assustes mais! Oh não suspires!
Se es do Ceo tão bem visto, e tão mimoso.

De lá te diz Affonso, que respires,
De lá neste seu novo descendente
Te manda o ramo, o fruto, a palma, o Iris.

Ah meu Senhor! Meu Principe excellente!
Guardai, como promessa, esta memoria
De huma boca infallivel, que não mente.

Lá quando lerdes a famosa historia
Dos vossos Immortaes Progenitores,
Vereis mais altamente a vossa gloria:

Vereis, que são eternos moradores
Do verdadeiro Olympo, onde ficárão
Sustendo sempre os Regios Successores:

Vereis o claro accento, a que chegárão;
Não porque forão Reis, mas virtuosos
No ardor, com que huns aos outros se imitárão;

Mas vossos Pais Augustos, e famosos,
Que as sacrosantas Leis da heroicidade
Sabem dar, e seguir tão cuidadosos;

Vos

Vos levaráõ á excelsa extremidade,
Por onde com trabalho, e com desvelo
Sóbe a gozar o Heroe da Eternidade.

E em quanto não podeis reconhecello,
Vos está preparando hum novo estado
De vosso Augusto Avô o amor, e o zelo.

Para vós vai creando este Reinado
Cheio de gloria, cheio de excellencia,
Com que se faz no Mundo respeitado:

Vereis nelle invariavel a obediencia,
Sempre constante a Fé, recta a Justiça,
Enfreada a Ambição, muda a Insolencia:

Vereis a applicação nunca remissa,
Com que entretida a molle ociosidade,
Desentorpece os membros a preguiça:

Vereis seguir-se as regras da piedade,
Do valor, da sciencia, da constancia,
Da santa Paz, da justa liberdade:

Vereis aquella radical substancia,
Com que nutre o Commercio as Monarquias,
Encher vossos estados de abundancia:

As-

Assim vereis, Senhor, todos os dias
Com proveitosa singular cultura
O Reino florecer por tantas vias:

Como aquelle, que em grande semeadura
De bem mondado trigo vai com gosto
Cortando a loura espiga já madura.

Crescei, qual tronco em fertil chão disposto,
Que des que os largos ramos estendêra,
Servindo a tantos, vai de abrigo, e encosto.

Vinde illustrar de todo a Lusa Esfera;
Que sendo muito, o que de vós alcança,
He muito mais o que de vós espera:

Grão parte do seu pezo em vós descança,
E já sem que o sintais se differença
O muito que podeis só na esperança:

Por nós ao Ceo chegou súpplica immensa;
E de taes qualidades quiz encher-vos,
Que fez maior que o voto a recompensa.

Elle, que tanto soube enriquecer-vos,
Ha de, affeiçoado ao vosso gésto lindo,
De fascinantes olhos defender-vos.

Em vós todas as Graças se estão rindo,
Brincando irão comvosco melindrosas,
Quaes ao filho de Venus divertindo.

Do vosso tratamento cuidadosas,
Huma no berço de ouro vos reclina,
Outra vos cobre de purpureas rosas:

Ora Pito embalando-vos benigna,
Ora nos braços da risonha Aglaya,
Ora no brando collo de Eufrosina:

Para vós anda Thetis já na praia
Escolhendo do mar alvas pedrinhas,
Que a onda arroja, e lambe, quando espraia.

Com ella vão as Ninfas mais vizinhas
Nos virginaes regaços apanhando
Torcidos buzios, concavas conchinhas.

A longa, e branca barba penteando
Já sobre as mansas ondas apparece
Banhado em gosto o Téjo venerando.

Seu futuro Senhor vos reconhece:
Descubri-lhe essa mão candida, e pura,
Que já para a beijar se ensoberbece.

Voa, ó Fama veloz, pelo ar segura,
Sacode as pandas azas, vai seguindo
O caminho, que te abre esta Ventura.

Deste Principe o nome diffundindo
A's mais remotas gentes, que encontrares
Na distancia, que vai do Tejo ao Indo:

Voa áquelles longissimos lugares,
Que com teu brado universal abranges,
De Africa as terras, e do Oriente os mares:

Tremão de susto os barbaros alfanges,
Que inda para cercar a Lusa frente
Cria palmares inclytos o Ganges:

Dize ao torpe, e tostado continente
Da inculta Abylla, que vá já tirando
O perfido turbante reverente:

Ao feio Tormentorio vai chegando,
Atroa-lhe os asperrimos ouvidos,
Nunca sabidas cousas escutando:

E que dos navegantes destruidos
O crime pagará, que inda lhe resta,
Vendo os membros grandissimos tolhidos;

Por-

Porque ſe os mares ainda agora infeſta
As Luſitanas proas, que algum dia
Lhe ha de abaixar a carrancuda teſta:

Faze-te ouvir por toda a Cafraria,
Depois avante paſſa, e vai correndo
Lá por outra Região menos ſombria:

Agora a rica Ormuz eſtremecendo,
Agora Meliapôr, e o Guzarate,
Affamados deſtrictos diſcorrendo:

Prognoſtíca hum cruiſſimo combate
De ſegura victoria ás fortalezas
De Jalofo, Tidore, e de Ternate:

Em fim das fortes armas Portuguezas
Annuncía do Mundo em toda a parte
Mil futuras, e proſperas grandezas.

E vós, com quem benigno o Ceo reparte
Toda a graça de Adonis, algum dia
Armado filho vos verão de Marte:

Europa a voſſos pés, de medo fria,
Tributos vos dará; e a Aſia ingente
Perolas Orientaes, que a Aurora cria:

Negros vultos irão de Africa ardente
Desentranhar na America salvagem
Thesouros ricos de metal luzente.

Povo estranho de barbara linguagem,
Pela soberba foz do Téjo entrando,
Vos jurará firmissima homenagem:

Então com lyra de ouro em verso brando,
A vós mais dignamente altos louvores
Os Pastores da Arcadia irão cantando:

Louvai, louvai, sollícitos Pastores,
O novo Successor do Reino: Cesse
O costumado canto dos amores:

Cantai o amor da Patria; o interesse
Commum da Monarquia: E o bom Pai della,
Por quem dos Póvos todo o bem florece:

Assim vos fareis dignos da capella,
Que Febo para aquelles tem guardado,
Que louvar sabem a Virtude bella;

E quando o aureo Tempo for chegado,
Que de Saturno o seculo fingia,
(Ah Tempo! Tempo Bemaventurado!)

Di-

Dirão, *verificada a profecia*,
Que fatidicamente se cantava:
De tal Pai, que outro Filho nasceria?
De tal Avô, que Neto se esperava?

BELIZA.

Pois não quereis, memorias imprudentes
Senão andar continuo revolvendo
Cousas, que mais vos fação descontentes:
Com inquietas azas
De novo vivas chammas accendendo,
E nellas reduzindo-vos a brazas:
Fartai-vos, loucas, consumi-me embora:
Voemos onde mora
O principal motivo,
Por quem no meio de mil mortes vivo.

Eu vos darei materia accommodada,
A todas as idades tão estranha,
Que nunca em verso triste foi cantada:
Qual louco mal guiado
Correndo vai ao alto da montanha,
E se deita de lá desesperado:
Assim perdidos já, da mesma sorte
Vamos buscar a morte:
Primeiro subiremos,
Depois precipitados cahiremos.

Subamos pelas margens do alto Douro,
Onde cuido inda agora que me vejo
A' fresca sombra do frondoso louro:
Recorde as alegrias,
Como aquelle, que ceva o vão desejo
Sómente com pintadas iguarias;
Mas senão podem glorias já passadas
Ser mais que imaginadas,
E assim vos satisfaço,
Demos, memorias minhas, mais hum passo.

Aquelle o bosque á Ninfa consagrado,
A mais famosa, que o grão Douro ha visto,
Desde que corre para o mar salgado:
Inda se me figura,
Que alli as horas passo, alli persisto,
Ou seja dia claro, ou noite escura:
Aquelles os confusos ramos, onde
Beliza se me esconde:
Aquelles os lugares,
Onde a Amor já Fortuna ergueo Altares.

A quem direi os casos venturosos,
Que alli passei, em quanto o quiz meu Fa
Que os não tenha talvez por fabulosos?
Oxalá, que pudesse
Ser sonho aquelle tempo já passado,
Assim como inda agora mo parece!
Mas esses altos montes se abaixárão,
Estas aguas parárão
A ouvir os louvores,
Que alli me derão Ninfas, e Pastores.

Alli vi de Beliza os olhos bellos:
Não sei que movimento os meus lhe achár
Que desde então não pude estar sem vello:
Alli hum certo dia
Das palavras usei, que me ensinárão
Os ditosos exemplos da ousadia:
Logo Fortuna encaminhou meus passos,
Levantou-me nos braços,
E pela roda vária
Jurou a Amor de lhe não ser contraria.

O menino, que nunca presumio
Que a forte Deosa em seu favor teria,
De gosto as brancas azas sacudio:
Metteo a máo na aljava,
E das agudas settas, que trazia,
Huma escolheo, que mais aguda estava:
Para ferir Beliza a destinou,
A ponta lhe dourou,
Que quer que a arma seja
Arma igual á victoria, que deseja.

Voando foi Amor com rosto lèdo,
Beliza vio, e disparando o tiro,
A máo tres vezes lhe tremeo de medo:
Vós, ditosas montanhas,
Lhe ouvistes o ardentissimo suspiro,
Que entáo lançou das intimas entranhas:
De piedade os olhos se lhe enchêráo,
E logo se volvêráo
Por táo doce maneira,
Que inda náo sinto cousa que mais queira.

Quê

Que dévotos louvores não me ouvirão
Dar a Amor, e Fortuna esses outeiros,
Quando então meus triunfos de alto virão:
Não lhe queimei perfumes,
Não lhe emulei novilhos, nem cordeiros,
Sacrifiquei a vida a seus costumes,
Ardeo sem se gastar nunca a vontade,
Para ter liberdade
De pôr no Altar mil vezes
Novos desejos, em lugar de rezes.

Os Pastores, que o virão entre tanto;
Nos mais duraveis troncos o entalhárão
Para servir aos Satyros de espanto:
As Naydes, e Napeas,
Por mandado de Amor o recitárão,
Humas nos bosques, outras nas arêas;
E ás que erão mais destras nos lavores,
Por Tritões nadadores,
O mesmo Padre Douro
Mandou tecello n'uma téla de ouro.

Assim que as alvas filhas informadas
Forão de seu paterno mandamento,
Erguêrão mão das obras começadas:
Entre si concertárão
Armar novos theares n'um momento;
E as sedas de mil cores ajuntárão:
Qual escolhe das conchas crystallinas
As perolas mais finas,
Qual renova ligeira
De rico fio, eburnea lançadeira.

Havia Hirene debuxado a historia
Da filha de Nereo formosa, e pura,
Que foi de Polifemo pena, e gloria:
Do monstro a symmetria
Tão propria, e feia está, que da figura
A mesma Ninfa, que a bordou fugia:
As canas desiguaes, com que tocava,
Ao cólo nú levava,
E na mão por cajado
O pinheiro maior, que se ha cortado.

Mais ao longe alvejando eſtava a arêa
De huma praia deſerta, e deleitoſa,
Onde ſe via a linda Galathea:
Nos braços tinha o moço,
Que fez depois Fortuna, de invejoſa,
Das duras mãos do Cyclope deſtroço:
N'outra parte correndo vão ſem tino,
Que era o cruel Deſtino
Do cioſo Gigante,
A's mãos haver, o ſeu contrario amante.

Tanto á pintura as deſtras mãos ſoccorrem,
Que quem alli os vê ſe lhe figura,
Que por ſima do panno vivos correm;
Depois apparecia
O Paſtorinho inerme, e ſem Ventura
Debaixo de hum penedo, que o cubria:
Com elle do ſalvage a força bruta
A crueza executa,
De ouvir em tal crueldade
Ranger-lhe os tenros oſſos, ſem piedade.

Logo o trifte mancebo deixa ver-fe,
Perdendo a fórma humana, e começava
Em gottas de agua o corpo a desfazer-fe,
Que em rio convertido,
Da grão Cecilia os ferteis campos lava,
E o nome de Acis tem, bem conhecido:
Até que entra no mar, e em mar fe troca
A compaixão provoca,
Que ainda murmurando,
De feu antigo mal fe eftá queixando.

Climene ouro, e feda entretecendo
N'outro delgado panno, alli parece,
Que as ondas do Helefponto eftão fervendo;
Daquém na populofa
Europa Abido avulta; e apparece
Sefto dalém na Afia poderofa:
Alli as triftes cores lhe miftura;
Pintando a noite efcura,
E do mar reprefenta
Alteradas as aguas co' a tormenta.

Nellas Leandro vai quaſi affogado,
Só hum braço entre as ondas ſe lhe via;
Que o outro tem já de nadar cançado:
Ao longe eſcaſſamente
Na torre de Ero a frouxa luz ardia;
Porém naquella noite inutilmente.
Ah que farias Ero, quando viſte
Na praia o corpo triſte
Deſſe, que por amar-te,
Inda depois de morto foi buſcar-te!

Entretida Leriope bordava
Os campos de Fenicia, onde abundante
O groſſo gado de Agenor paſtava:
Logo o filho de Maia
Guiando as manſas vacas mais diſtantes,
Se vê ao longo da eſpaçoſa praia:
Da branca, e flava côr, que imita o ouro,
Pinta o formoſo touro,
Em que fora mudado
Jupiter, d'alta Europa namorado.

Eu-

Europa alli de flores mil o enfeita,
O bruto as alvas mãos lhe está lambendo,
E a cornigera fronte lhe sujeita:
N' outra parte co' a preza
Em seus hombros no mar se vai mettendo,
Que tão formosa carga não lhe péza;
Mas as Ninfas aqui chegavão, quando
Estas obras deixando,
A outras dão começo
De mais verdade, de mais alto preço.

Em nova tella Hirene principia;
Mas ah louco, onde vou, que não conheço,
Que em lugar tal não posso entrar sem guia!
Vós, Filhas da Memoria,
Vós, soberano Amor, por quem padeço,
Ajudai-me a tecer tão nova historia:
As azas, com que já voar pudeste
Ao Parnaso Celeste,
Emprestai a meu canto,
Que nunca precisou de subir tanto.

Em nova tella Hirene reprefenta
Hum bofque de altas arvores copadas;
Que nas margens do Douro fe apofenta:
Pelos troncos bordando
As brancas madrefilvas, enroladas
Parece, que por elles váo trepando:
O verde cháo femea de outras flores
De mil diverfas cores,
E entre ellas miftura
Fugitivos regatos de agua pura.

No fundo do arvoredo fe divifa
De huma fó madre perola formada
A cavernofa gruta de Beliza:
De Ninfas inferiores
Servida alli fe moftra, e rodeada,
Bem como a rofa em meio de outras flores;
Alli genios folícitos voando
A máo lhe eftáo beijando,
E o Sacro Pan lhe tece
As capellas de lyrios, que lhe offerece.

N'ou-

N'outra parte do panno está pintado
Entre os viçosos ramos da floresta
Hum sombrio lugar do Sol vedado:
Lugar, onde algum dia
Muitas vezes as horas da alta césta
Gastei com ella, em quanto Amor queria;
Mas inda quando alli mudos estamos,
Parece que fallamos
Segredos delicados,
Que escreve Amor nos géstos namorados.

Climene destramente lá figura
A minha inquietação: Alli me vejo
Vagando pela rustica espessura:
Agora levantando
As mãos ao Ceo, que me levou do Téjo,
A ver do Douro o rosto venerando:
Agora pensativo, e recostado
Sobre o curvo cajado,
N'outra parte da tella
Correr me vejo para os braços della.

Alli estou sem saber determinar-me,
Os saudosos olhos alongando,
Sem haver quem dos seus possa apartar-me;
E como por violencia
Dous ministros crueis me vão levando
Ao sacrificio da forçada ausencia:
Já lá vou n'um lugar mais apartado
Co' rosto atrás voltado,
E por mais que desejo
Tornar a ver Beliza, não a vejo.

Mas onde, ó pensamentos, me levastes,
Onde fostes tocar, que das feridas
Que n'alma tenho, o sangue renovastes?
Agora, que eu julgava,
Vendo no Douro as Ninfas entretidas,
Que lêdas horas inda alli passava:
Ante os olhos me pões tão vivamente
Ora tão descontente,
Que já não soffre engano
A verdade tão certa do meu dano.

o outros eſtes campos, eſtes ares,
os eſtes Paſtores, e eſte gado,
outras as cabanas, e os lugares:
aguas, que vejo,
são as aguas do meu Douro amado,
guas são do aborrecido Téjo:
ıuma Ninfa das que o monte piza
ı minha Beliza,
podia ſer ella,
he mais amante, e mais que todas bella.

io vejo mais, que imagens de triſteza;
ła algumas, que naſcem de alegria,
perdendo comigo a natureza:
importa que a Ventura
: a conſolação de ver hum dia,
óde vir primeiro a noite eſcura.
ıue valem razões bem começadas,
io mal acabadas
; mãos da Eſperança,
ıão depois tão pouca ſegurança.

Sem ti Beliza eſtou, como acontece
'A eſtrangeiro Paſtor, que erra o caminho,
E no meio do monte lhe anoitece:
Alli a noite paſſa
Debaixo de alguma arvore ſózinho,
Eſperando impaciente que o Sol naſça;
Mas bemaventurado, que ha de ver
O dia amanhecer,
E eu triſte, que não ſei
Quando a ver os teus olhos tornarei.

Imagino que ás vezes reſplandecem
Muito perto de mim; porém que importa,
São nuves de Ixion, que me apparecem;
Se as almas acabaſſem,
Já de mágoa eſta minha andára morta;
Mas de huma fonte ſem principio naſcem
Para não terem fim; e eſta certeza
Faz maior a triſteza,
Com que andarei ſem termo
Sentindo os males, de que vivo enfermo.

Para

Para consolação ás vezes quero
Desesperar de todo, se pudesse;
Mas só porque he allivio, não o espero;
E se não esperára,
Me diz Amor, (que os males bem conhece)
Que outros males maiores me custára,
Nem a Amor creio, nem a mim me entendo,
Nem sei o que pertendo,
Pois quem morre esperando,
Que mal terá maior desesperando?

Assim me queixo a Deos, ao Mundo, e á gente,
Como aquelle, que grita da pançada,
Que já soffrer não póde a dor, que sente:
Já de mais nada curo,
Que de trazer a voz alevantada,
Pois outra medicina não procuro:
A ninguem que me acuda rogo, e peço
Nos males que padeço:
Os ouvidos me fechem,
Peço sómente, que gritar me deixem.

Até que esta voz tremula, e sentida,
Penetrando as entranhas deste monte
No grão Reino de Dite seja ouvida:
O som de minhas mágoas
Enfreará do fervido Acharonte
As venenosas denegridas aguas:
Tantalo então verá, que a sede antiga
Alli se lhe mitiga,
Vendo que he mais ardente
A sede triste, que supporto ausente.

Sesifo, o pezo sentirá mais leve
Da pedra, com que aos hombros nunca pára
Em pena do segredo, que não teve,
Porque estes meus cuidados
(Que eu inda assim com elle não trocára)
Mais trabalhosos são, e mais pezados.
Orfeo tambem verá que excede tanto
Ao seu este meu canto,
Que com elle podia
Trazer de novo a Esposa a luz do dia.

Es-

Este roedor deseio da saudade,
Que lentamente estraga, e não consome,
Tendo sempre materia na vontade:
Fico, que em Thicio faça
Menor do Abutre essa perpetua fome,
Que o figado immortal lhe despedaça:
Depois que chorar lagrimas de modo,
Que pelo Inferno todo
Tristes, e derramadas
Descanço dem ás almas condenadas.

Inda verei de cá se posso tanto,
Que lá vou esforçando a voz com ellas
Apiedar no Ceo o Coro Santo:
Se disser, que o que sinto,
De que são testemunhas as Estrellas,
Capaz será de mais e mais, não minto;
Mas não temas, Beliza, que entre tanta
Onda, que o mar levanta,
Deixe a Náo de ir segura,
Ou por vento contrario, ou noite escura.

Por ſerras de crueis impedimentos,
Que diante dos olhos creſcer vejo,
Indo, e vindo eſtarão meus penſamentos:
Não póde ſer atado
A' roda da Fortuna eſte deſejo,
Que naſceo livre, e não ſe quer forçado:
Elle fará, que eu viva lá comtigo,
E tu aqui comigo,
Que ſem que os corpos mude,
Para mudar, as almas tem virtude.

Mais te diſſera deſta ſá vontade,
Que Amor com puras mãos para offerecer-te
Limpa eſcolheo de toda a falſidade;
Mas já o não pertendo,
Porque iſſo fora o meſmo que dizer-te,
Que para o mar os rios vão correndo;
Que os montes não ſe movem; que o ſobreiro
He maior que o ſalgueiro;
Finalmente ſeria
Accender tochas, quando naſce o dia.

To-

Todos são ſabedores de meus males,
Que o mal ſoffrido Amor anda contando,
Sem eu querer, por montes, e por vales:
Diante de mim vai
Por onde quer que vou, como lançando
Triſte pregão de alguem, que a morrer ſai:
Apôs delle ſuſpiros magoados
De triſteza eſpalhados
Deito por toda a parte,
Sem que já mais de ſuſpirar me farte.

Aſſim por eſtes campos vago errante
Fujo dos homens, vou buſcando as féras
Até parar no monte mais diſtante:
De lá os olhos viro
Para a parte onde eſtás: Ah ſe ſouberas!
A ſaudade com que então ſuſpiro,
Não ſei que acho no ar, que dalli corre,
Que a vida me ſoccorre:
Vê quanto póde, e mente
O penſamento de quem ama, e ſente.

Inda maiores cousas me acontecem:
Continuamente as aguas deste rio,
Sendo claras, medonhas me parecem;
Dos campos a verdura
Não he mais feia, no mirrado Estio:
As namoradas Ninfas da espessura
Como passo sem pôr os olhos nellas,
Nada sei dizer dellas;
Só sei, que se te víra
O contrario de tudo, aqui sentíra.

Mas em quanto, ó Beliza idolatrada,
Não for minha Ventura mentirosa,
De Amor pela palavra demandada:
Em quanto nessas praias
Não soar esta flauta sonorosa,
Como algum dia, á sombra de altas faias:
Em quanto não puzer meus olhos lêdos
Nesses longes penedos;
Em quanto onde tu moras
Não passar (*qual passei*) alegres horas.

Aqui desfeito em lagrimas, e dores,
Misturando meu choro, c'o meu canto,
Darei queixas a Amor, e a ti louvores:
Não sejão mal ouvidos,
Se chegarem molhados do meu pranto
Descompostos de dor, de arte despidos;
Antes ache por isso acolhimento.
Hum pobre entendimento,
Como o que salva a vida
Dos altos mares, em que a vio perdida.

E vós, Pastores meus, do que me ouvistes
Não vos peço louvor, menos capellas,
Que já mais se fizerão para os tristes:
O que peço sómente
He a vossa piedade em lugar dellas;
E se ficar meu canto impertinente,
Por isso entre vós-outros condenado,
Sabei que inda guardado
Tenho mais do que hei dito,
Que he a tamanha dor, pequeno grito.

IDILIO.

PReparemos, ó Musa, hum novo canto,
Temperemos a lyra,
Não seja tudo pranto:
Cante huma vez, quem tantas mil suspira;
E se a suprema dor, que n'alma temos,
Apertar muito, ás vezes gritaremos:
Assim de quando em quando
Por espinhos, e flores
Iremos pelo Mundo misturando
Lagrimas com louvores.

Honre-se o gésto, o peregrino gésto
Daquella, cujo peito
Formoso, como honesto,
Traz este meu em lagrimas desfeito.
Ah bella Olaia, Olaia inda mais bella
Que a flor do campo, que do Ceo a Estrella;
Mais grata, mais amena
Do que amanhece o dia,
Mais vistosa, mais pura, mais serena
Que o mar em calmaria.

Apar

Apar de ti as Ninfas desta selva
De gésto mais formoso
São como a baixa relva,
Que nasce junto ao Platano frondoso
Das praias a conxinha mais lustrosa,
Dando-lhe o Sol, não fica tão formosa
Como tu me pareces
Formosa, destoucada:
Tens a luz natural, e não careces
De outra luz emprestada.

Ah thesouro a meus olhos escondido!
Só descuberto agora;
Qual tentou atrevido
Ir-te buscar ás Regiões da Aurora?
Ou es, talvez Olaia, esse thesouro,
Que já cahio do Ceo em chuva de ouro;
Mas de outro Ceo descêrão
As tuas perfeições
De fabulas subtis, não se fizerão
Tão raras proporções.

Tanta graça os teus membros ſoberanos,
De donde he que a tirárão?
Da maſſa dos humanos,
Nunca taes dons no Mundo ſe formárão.
Em géſto, e partes taes, eu imagino
Que ſe empenhou o Artifice Divino:
Não tem a Natureza
Tanto poder, e eſtudo,
Que muito pois quem fez tanta belleza,
Que poſſa fazer tudo?

De teus ólhos namorão-ſe as Eſtrellas;
E nas ſuas meninas
Vem ſeus retratos ellas,
De donde tirão luzes mais Divinas:
Para ver eſſe cólo mageſtoſo,
O monte ſe debruça: O rio undoſo
Por mais que eſteja em calma
O curſo apreſſa, e corre.
Ah bella Olaia, que fará huma alma,
Que ſente, que diſcorre?

Di-

Ditoſo ſeja aquelle, que embebido
Póde eſtar no teu roſto,
Sem ter outro ſentido,
Que examinar de eſpaço eſſe compoſto:
Ditoſo ſeja aquelle, que eſcutando
Ora as palavras, ora o rizo brando,
Vê d' um, e d' outro géſto
O moto peregrino,
Claro, puro, ſuave, manifeſto,
Que eu de ver não ſou dino.

A quanta gente barbara, e inculta
Concede a Natureza
O ouro, que ſe occulta
Na terra, ſem ſaber o que he riqueza!
E a quantos póvos, que lhe dáo valia,
Das terras apartou, onde ella o cria!
Aſſim Ventura agora
Dá teu valor, e preço
A quem talvez o teu valor ignora,
E a mim não, que o conheço.

E ha quem nas mãos a cithara não tome,
Espalhando louvores
Em honra do teu nome!
Ha quem te veja sem morrer de amores!
Vós, musicos Pastores das campinas,
Vinde, coroai de candidas boninas
A vossa Tutelar,
Mostrai o meu desejo
A' Ninfa mais gentil, mais singular,
Que tem o vosso Téjo.

Camões, honra das Musas, que a primeira
Fama terás por sorte
Bernardes, tu Ferreira;
E outros, em quem poder não teve a morte:
De lá vos inclinai do Coro Santo,
Com vosso canto acompanhai meu canto:
Não sahe elle de peito
Impuro, e corrompido:
De huma causa Divina hum baixo effeito
Nunca foi produzido.

Volvei o rosto lá do Ceo sereno,
Lançai a vista pura
Ao nosso vil terreno,
E vereis huma nova formosura,
Vereis se á vossa cithara sonora
Déstes tão alta empreza como agora:
A temperada chamma
Louvai de huns olhos bellos,
Que sabe moderar, em quem os ama
O desejo de vellos.

Olaia he mais formosa, e soberana
Que Lucrecias, e Helenas;
Mais pura que Diana,
Mais suave, que as nove Irmans Camenas:
Ella he por quem, de suspirar não canço,
Por quem enfreio o vento, e o mar amanso,
Dizendo minhas mágoas,
Por quem do claro Téjo
C'o meu amargo pranto turvo as agoas
O dia que a não vejo.

Em quanto a ſeca máo da Morte fria
Contra mim levantada
No derradeiro dia
Me náo gelar no peito a voz cançada:
Por meio, Olaia, de mortaes perigos,
De ventos ſoltos, mares inimigos,
Rodeado de horrores
Já ſem ter ſalvaçáo:
Primeiro que os meus ais, os teus louvores
Na boca me ouviráó.

SO-

SONHO.

HUm dia, que o meu gado apaſcentava
Nas ribeiras do Téjo,
ue ſempre com meu pranto accreſcentava,
Apôs do meu deſejo
) leve Penſamento me voava.

'onde *vás*? Mil vezes lhe dizia:
A Tirce, a Tirce vou,
á dentro de mim meſmo reſpondia;
Mas quando imaginou,
ue inda voar táo alto poderia!

logo ſobre a relva reclinado
Tantos ſuſpiros dei,
ue adormeci de ſuſpirar cançado.
Mas ah! Que inda fiquei
ais do que ao ſomno, entregue a meu cuidado.

lli a mentiroſa fantazia,
Que couſas me figura!
ue eſtava dando Leis me parecia
Sobre a meſma Ventura;
il era a elevaçáo, em que me via!

Que dominava os póvos mais diſtantes;
Que os empolados mares
Via cubrir de immenſos navegantes;
E ſoltas pelos ares
Ondear as bandeiras tremolantes:

Que com ſubmiſſo roſto a mim chegaváo
As Nações Eſtrangeiras,
E a máo medroſamente me beijaváo:
Que Provincias inteiras
Copioſos tributos me pagaváo.

Que em douradas carroças caminhava
Com guardas Militares;
Que poſto á Regia meza ſó goſtava
Exquiſitos manjares,
Que alli mercês, e novas honras dava.

Que em ſoberbos Palacios aſſiſtia,
De precioſos lavores
Cubertas as paredes, onde via
De meus Progenitores
Succeſſiva Real Genealogia.

Que hum numero infinito de criados
Me rodeava o leito;
Em fim, que eu era Rei, que tinha Eſtados;
E que, ſe era ſujeito,
Era ſómente á Lei dos meus cuidados.

Que

Que Tirce, (a mais diſcreta, a mais formoſa
Ninfa, que o Téjo eſtima,
De ſangue illuſtre, geração famoſa,
A quem mais alta rima
Fará eternamente glorioſa.)

Aquella Tirce, aquella Divindade,
Que transformar pudera
Em alta, a minha humilde qualidade,
Ouvia menos féra
Do cego Amor a grão temeridade.

Que a ſeus mimoſos pés depoſto havia
O meſmo Sceptro Auguſto,
E a fronte c'o Diadema lhe cingia:
Nem Throno de mais cuſto
Para mim, que os ſeus braços pertendia.

Que com o roſto ſeu em laço eſtreito
Apertava o meu roſto;
E que de tanta gloria ſatisfeito,
Com lagrimas de goſto
Lhe regava o mimoſo, e branco peito:

Que a cor de roſa mais ſe lhe accendia
No purpureo ſemblante
A cada favor ſeu, que lhe pedia,
E que de inſtante a inſtante
Mais formoſa no géſto parecia.

Que os engraçados olhos lhe beijava ;
Que de finos diamantes
Os dourados cabellos lhe adornava ;
Que palavras amantes
Eu lhe dizia, ella me tornava.

Quando nesta reciproca ternura
Da mais completa dita,
Que nunca figurar soube a Ventura,
Por mim hum Pastor grita,
Que o caminho da Aldéa me procura.

Acórdo espavorido, e o Regio trato
Veloz se desvanece :
Fico alheio de mim, fico insensato,
E de novo apparece
O meu antigo, e pastoral ornato.

Olhava para mim : De meu não via
Mais que hum pobre cajado ;
Hum pequeno rebanho sem valia,
Hum çurrão pendurado
Ao canto da cabana, em que vivia.

A huma, e outra parte afflicto olhava,
Não via Tirce ; e em vão
Tirce, *Tirce*, por ella em fim chamava ;
E só no coração,
No coração a minha Tirce achava.

Quem

Quem te arrancou da minha companhia?
(Dizia suspirando)
Se acordado gozar-te não podia,
Porque ao menos sonhando
Me não durou mais tempo esta alegria?

Oh quem pudera, amada Tirce, achar-te
Outra vez nos meus braços!
Mas como de hum Pastor, para apertar-te;
São indignos os laços,
Usou talvez comigo Amor desta Arte.

Quiz dar-me a conhecer, que com decencia
Hum Pastor não podia
Gozar a Tirce ainda n' apparencia;
E desta fantazia
O acaso tomarei por providencia.

Ordena-me a razão que me reporte,
Olhando os meus defeitos;
Mas no Mundo não só a fria morte
Faz iguaes os sujeitos,
Que Amor os sabe unir da mesma sorte.

Ah suspirada Tirce! Se eu pudera,
Assim como sonhei,
Subir de Rei á imaginada Esfera,
Fora mais do que Rei,
Se inda sendo Pastor, ser teu pudera!

TABELLA
ALFABETICA

De todos os Sonetos, que contém eſte primeiro Tomo, aſſinalados alfabeticamente com as paginas, em que vão lançados cada hum per ſi; e aſſim tambem todas as mais Obras.

SONETOS.

A

ODES.

ECLOGAS.

SONETOS.

C

CANÇÕES.

SONETOS.

D

CANÇÕES.

SO-

SONETOS.

E

ODES.

SONETOS.

F

SONETOS.

H

ECLOGA PISCATORIA.

EPIS-

EPISTOLAS.

TERCETOS.

SONETOS.

N

ODES.

SONETOS.

O

SONETOS.

P

EPISTOLAS.

BELIZA.

IDILIOS.

SONETOS.

Q

Que

ODES.

R

SONETOS.

S

ODES.

EPIS-

EPISTOLAS.

SONETOS.

T

SONETOS.

V

ODES.

EPISTOLAS.

FIM.

PROTESTAÇÃO.

AS palavras Numen, Fado, Deſtino, Divindade, &c. empregadas ſómente para melhor exprimir a ficção Poetica, não tem alguma couſa de commum com os internos ſentimentos do Author, que como obediente filho da Igreja em tudo ſe ſubmette ás determinações della.